

Universidade Federal de Juiz de Fora
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

Ismael de Vasconcelos Ferreira

**NEOPENTECOSTALIZAÇÃO DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO:
MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO ESCATOLÓGICA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS**

Juiz de Fora-MG

2014

Ismael de Vasconcelos Ferreira

**Neopentecostalização do pentecostalismo clássico:
Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior

Juiz de Fora-MG

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira, Ismael de Vasconcelos.

Neopentecostalização do pentecostalismo clássico : Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus / Ismael de Vasconcelos Ferreira. - 2014.

162 p.

Orientador: Arnaldo Érico Huff Júnior

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Assembleias de Deus. 2. Escatologia. 3. Gideões Missionários da Última Hora. 4. Neopentecostalismo. 5. Pentecostalismo. I. Huff Júnior, Arnaldo Érico, orient. II. Título.

Ismael de Vasconcelos Ferreira

**Neopentecostalização do pentecostalismo clássico:
Mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Júnior (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Zwinglio Mota Dias
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Gedeon Freire de Alencar
Instituto Cristão de Estudos Contemporâneos

*Para meus amores, Thassália e Rubem, por
todo amor, abnegação, paciência e
companheirismo.*

AGRADECIMENTOS

*“No final do caminho me dirão:
– E tu, viveste? Amaste?
E eu, sem dizer nada,
abrirei meu coração
cheio de nomes”*

(D. Pedro Casaldáliga)

O caminho percorrido teria sido mais difícil, e até impossível, se não fossem as pessoas que me acompanharam ao longo dele. Cada uma dessas pessoas me ajudou a superar os obstáculos e a manter firme o propósito que havia traçado.

Começo agradecendo à minha mãe, Iduina, às minhas irmãs, Márcia e Joara, ao meu pai, João, ao meu sogro e à minha sogra, Constâncio e Vasti, e aos meus cunhados, Myrna, Robson, Yasmine, Isabelle e Phillipe, por todo amor, cuidado, apoio e incentivo despendidos de maneira incondicional, estando sempre presentes, apesar da distância física. Agradeço também às minhas avós e a todos os meus tios, tias, primos e primas que também me acompanharam nesta jornada.

Agradeço aos amigos de Sobral que torceram (e ainda torcem) por mim, especialmente ao meu sempre “chefe” Gerardo Cristino e à minha querida e sempre presente amiga Nazaré; aos meus professores do Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA), pelo acompanhamento e incentivo, de modo especial à Filadélfia, Cândido, Márcio, Lucho, Eva, Lindemberg e Marisa; e aos amigos e irmãos da igreja Assembleia de Deus em Sobral, pela amizade e orações, especialmente ao amigo Joais.

Quero também agradecer, de modo muito especial, ao meu orientador, professor Arnaldo Huff, pela confiança, sabedoria, generosidade e paciência dispensadas a mim. Suas orientações me trouxeram a segurança necessária para continuar minha pesquisa, mantendo-me sempre na direção planejada.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR), expresse meus sinceros agradecimentos pela convivência e ensinamentos, especialmente a Emerson Sena, Rodrigo Portella, Volney Berkenbrock, Robert Daibert, Marcelo Camurça e Faustino Teixeira. Ao professor Zwinglio Dias, agradeço pelas valiosas correções e indicações durante o exame de qualificação. E ao Antonio Celestino, agradeço pela prestimosidade na secretaria.

Aos amigos que fiz no PPCIR, agradeço pelo carinho, alegrias e projetos realizados juntos, bem como pelas experiências compartilhadas. De modo especial, cito os amigos

Valdevino, Sueli, Nicolay, Nilza, Júlia, Andréa Silveira, Andréa Bernardes, Lidiane, Marcelo, Romi, Maria Luiza, Norma, Pedro, Matheus, Waldney, Suzana, Thiago Machado, Thiago Tavares, Elza, Vera, Luiz, Aron, Fábio, Carlos, Matteo e Plínio.

Agradeço aos amigos e irmãos da igreja Assembleia de Deus em Juiz de Fora, pelo apoio, amizade e orações, especialmente ao Isaías, Cleber, Cláudio, pastor Daniel, pastor Nelson e pastor Ezequiel. Sou grato também aos amigos Jackson, Fernanda, Oneximo e Custódia por estarem sempre próximos de mim e de minha família.

Aos amigos que conheci ao longo dessa jornada, por ocasião dos eventos que participamos juntos, agradeço as palavras de estímulo e o compartilhamento das experiências, em especial, ao Samuel, Sérgio, Marina, Edu e ao Gedeon, que além de compor a banca examinadora desta dissertação, presenteou-me com seus conselhos ainda antes de ingressar no mestrado.

À Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agradeço pelo financiamento desta pesquisa de mestrado.

Agradeço a Deus, pela vida e pelo cuidado que teve por mim e por minha família nesses dois anos.

Ismael de Vasconcelos Ferreira,
Juiz de Fora, 21 de fevereiro de 2014.

“Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens. Vendam o que têm e deem esmolas. Façam para vocês bolsas que não se gastem com o tempo, um tesouro nos céus que não se acabe, onde ladrão algum chega perto e nenhuma traça destrói. Estejam também vocês preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que não o esperam.”
Jesus Cristo

“Mas o fenômeno ‘evangélicos’ de hoje nada tem a ver com o protestantismo. Eles constituem uma nova religião, são uma nova versão do Cristianismo em que o centro de interesse se deslocou do ‘outro mundo’ (a salvação da alma) e da ‘ética’ (a justiça social) para a resolução dos problemas do cotidiano individual.”
Rubem Alves

*“Me fale qual foi o crente que um dia ficou com raiva de Deus?
– Sou dirigente do círculo de oração e orei para a minha filha passar na prova nacional e não passou. A filha da ímpia, minha vizinha, aquela Dalila, passou. – Comprei um carro zero, financiei, o banco tomou. Enquanto isso o ímpio já quitou o dele. – Deus, eu tomo posse do meu carro zero, da minha casa nova, do meu ministério crescendo! Só dá glória quem acredita!”*
Pregador pentecostal

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar e discutir as mudanças que vêm ocorrendo na concepção de escatologia das Assembleias de Deus, estudadas a partir do Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora. Para tanto, busca-se compreender a escatologia que rege a referida denominação a partir dos seus escritos doutrinários que permitem estabelecer um modelo bem próximo àquele que caracterizava o pentecostalismo clássico. Este modelo é descrito pela forma como os pentecostais se relacionavam com o mundo, adotando um caráter ascético e sectário promovido pelo anseio que tinham em viver o tempo futuro, considerando que somente a parusia traria o conforto imediato e definitivo ante as idiossincrasias do mundo hodierno. Da análise do congresso já referido, nota-se que, mesmo corroborando com pontos considerados essenciais ao pentecostalismo clássico, há um misto de novas convicções que são emanadas a partir das pregações proferidas no evento. Estas convicções estão mais afeitas a outro modelo de pentecostalismo que valoriza aspectos contrários a este, como a teologia da prosperidade, o pragmatismo, o imediatismo e o antropocentrismo, características que são do que se conhece atualmente como neopentecostalismo. À medida que se constatarem essas ênfases em um ambiente que representa o pentecostalismo clássico, percebem-se conflitos que vão de encontro à teologia pentecostal, notadamente à sua escatologia, justificando assim o título desta dissertação: neopentecostalização do pentecostalismo clássico.

Palavras-chave: Assembleias de Deus. Escatologia. Gideões Missionários da Última Hora. Neopentecostalismo. Pentecostalismo.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze and discuss the changes taking place in the Assemblies of God's conception of eschatology, studied according to the International Congress of the Missionary Gideons of the Latter Hour. For such, we seek to comprehend the eschatology that rules the aforementioned denomination from its doctrinal writings, which allow to establish a model very close to the classical Pentecostalism. This model is described according to the way Pentecostals interact with the world, adopting an ascetic and sectarian ethos promoted by the hope they had to live the future time, considering that only parousia would bring definitive and immediate comfort facing the idiosyncrasies of the modern world. From the analysis of the Congress it is remarkable that, even corroborating some points considered essential to classical Pentecostalism, there is a mix of new convictions coming from the sermons delivered at the event. These convictions are closer to another model of Pentecostalism, the one that values aspects such as the prosperity theology, the pragmatism, the immediatism and the anthropocentrism, features of what is currently known in Brazil as Neopentecostalism. Once these features are found in an atmosphere that represents the classical Pentecostalism, one can notice some conflicts in relation to Pentecostal theology, especially regarding its eschatology, and therefore justifying the title of this Master thesis: the neopentecostalization of classical Pentecostalism.

Word-keys: Assemblies of God. Eschatology. Missionary Gideons of the Latter Hour. Neopentecostalism. Pentecostalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
<i>Temática da pesquisa</i>	12
<i>Problemática e hipótese</i>	16
<i>Referencial teórico</i>	17
<i>Metodologia</i>	20
<i>Disposição do texto</i>	21
1 A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS	22
1.1 A compreensão mítica da escatologia pentecostal	23
1.2 Herança e consolidação doutrinária	27
1.2.1 <i>Influência escandinava e estadunidense</i>	28
1.2.2 <i>Agentes de formação local do ideário pentecostal</i>	30
1.3 Sistematização doutrinária da escatologia pentecostal	33
1.3.1 <i>Parusia: A “bem-aventurada esperança” dos pentecostais</i>	35
1.3.2 <i>O período pós-arrebatamento da igreja</i>	37
1.3.3 <i>O milênio e a “nova Jerusalém”</i>	39
1.4 A valorização do tempo futuro	42
1.4.1 <i>Vivendo o presente na esperança do futuro</i>	42
1.4.2 <i>Concepções de tempo no pentecostalismo clássico</i>	45
1.5 Ascetismo e sectarismo	48
1.5.1 <i>Desvalorização do mundo</i>	49
1.5.2 <i>Por uma ética de santidade</i>	55
1.6 Exaltação do sofrimento	59
1.6.1 <i>Perseguições no pentecostalismo clássico</i>	61
1.6.2 <i>“Nem só de pão viverá o homem”</i>	66
2 A (NEO)PENTECOSTALIDADE DOS GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA “ÚLTIMA HORA”	70
2.1 Origem e desenvolvimento do evento	72
2.1.1 <i>Breve histórico dos Gideões Missionários da Última Hora</i>	72
2.1.2 <i>O Congresso Internacional de Missões ou “Congresso dos Gideões”</i>	77

2.2 Os GMUH e o pentecostalismo das Assembleias de Deus	83
2.2.1 <i>Missões</i>	83
2.2.2 <i>Pregação</i>	85
2.2.3 <i>Fervor pentecostal</i>	91
2.3 Os GMUH e o (neo)pentecostalismo nas Assembleias de Deus	93
2.3.1 <i>A “última hora”</i>	94
2.3.2 <i>Afirmção do tempo presente</i>	95
2.3.3 <i>Rejeição ao sofrimento</i>	100
3 NEOPENTECOSTALIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES ESCATOLÓGICAS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS	103
3.1 Considerações sobre o neopentecostalismo	104
3.1.1 <i>Breve histórico</i>	106
3.1.2 <i>A teologia da prosperidade</i>	108
3.1.3 <i>Pragmatismo, imediatismo e antropocentrismo</i>	113
3.2 Conflitos com a escatologia pentecostal	115
3.2.1 <i>A descoberta do mundo</i>	117
3.2.2 <i>Parusia tardia ou (mesmo) inexistente</i>	119
3.3 Novas concepções de escatologia e de identificação com o mundo	124
3.3.1 <i>Escatologia pré e pós-milenarista</i>	125
3.3.2 <i>Promoção do evangelho versus promoção dos evangélicos</i>	127
3.3.3 <i>Ressignificação da doutrina da salvação</i>	131
CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICES	146

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A

Temas dos congressos realizados pelos Gideões Missionários da Última Hora – 1983-2013	147
--	-----

Apêndice B

Pregadores do congresso dos Gideões Missionários da Última Hora de 2012 classificados por convenção a que estão filiados	150
---	-----

Apêndice C

Pregação proferida pelo pastor Eduardo Silva no congresso dos Gideões Missionários da Última Hora de 2012	152
--	-----

INTRODUÇÃO

Temática da pesquisa

O pentecostalismo continua sendo o movimento religioso que mais cresce no Brasil. Dados do Censo 2010 dão conta de que os evangélicos de origem pentecostal alcançaram um crescimento de 44%, comparado com o Censo 2000. As Assembleias de Deus, principal denominação pentecostal brasileira, por sua vez, tiveram um acréscimo de quase 3,9 milhões de novos adeptos, totalizando 12.314.410 pessoas e passando a representar 48,5% do total de evangélicos de origem pentecostal e 29,1% de todos os evangélicos do Brasil (IBGE, 2012).

Este, portanto, é um cenário bastante profícuo para o implemento de pesquisas sobre o campo religioso brasileiro, tendo o pentecostalismo prevalência nestas pesquisas, por ser não só uma das práticas religiosas que mais crescem atualmente, mas também por aglutinar em si novas convicções doutrinárias que podem ser analisadas a partir da perspectiva da ciência da religião, mantendo o foco na questão mítico-doutrinária que considera relevante “ouvir a sabedoria contida no discurso religioso [tendo em vista que] ela nos remete a uma realidade humana profundamente enraizada no desejo” (ALVES, 1984, p. 48). A partir desta análise, é possível considerar essas novas convicções como rupturas e ao mesmo tempo continuidades do movimento nascente.

Tendo completado cem anos de implantação no Brasil em 2010, o pentecostalismo passou, e ainda tem passado, por importantes mudanças internas. Estas mudanças contribuíram para um pluralismo doutrinário dentro do próprio pentecostalismo. No início do movimento, o fiel pentecostal era reconhecido principalmente por seu caráter ascético e sectário. As doutrinas que lhe orientavam tornavam-no um ser estranho ao mundo em que vivia. Porém garantiam-lhe livre acesso a Deus e suas promessas. Por exemplo, a ênfase no falar em línguas estranhas (glossolalia) abria uma oportunidade que poucos tinham que era falar a “língua dos anjos”, um idioma especial que permitia ao fiel se comunicar com Deus de maneira secreta e direta. Outra ênfase que acompanhava o pentecostalismo clássico era a crença na volta iminente de Jesus Cristo para arrebatá-lo seu povo deste mundo (parusia), libertando-o de condições por vezes degradantes e proporcionando um viver pleno e feliz por toda a eternidade.

Se na primeira ênfase (glossolalia) o fiel recebia um consolo temporário ainda nesta dimensão, na segunda (parusia), este fiel seria eternamente consolado e revigorado, pois

deixaria este mundo¹, juntamente com todas as suas mazelas, e passaria a viver em uma nova dimensão. Ora, esta esperança dominava o pensamento dos pentecostais, de sorte que desprezavam toda e qualquer outra oferta considerada efêmera, preferindo investir seu tempo naquilo que os tornava mais próximos de Deus.

Estas convicções tiveram, durante muito tempo, exclusividade nos púlpitos das denominações pentecostais. A esperança de outra vida com Deus, nos céus, também contribuiu para o aumento no número de fiéis, tanto que o pentecostalismo, de acordo com as contagens oficiais ou mesmo não-oficiais, sempre apresentou um crescimento significativo (ALENCAR, 2010).

A partir da década de 1950, outro movimento passou a ser mais enfático no pentecostalismo. O movimento de “cura divina”, que já era adotado nas denominações do pentecostalismo clássico, mas ainda sem grandes alardes, ganhou especial atenção, com o surgimento de igrejas pentecostais que, mantendo aquelas outras ênfases (glossolalia e parusia), ressaltavam bem mais em suas reuniões a capacidade de Deus em curar quaisquer enfermidades. Mesmo mantendo as outras ênfases já referidas, a tendência era de haver um distanciamento destas, caracterizando este novo período como um pentecostalismo não mais clássico, mas de cura divina².

Com o passar do tempo, já no final da década de 1970, outras denominações pentecostais surgiram no país³ trazendo novas convicções doutrinárias. Nessa época, deu-se início ao que se convencionou chamar de “neopentecostalismo”⁴. A princípio, essas convicções não interferiram diretamente na agenda das denominações já existentes. Porém, alcançando rápida aceitação, passaram a influenciar indiretamente as denominações pentecostais clássicas.

Essas novas denominações tinham como características básicas a isenção de homogeneidade teológica, autonomia, valorizavam o carisma dos seus líderes, intensificavam o conceito de guerra espiritual contra o Diabo, defendiam argutamente a confissão positiva ou

¹ O termo “este mundo” e outras variações como “neste mundo” e “o mundo” é bastante utilizado pelos pentecostais a fim de expressar o momento em que vivem atualmente, o “século presente”. Este termo ainda denota a existência de um “outro mundo”, que seria um lugar sagrado para os crentes, a ser habitado após o arrebatamento da igreja e é comumente associado ao céu.

² Fazem parte deste período as seguintes denominações que se expandiram nacionalmente: Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962) (MARIANO, 2010).

³ A denominação que mais se destacou nesta época foi a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), tendo iniciado suas atividades em 1977, na cidade do Rio de Janeiro (MARIANO, 2010).

⁴ Este termo foi utilizado pelo sociólogo Ricardo Mariano que, através de sua dissertação, defendida em 1995, analisou as alterações que vinham ocorrendo no campo religioso brasileiro, notadamente entre as igrejas pentecostais. A fim de embasar sua classificação, ele utilizou-se das três ondas do pentecostalismo brasileiro, que também foi objeto de estudo do sociólogo Paul Freston em sua tese defendida em 1993, sendo que a última onda expressaria este movimento que posteriormente foi consagrado como neopentecostal (FERREIRA, 2011).

teologia da prosperidade e aboliram definitivamente estereótipos de santidade (usos e costumes) (MARIANO, 2010).

Esta variação do pentecostalismo inverteu o discurso que as instituições pentecostais clássicas mantinham, trazendo uma satisfação mais palpável do que as línguas estranhas que se falavam com Deus e uma esperança de vida plena mais próxima, ainda neste mundo, através da teologia da prosperidade, deixando de lado a ênfase na volta iminente de Jesus Cristo. Quanto aos rituais dos cultos pentecostais, Leonildo Campos pontuou que houve também alterações significativas:

Liturgicamente, fez-se do serviço religioso uma fonte de alegria, decompressão psicológica, lugar da música e da dança, um tempo destinado a recarregar a consciência de otimismo, esperanças e utopias, deixando-se para fora do templo as misérias do mundo. (CAMPOS, 1996, p. 102)

No pentecostalismo clássico também havia alegria, música, satisfação e utopias. Mas a resignificação dada por este novo pentecostalismo enfatizou esses aspectos com outro viés: se outrora a alegria “de aquém” seria brevemente substituída pela “de além”⁵, agora esta alegria seria vivida intensamente aqui, juntamente com outras virtudes que complementaríamos a felicidade. Rapidamente estas novas instituições fizeram desaparecer as preocupações escatológicas tão presentes no pentecostalismo clássico. A segunda vinda de Jesus Cristo, ápice da doutrina cristã pentecostal, foi deixada de lado e passou-se a valorizar mais “a satisfação das necessidades do aqui e agora de uma clientela pouco preocupada com o futuro distante” (CAMPOS, 1996, p. 115).

Apesar desta notória concorrência doutrinária e teológica, as instituições do pentecostalismo clássico, notadamente as Assembleias de Deus, mantiveram sua dogmática inalterada⁶. Porém, devido ao avanço desse novo pentecostalismo e da proximidade de suas doutrinas remanescentes com as do pentecostalismo clássico, este passou a ser influenciado diretamente pelas convicções daquele, não deixando de lado as antigas convicções, por já

⁵ Os termos “de além” e “de aquém” referem-se a uma música do hinário oficial das Assembleias de Deus (Harpa Cristã) que retrata exatamente a expectativa por viver eternamente com Deus em uma pátria celestial. Eis o trecho da música: “Sim, eu, porfiarei por essa terra de além; E lá terminarei as muitas lutas de aquém; Lá está meu bom Senhor, ao qual eu desejo ver; Ele é tudo p’ra mim, e sem Ele não posso viver” (Saudosa Lembrança, nº 2 da Harpa Cristã) (CPAD, 2008).

⁶ O Manual de Doutrinas das Assembleias de Deus no Brasil, elaborado pelo Conselho de Doutrina da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), contém o credo doutrinário desta instituição, que inclusive dá diretrizes sobre a “segunda vinda de Jesus”, conforme segue: “Cremos na segunda vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. A primeira, invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja da terra, antes da grande tribulação; a segunda, visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos. (Zc 14.5; 1 Ts 4.16,17; 1 Co 15.51-54; Jd 14; Ap 20.4).” (CGADB, 2006, p. 57).

estarem consolidadas documental e doutrinariamente, mas adaptando seu discurso à nova conjuntura estabelecida.

Mesmo não sendo teológica e sistematicamente possível manter duas convicções notoriamente antagônicas (a valorização da vida no céu em detrimento da vida terrena), as denominações pentecostais clássicas passaram, a exemplo das neopentecostais, a valorizar o tempo presente em detrimento do futuro. Isto só foi possível graças à flexibilidade doutrinária existente nas denominações neopentecostais, já caracterizadas como isentas de homogeneidade teológica, absorvida também pelas denominações pentecostais clássicas.

Sendo assim, por ser uma das primeiras denominações pentecostais instaladas no Brasil e ser a que mais se expandiu numérica e doutrinariamente, esta pesquisa tomará como base o caso das Assembleias de Deus, tendo como parâmetro um evento específico promovido por ela: o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora. A partir deste evento, buscar-se-á analisar as alterações que vêm ocorrendo na concepção escatológica da referida denominação e que permitem concluir que ela, enquanto denominação proveniente do pentecostalismo clássico, está se neopentecostalizando.

É fato que esta denominação, ao aderir às novas convicções dos novos movimentos pentecostais, como o caso do neopentecostalismo, passa por um processo de mudança de suas principais características definidoras. Daí que foi proposto o título “Neopentecostalização do pentecostalismo clássico” como forma de descrever este processo, considerando, neste caso, as Assembleias de Deus como representante deste pentecostalismo clássico.

Por sua vez, o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora, um evento que, pelo próprio nome (“Última Hora”), denota uma preocupação primária com as convicções escatológicas do pentecostalismo clássico, será a referência para a pesquisa. Este evento já faz parte da agenda do pentecostalismo no país, podendo ser considerado uma espécie de “Meca” para os evangélicos pentecostais.

Assim, esta pesquisa apresentará uma análise mais voltada para dentro do pentecostalismo das Assembleias de Deus, enfatizando sua escatologia, e para isso, utiliza como estudo de caso o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora. Deve-se ressaltar que apesar dos seus trinta anos de existência e ser um dos principais eventos pentecostais do país, este evento ainda não foi contemplado com uma pesquisa acadêmica em nível de pós-graduação.

Problemática e hipótese

O pentecostalismo foi uma das práticas religiosas mais ascéticas e exclusivistas do século passado (século XX). Porém, ainda no último quartil daquele século passou a sofrer transformações doutrinárias significativas a partir do surgimento das denominações chamadas neopentecostais, que trouxeram consigo uma mensagem parecida com a que já estava sendo praticada, mas acrescentando em inovações e reinterpretações do texto bíblico já consolidado pelos primeiros pentecostais.

Sendo o fiel pentecostal alguém que não se adequava ao *modus vivendi* contemporâneo, preferindo continuar a ter um estilo de vida simples e sem grandes aspirações “porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura” (Hebreus 13.14), encontrou neste novo movimento motivos a mais para manter-se “neste mundo” e, de certa forma, deixar de lado a visão mítica de uma vida futura, construída graças à doutrina escatológica pentecostal. O que outrora era negação passou a ser afirmação do presente século. Se outrora se buscava investir exclusivamente numa pátria futura através da santificação e conseqüente separação do mundo, aguardando com ansiosa expectativa a redenção prometida através da parusia, agora o mundo tem também seu valor e não deve ser desprezado como antigamente.

O discurso neopentecostal, que utiliza a teologia da prosperidade como embasamento, não seria tão contundente se fosse praticado sem sistematização e não houvesse apologistas que o credenciassem como válido. Não se trata, portanto, de um movimento paraeclesialístico, mas sim de um movimento surgido dentro do próprio pentecostalismo e que hoje compõe, senão o código de doutrinas, mas as convicções dos próprios fiéis pentecostais. Obviamente que isto ainda é pontual, apenas algumas denominações pentecostais optaram pelo novo modelo neopentecostal, mas é possível identificar dinâmicas que divergem significativamente do que agora está posto de modo oficial. É o que está se discutindo neste trabalho.

Diante deste quadro, propõe-se aqui uma pergunta básica que sugere outras: Estaria o pentecostalismo perdendo seu caráter primário de doutrinador e normatizador, deixando de lado o anseio veemente pela volta de Jesus e vivendo a “ansiosa solicitude pela vida” material e imediatista?⁷ O pentecostalismo, que outrora encheu de esperanças míticas a vida de milhares de pessoas estaria se transformando em uma recordação de uma saudosa mensagem

⁷ Um dos pontos que marcam a ascese dos fiéis pentecostais está embasado na leitura bíblica de Mateus 6.25: “Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?”.

de fervor e afirmação escatológica? Este pentecostalismo que lutou no tempo presente por uma vida plena no futuro estaria sendo transformado em um fato histórico do passado? Qual o papel das Assembleias de Deus, enquanto principal denominação histórica do pentecostalismo, nessa metamorfose que passa o movimento?

A possível resposta a estas perguntas sugere um estudo teórico da cultura do pentecostalismo e do neopentecostalismo já que, possuindo raízes comuns, mas surgimentos históricos distintos, em algum momento desse processo histórico, um mostrou-se mais evidente que o outro, ou seja, a cultura neopentecostal alcançou maior notoriedade do que a do pentecostalismo.

O crescimento, apontado pelos Censos, das denominações pentecostais e mais especificamente das Assembleias de Deus talvez não demonstre a relevância que esta denominação tem ante as demais, mas sim a pluralidade de instituições religiosas que se denominam “Assembleia de Deus” e que não mantêm nenhum vínculo doutrinário e fraternal com a principal convenção que rege consultivamente esta denominação⁸. A justificativa para isso está na existência dos mais diversos “ministérios” que identificam e diferenciam essas denominações⁹, além de defenderem pontos de vista doutrinários diferentes daqueles já postos oficialmente.

Sendo assim, as Assembleias de Deus, apontada como segunda maior denominação religiosa do país, não faria jus a esta colocação, já que não se trata de uma “Assembleia”, mas de várias “Assembleias”. E nesta categorização, passam despercebidos importantes conflitos internos que mais repelem do que aproximam essas mesmas denominações.

Referencial teórico

Para entender o processo de neopentecostalização pelo qual passa o pentecostalismo brasileiro, e este tendo como principal representante as Assembleias de Deus, é necessário analisar primeiramente a cultura em que o pentecostalismo está inserido. Entendendo sua cultura, que são suas crenças, seu conhecimento, seus costumes ou hábitos e que correspondem a caracteres próprios de uma comunidade (CUCHE, 2002), será possível

⁸ O órgão consultivo oficial e mantenedor das doutrinas desta instituição religiosa é a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) que congrega, fraternalmente, a maioria das denominações que utilizam o nome da instituição, não lhes exigindo diretamente nenhuma obrigatoriedade no seguimento dessas doutrinas ou fiscalizando a aplicação das mesmas.

⁹ Os dois maiores ministérios que hoje representam as Assembleias de Deus no país são amparados por duas convenções: a CGADB, já citada, e a Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil (CONAMAD), que dá suporte ao ministério Madureira.

estabelecer sua identidade, baseada não nos seus traços culturais distintivos apontados por alguém de fora da comunidade (certamente isto demandaria um trabalho etnográfico denso e prolongado e que talvez não alcançasse um ou alguns pontos cruciais para análise), mas sim naqueles traços culturais “que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural” (CUCHE, 2002, p. 182).

A identificação desses traços requer uma abordagem voltada exclusivamente para aquilo que mantém a religião plausível para o grupo que a compõe. Para isso, deve-se entender a religião em questão como portadora de mitos que construíram suas bases teológicas e doutrinárias ao longo dos tempos e que necessitam ser constantemente lembrados, a fim de não se perderem no tempo. Esses mitos correspondem às convicções mais remotas do pentecostalismo clássico que o identificavam como uma religião promotora de êxtases, voltada para a expressão de uma linguagem desconhecida dos humanos (glossolalia) e que aguardava o iminente retorno do seu Messias (parusia). Esses mitos foram repassados por várias gerações, ora pela oralidade, ora pela escrita, e nestes últimos tempos, tem a oralidade assumido novamente papel decisivo na manutenção ou repetição mítica.

Lévi-Strauss apontou que “o mito [é] parte integrante da língua; é pela palavra que ele se nos dá a conhecer, ele provém do discurso” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 240). O discurso pentecostal tem como marca definidora a importância que dá à oralidade. Mesmo este discurso estando registrado em seus materiais de ensino e outros documentos que amparam sistematicamente sua dogmática, dá-se primazia ao que é “falado” sobre esses escritos. Sendo assim, a transmissão oral é a maior mantenedora e/ou reguladora dos mitos do pentecostalismo.

O estudo dos mitos também é capaz de fornecer “informações sobre problemas estruturais numa sociedade” (HOCK, 2010, p. 148), já que o orador, no momento em que faz uso dos mitos para dar suporte ao seu discurso, remete-se ocasionalmente ao que lhe circunda, buscando na própria sociedade a explicação para a relevância dos mitos e assim reafirmando-os enquanto determinadores de comportamento dos ouvintes.

Por fim, os mitos tendem a revelar categorias opostas ou binárias, como defendeu Edmund Leach: “céu e terra (...) princípio e fim (...) morto e vivo, bom e mau, primeiro e último...” (LEACH, 1983, p. 58). Esta categorização permite uma aproximação ao discurso escatológico praticado pelos pentecostais e que é constantemente utilizado, embasado na oposição entre o sagrado e o profano (ELIADE, 1992).

Conforme já foi explicitado, todas as fontes primárias (que contém os mitos) utilizadas em seus discursos pelas denominações pentecostais estão escritas e documentadas. Mesmo assim, o papel do orador ainda é imprescindível por ser ele o encarregado de tornar estas fontes primárias atuais e relevantes para a comunidade. Sendo assim, observa-se na cultura pentecostal um misto de oralidade e escrita, tendo ambas significativa importância, porém a primeira tendo mais “vez e voz”. Esta dinâmica foi apontada por Ana Maria Galvão e Antonio Augusto Batista, ao afirmarem que “as culturas podem ser divididas em ‘orais’ e ‘escritas’, sem que seja considerada a coexistência do oral e do escrito na mesma época e no mesmo lugar” (GALVÃO e BATISTA, 2006, p. 423) e “o oral e o escrito coexistem incessantemente, havendo um trânsito contínuo entre esses dois modos de expressão” (GALVÃO e BATISTA, 2006, p. 425).

Ressaltando o papel significativo dos textos sagrados do pentecostalismo nesta cultura mista, os autores supracitados enfatizam a atualidade da oralidade em detrimento da cristalização da escrita, permanecendo esta “externa, parcial e atrasada” (GALVÃO e BATISTA, 2006, p. 407) e aquela, ao contrário, sempre íntima, abundante e atual. De fato, a oralidade no pentecostalismo tem um papel importante na reatualização dos mitos. Neste caso, os mitos tendem a ser tão alterados que, se comparados ao que foi escrito, há um notório distanciamento.

Acerca disso, Jack Goody, ao estudar os Bagre dos LoDagaa, em Gana, afirmou que ficou impressionado não com a quantidade de mitos que ainda eram passados graças à tradição oral, mas sim “por sua capacidade de mudar, não tanto de acordo com a estrutura social de um modo geral (seja como for definida), mas *com um uso mais livre e independente da imaginação criativa.*” (GOODY, 2012, p. 17, o *italico* é nosso).

Esta dinâmica também está presente no pentecostalismo atual e torna-se bem fortalecida em oportunidades onde a oralidade está mais presente, como em eventos promovidos por denominações pentecostais onde há o predomínio da pregação, ou seja, da exposição dos mitos através da oralidade. Nesses eventos, onde também há o predomínio da emoção, a oralidade tem um papel decisivo quanto à fixação dos mitos que se desejam aplicar. O uso de histórias com alto teor de emoção, ressaltando personagens memoráveis, torna a pregação uma importante ferramenta na argumentação e reificação daqueles mitos, não importando para a plateia a sincronia entre o que é dito e o que está escrito.

Deste modo, o responsável pela pregação tende a ser mais pragmático, abolindo do seu discurso definições abstratas que, no momento da prédica, não facilitariam a compreensão dos ouvintes. Ao contrário, “as palavras adquirem seu significado no contexto em que são

expressas, incluindo os gestos, as inflexões vocais, a expressão facial etc.” (GALVÃO e BATISTA, 2006, p. 413).

Assim, é possível compreender o problema proposto por este trabalho através deste ângulo, já que a cultura pentecostal, e conseqüentemente sua identidade, foi construída em cima de mitos fundantes que, no decorrer da história, foram sendo repassados por meio da tradição oral e cristalizados pela tradição escrita, mas ainda apresentando grande interferência da oralidade, sendo esta interferência capaz de reatualizá-los ou mesmo reformulá-los, como se defende aqui.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa constou de pesquisa bibliográfica e de análise de material audiovisual. Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados textos que fazem referência ao pentecostalismo clássico e ao neopentecostalismo. Para a pesquisa de análise de material audiovisual foi tomado como referência o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora, promovido pelas Assembleias de Deus em Camboriú-SC.

Para compor a pesquisa bibliográfica do pentecostalismo, e mais especificamente das Assembleias de Deus, foram tomados como fonte primária documentos produzidos pela própria denominação, como as Lições Bíblicas, que são periódicos utilizados em suas escolas dominicais e que compõem todas as suas doutrinas, sendo que serão privilegiados aqueles que ressaltarem escatologia, notadamente com relação ao arrebatamento da igreja e a vida ascética do fiel antes desse acontecimento. Como este periódico é produzido trimestralmente e sua existência praticamente coexiste com o tempo de existência da denominação, optou-se por analisar aqueles produzidos de 1970 até 2012. Apesar do grande número, é válido ressaltar que foram consultados apenas aqueles que fazem menção ao tema em estudo. Complementarmente, foram utilizados outros textos que fazem referência às doutrinas pentecostais das Assembleias de Deus produzidos ou não pela denominação.

Utilizando a mesma metodologia do estudo do pentecostalismo, o neopentecostalismo foi analisado através de textos publicados por reconhecidos pesquisadores que trazem basicamente uma discussão sociológica sobre ele.

Com o intuito de se constatar os questionamentos feitos ao pentecostalismo levantados por esta pesquisa, o Congresso Internacional dos Gideões Missionários da Última Hora foi tomado como estudo de caso. Para tanto, foram analisadas todas as pregações proferidas

durante o congresso realizado em 2012, tendo sido destacados no segundo capítulo alguns excertos dessas pregações, considerados significativos para a temática deste trabalho e ao final, no Apêndice C, consta a íntegra de uma dessas pregações. Quanto à análise ritual do evento, que contribuiu para sua descrição etnográfica nesta pesquisa, foi considerado o evento realizado em 2013. Devido à impossibilidade da participação presencial no evento, a assistência à exibição online (e ao vivo) tornou-se necessária, devendo-se ressaltar a boa qualidade da transmissão, refletida principalmente nos detalhes que eram transmitidos.

Disposição do texto

O trabalho foi composto em três capítulos. O primeiro, priorizando um aspecto mais teórico do pentecostalismo clássico, centrando-se principalmente nos seus documentos doutrinários, versa sobre “A escatologia pentecostal das Assembleias de Deus”, analisando a questão mítica da escatologia pentecostal, fazendo uma análise histórica sobre a herança e consolidação das doutrinas hoje utilizadas pela referida denominação, demonstrando de forma resumida a sistematização doutrinária da escatologia pentecostal e discutindo a forma como os pentecostais aplicavam esses conceitos fornecidos por sua dogmática através da valorização do tempo futuro, do ascetismo e sectarismo presente nas primeiras manifestações do pentecostalismo clássico e na exaltação do sofrimento.

O segundo capítulo, “A (neo)pentecostalidade dos Gideões Missionários da ‘Última Hora’”, analisa o caso do Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora. Trata-se de um estudo feito a partir da análise das pregações proferidas durante o congresso ocorrido em 2012, enfatizando-se, sobretudo, a questão da oralidade que é característica do evento. Contudo, aspectos históricos também são abordados, principalmente para se fazerem associações com as Assembleias de Deus e sua história.

Por fim, o terceiro capítulo, “Neopentecostalização das concepções escatológicas das Assembleias de Deus”, constitui-se em uma tentativa de discussão dos dois capítulos anteriores. Inicialmente faz-se algumas considerações sobre o neopentecostalismo objetivando estabelecer um marco teórico para a discussão que será feita em seguida com a análise dos conflitos do neopentecostalismo com a escatologia pentecostal e das novas concepções de escatologia e de identificação com o mundo no pentecostalismo das Assembleias de Deus.

1 A ESCATOLOGIA PENTECOSTAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Os pentecostais podem, em geral, ser reconhecidos como um grupo religioso que valoriza performances e êxtases, seguidos de barulho e línguas estranhas. Podem também ser reconhecidos pelo rigoroso modo como se apresentam, com seus trajes considerados modestos, sem valorização exterior do corpo, contribuindo para o estereótipo que normalmente os identifica. Contudo, estas expressões denotam outro aspecto muito relevante ao pentecostalismo clássico, podendo ser responsável, inclusive, por estas mesmas expressões. Trata-se do fim último, do agente motivador para essas expressões, que pode ser verificado a partir da análise das doutrinas que regem o pentecostalismo clássico, notadamente a escatologia, ou o estudo das últimas coisas.

A busca pela compreensão da dinâmica que rege o pentecostalismo clássico, aqui representado pelas Assembleias de Deus, em sua vivência no mundo secular é a proposta deste capítulo, tendo como base estudos já disponíveis sobre o assunto e, principalmente, a própria literatura da denominação em epígrafe, que constitui as fontes primárias desta pesquisa.

Para tanto, serão utilizados neste capítulo textos e ideias que não só apresentam a história do pentecostalismo das Assembleias de Deus, mas também a interpretam a partir de sua doutrina escatológica. Conforme será visto, foram tomados como referência textos que se dedicaram à análise e descrição do protestantismo histórico, que foi o responsável pela “moldura eclesiástica e *teológica* dos pentecostais” (MENDONÇA, 1990a, p. 19 – o *itálico* é nosso), tendo influenciado diretamente o pentecostalismo clássico, e outros textos que compõem o código doutrinário das Assembleias de Deus (revistas de escola dominical), produzidos entre 1970 e 2012, bem como outros materiais disponíveis que corroboram com a dogmática da referida denominação. A substância aglutinadora para a análise desses materiais é a escatologia.

Assim, objetivando cumprir com a apresentação do tema proposto para este capítulo, ele foi dividido em seis seções que o abordarão em perspectivas consideradas centrais para o entendimento do assunto.

A primeira tratará de descrever “A compreensão mítica da escatologia pentecostal”, buscando principalmente na antropologia da religião a interpretação para as questões que regem o universo religioso pentecostal. Na segunda seção, “Herança e consolidação doutrinária”, serão fornecidas informações históricas acerca da formação da teologia

pentecostal nas Assembleias de Deus no Brasil, destacando o papel dos missionários escandinavos e estadunidenses e de outros agentes que atuaram na formação do ideário pentecostal.

Tendo concluído esta parte introdutória, necessária ao embasamento teórico e histórico da teologia das Assembleias de Deus, a partir da terceira seção será discutida a escatologia pentecostal propriamente dita. Inicialmente, com a “Sistematização doutrinária da escatologia pentecostal”, serão apresentados três temas considerados cruciais ao entendimento da escatologia pentecostal, que são a parusia, o período pós-arrebatamento da igreja e o milênio. A seguir, na quarta seção, “A valorização do tempo futuro no pentecostalismo clássico”, serão apresentados os aspectos práticos da sistematização demonstrada anteriormente, analisando-se a forma como os pentecostais vivem o tempo presente e como interpretam o tempo a partir de duas definições (*kairós* e *cronos*).

Por fim, serão abordadas as consequências das duas últimas seções no pentecostalismo clássico, ainda corroborando com os aspectos práticos da escatologia pentecostal, que são expressos no “Ascetismo¹⁰ e sectarismo” e na “Exaltação do sofrimento”, observados nas primeiras expressões desse pentecostalismo e ainda hoje mantidos em sua teologia.

Com as informações veiculadas neste capítulo, espera-se contribuir com a literatura já existente do pentecostalismo, buscando lançar um novo olhar às idiossincrasias pertinentes ao fenômeno. Através desta leitura, pode-se, por exemplo, compreender as mudanças que vêm ocorrendo no pentecostalismo brasileiro, como uma identificação com o mundo outrora imperceptível.

1.1 A compreensão mítica da escatologia pentecostal

O universo religioso pentecostal é recheado de concepções míticas que visam dar sentido a realidades experimentadas cotidianamente pelos fiéis. Assim, a necessidade dessas concepções torna-se premente à medida que o homem, ser social que é, submete-se a questionamentos que põem em xeque suas certezas ou incertezas, fazendo-o refletir, por exemplo, sobre a origem das coisas ou mesmo o fim delas.

Pensar sobre a origem das coisas pode ser um exercício menos oneroso, já que se trata de algo que já passou e um resgate histórico poderia trazer o seu entendimento. No entanto, a

¹⁰ A utilização do termo “ascetismo” neste trabalho tem a ver com o modo em que os fiéis pentecostais viviam separados do mundo, buscando um estilo de vida que objetivava exclusivamente a glorificação de Deus em seus corpos. Trata-se do mesmo “ascetismo intramundano” de Max Weber (WEBER, 2004), contudo diferindo das concepções calvinistas em que os puritanos estavam embasados.

própria reconstituição histórica é composta de mitos que foram sendo repassados genealogicamente e que, cristalizados pela escrita, alcançaram um *status* de fato histórico difícil de ser questionado e por vezes compreendido.

Mas esses mitos não tratam apenas de dar explicações sobre o passado, mesmo porque é comum em algumas tradições religiosas (e neste caso o pentecostalismo) fazer projeções ou especulações acerca do que ainda está por vir. A ansiedade por conhecer os fatos referentes ao futuro também é capaz de construir mitos que tentam explicar, além da origem das coisas, o fim delas. E com isto, fazem com que indagações como “de onde viemos?”, “para onde vamos?”, “o que estamos fazendo aqui?”, “qual o nosso lugar no mundo?”, que denotam exatamente a dúvida, instabilidade ou desconforto ante o futuro, sejam tão comuns em círculos religiosos ou mesmo científicos.

Sendo assim, a compreensão mítica de algumas religiões sobre o passado ou o futuro, está embasada primordialmente em acontecimentos que se deram no passado, ou seja, regem-se de acordo com o que já foi preestabelecido anteriormente (LÉVI-STRAUSS, 1975). O caso aqui analisado (escatologia) tem seu surgimento na narrativa bíblica do novo testamento, a partir de mitos que ainda hoje têm importante significação para algumas religiões, dentre elas a pentecostal.

Considerando, portanto, a religião como uma porta para o transcendente, por tratar quase que exclusivamente deste, ela carece de mitos que a amparem, a fim de tornarem esse transcendente manipulável e plausível. Esta é também uma necessidade do ser humano, considerado um ser de transcendência (ELIADE, 1992) e que, amparado pelos mitos e a religião, busca afirmações que alimentem sua esperança e que tragam resposta a fatos outrora inexplicáveis do cotidiano, como a morte. É neste momento que mitos como o céu e o inferno, enquanto lugares de habitação eterna, fazem todo sentido para um fiel que tem que passar por uma situação assim, seja com um ente querido ou consigo mesmo, quando imagina-se nesta situação. Desta forma, na perspectiva pentecostal, quando o homem lança mão de mitos e da religião, ele está buscando a transcendência, ou seja, o “ainda não”, aquilo que ainda está por vir, o escatológico.

Nesta situação, o homem encontra “segurança e conforto” nos mitos, pois já não está desamparado e desesperançado, mas, graças a eles, consegue compreender a origem das coisas que lhe sobrevieram, ou que ainda acontecerão, e pode de fato descansar, acomodar-se.

Assim, os mitos têm uma influência considerável ainda hoje em meio às relações sociais do ser humano. Constantemente, ele busca neles o sentido das coisas ao seu redor, a fim de mantê-lo firme e seguro no mundo onde está inserido. Na verdade, esses mitos são

elementos fundantes também da cultura hodierna, notadamente a religiosa, e constituem-se “uma forma de manifestação genuinamente humana, a partir de uma necessidade intrínseca de um ser que possui o poder da imaginação e que precisa se localizar, explicar e se sentir seguro” (TOLOVI, 2011, p. 120).

Outra atribuição importante dos mitos e que ajudará na compreensão da escatologia pentecostal é a capacidade que eles têm de estabelecer categorias opostas ou binárias como bom e mau, homem e mulher, morto e vivo, primeiro e último, etc. (LÉVI-STRAUSS, 1975; LEACH, 1983). Essas categorias refletem bem a dualidade do universo religioso pentecostal, que também recorre a um certo maniqueísmo quando deseja explicitar suas crenças.

Dentro dessa estrutura binária há a necessidade de uma mediação que, de acordo com Edmund Leach (1983, p. 62) “é sempre alcançada com a introdução de uma terceira categoria, que é ‘anormal’ ou ‘anômala’ em termos das categorias ‘racionais’ comuns”. Esta “terceira categoria” representa a forma como os mitos são apresentados e sempre são assemelhados a personagens surgidos ou concebidos de maneira extraordinária e única. Por exemplo, nas histórias míticas, há sempre os “monstros fabulosos, deuses encarnados, mães virgens” (LEACH, 1983, p. 62) com funções de mediação com a categoria binária específica. No caso da escatologia pentecostal, enquanto promotora da categoria binária terra e céu, tem-se a Jesus Cristo como seu mediador. Este seria também um “deus encarnado”, como aquele citado anteriormente.

Ainda em outra análise do papel dos mitos, eles podem expressar problemas fundamentais, tanto humanos como sociais, e, nesse sentido, sua análise pode fornecer também informações sobre problemas estruturais numa sociedade (LÉVI-STRAUSS, 1975). De fato, e conforme já foi comentado anteriormente, faz parte do mito o papel de acomodar ou tranquilizar ante o inexplicável. Problemas complexos podem ter sido “resolvidos” com a criação dos mitos que hoje ordenam o mundo religioso e isto pode ser constatado através de uma análise desses mitos. Mas é preciso ressaltar que eles não constituem simples reflexos da sociedade, já que tendem a transcender a ela com a criação de alternativas, como a produção de modos de vida contrários ao que está posto à sociedade, independente da condição em que ela se encontre (ALVES, 1984).

Aplicando-se este breve referencial teórico ora exposto, é possível compreender os usos da escatologia em meio aos crentes pentecostais, notadamente das Assembleias de Deus no Brasil. Esses fiéis têm como características definidoras doutrinas que os acompanham desde a sua fundação no país, mas há uma que pode ser considerada como o ápice de toda a doutrina pentecostal, que é a parusia, ou a segunda vinda de Jesus Cristo à Terra para “buscar

seu povo”. A doutrina teológica que se aplica ao estudo deste assunto é a escatologia e, no pentecostalismo, remete-se sempre aos fatos condizentes ao futuro dos cristãos, às “últimas coisas” e, ainda, à fé nas soluções finais. Trata-se da “esperança das pessoas crentes de que a falta de acabamento de sua presente experiência de Deus será resolvida, sua presente sede por Deus preenchida, sua presente necessidade de livramento e salvação realizada. É a fé na resolução do ainda não resolvido.” (DALEY, 1994, p. 13 *apud* ROCHA, 2009, p. 26).

Esta esperança nas coisas que ainda estão por vir move o fiel pentecostal a viver sempre em busca do transcendente, no anseio de estar eternamente com seu Criador, de ter sua redenção completa, de habitar no lugar que Jesus Cristo foi preparar e assim, não mais sujeitar-se a situações de ignomínia e desprezo deste mundo temporal. Nesta esperança, ele descansa, encontrando, então, duas principais funções do mito: segurança e conforto (TOLOVI, 2011).

A escatologia pentecostal é também constituída de categorias binárias, já que defende a existência de um maniqueísmo que deverá ser eliminado quando o Messias, ou o mediador, que é Jesus Cristo, regressar à terra e retirar deste mundo os “bons” que convivem necessariamente com os “maus”. Da mesma forma, esta “vida terrena”, composta das mais diversas obras que contrariam a “santidade de Deus”, podendo ser consideradas como más, deverá ser substituída por uma “vida celestial” onde só há “gozo, paz e alegria”. Por fim, no momento da retirada dos “bons”, estes que agora vivem em “corpos corruptíveis”, deverão receber “corpos incorruptíveis”, que não sofrerão mais a influência do mal ou de qualquer outro sentimento restrito à vida hodierna (GILBERTO & ZIBORDI, 2011).

Uma possível justificativa para a existência desse mito é a crença na maldade e “pecaminosidade” do mundo que, de acordo com a escatologia pentecostal, já se encontra sem esperança de melhoria. Existindo, então, um povo que vive miticamente de acordo com esta doutrina, é dado a eles o direito ou o “prazer” de um dia, “desfrutarem de um novo lar, uma nova pátria”, um mundo não regido por leis humanas ou quaisquer outras conhecidas. E assim, deixariam o mundo hodierno à mercê da sua própria “pecaminosidade” (GILBERTO & ZIBORDI, 2011).

Ressalte-se que este mito não diz respeito somente a um futuro distante, pois o fiel que o observa procura desde já vivenciá-lo em seu cotidiano. Daí decorre a prática do ascetismo, ainda comumente observada em algumas tradições religiosas pentecostais, que procuram viver o agora como se já estivessem no (ou muito próximo do) fim, como se evidenciassem no presente a escatologia propriamente dita.

Assim, a espera pela parusia seria um momento de ansiedade, mas ao mesmo tempo de tranquilidade, pois estes fiéis, tendo convicção de que estão de acordo com o que o mito exige, aguardam confiantes o surgimento do seu redentor, Jesus Cristo, a fim de resgatá-los deste mundo e levá-los consigo para um lugar especial, há muito tempo preparado. Esta espera também é encorajada pela tradição bíblica, pois Jesus Cristo, em sua primeira vinda à terra, não teria implantado seu reino de maneira completa, apenas deixando ensinamentos acerca dele e incentivando seus seguidores a começar a vivê-lo ainda aqui, de maneira temporária. Com seu advento, esse reino seria implantado definitivamente, não mais aqui, mas nos céus, para onde os fiéis pentecostais creem que irão um dia, conforme reza a doutrina da parusia.

1.2 Herança e consolidação doutrinária

Para que as Assembleias de Deus chegassem onde atualmente estão, representando 48,5% do total de evangélicos de origem pentecostal e 29,1% de todos os evangélicos do Brasil (IBGE, 2012), certamente o trabalho de milhares de anônimos foi essencial. Foram eles quem primeiro ouviram e depois transmitiram, muitas vezes tentando repetir *ipsis literis* e na mesma tonalidade vocal, as falas e convicções que iam sendo doutrinadas em reuniões específicas voltadas para este fim. Isto marcou a identidade desta instituição centenária, já que é possível, ainda hoje, ver resquícios desta influência, seja nos documentos que caracterizam sua existência, seja no seu próprio discurso, efusivo, autoritário e carismático.

Esta herança pentecostal foi capaz de manter a instituição incólume durante muitos anos, sendo ainda beneficiada por uma época em que concepções plurais eram facilmente substituídas pelo tradicionalismo, assegurando assim sua fundamentação e abrindo caminho para sua posterior consolidação doutrinária. Mesmo com a segurança do tradicionalismo em vigor, não se sabia o que viria no futuro e que proporções esta instituição iria tomar, como a que está hoje evidenciada através de sua extensa representatividade no país, justificando uma preocupação com a cristalização de suas doutrinas, caso a situação fugisse do seu controle ainda no início de sua atuação.

Assim, tem-se hoje uma instituição complexa e gigantesca, mas que ainda mantém traços de seu pentecostalismo clássico. Isto graças a uma atuação efetiva dos primeiros missionários pentecostais que trabalharam na denominação e aos demais membros que também mantiveram o mesmo ritmo, atuando na doutrinação de um ideário pentecostal.

Historicamente, isto tem uma relevância significativa, pois representa os marcos fundadores desta denominação e servem para compreender como esta igreja ainda se mantém plausível para sua população de fiéis. É o que se propõe observar com a leitura a seguir.

1.2.1 Influência escandinava e estadunidense

A base teológica das Assembleias de Deus no Brasil começou com as convicções e doutrinações dos primeiros missionários escandinavos (suecos, noruegueses e finlandeses) que chegaram ao país a partir de 1910, tendo sido esses os responsáveis pela fundação da denominação no solo brasileiro em 1911. Foram eles: Daniel Gustav Högberg e Adolph Gunnar Vingren, mais conhecidos entre os assembleianos como Daniel Berg e Gunnar Vingren, respectivamente¹¹. Esta influência perdurou durante os primeiros cinquenta anos da denominação, ainda que não exclusivamente, já que “a partir dos anos 30, começaram a aportar no país missionários da Assembleia de Deus dos EUA, os quais, aos poucos, notabilizaram-se na orientação teológica dos primeiros obreiros brasileiros” (ARAUJO, 2007, p. 558).

O período em questão coincidiu com a época em que a direção da denominação estava sob o controle dos missionários escandinavos sendo que, durante uma convenção geral de pastores, ocorrida em Natal-RN no ano de 1930, esses missionários teriam abdicado do direito de continuar a presidir a denominação, deixando-a a cargo dos próprios brasileiros (ALENCAR, 2010)¹². Mesmo com esta saída e já com a presença de outros missionários estrangeiros, a influência escandinava ainda perduraria por alguns anos até que, a partir da década de 1950, mais nomes de missionários provenientes das Assembleias de Deus estadunidenses passassem a figurar com mais frequência em eventos denominados “escolas bíblicas” que eram realizados em todo o país a fim de formar teologicamente os obreiros da denominação¹³. Conforme observa Israel de Araujo (2007, p. 558, 559), “nesse período, inicia-se o processo de cristalização da teologia pentecostal no Brasil, pois somente com os missionários norte-americanos houve uma sistematização maior das doutrinas bíblicas da AD [Assembleia de Deus]”.

¹¹ Outros missionários escandinavos que complementaram o trabalho de formação teológica das Assembleias de Deus foram: Samuel Nyström, Nils Katsberg, Otto Nelson, Nels Nelson, Joel Carlson e Lars Erik Bergstén (ARAUJO, 2007, p. 558).

¹² Não é intenção deste trabalho discutir os fatos históricos que acarretaram essa mudança na direção das Assembleias de Deus. Para um melhor aprofundamento deste assunto, sugere-se a leitura do livro “Assembleias de Deus: Origem, implantação e militância (1911-1946)”, de Gedeon Alencar, publicado em 2010.

¹³ Os missionários estadunidenses que atuaram mais efetivamente no país nas décadas de 1940 e 1950 foram: Lawrence Olson, Leonard Pettersén, Teodoro Sthor e John Peter Kolenda (ARAUJO, 2007, p. 559).

Diante desse novo período de prevalência estadunidense, a teologia pentecostal das Assembleias de Deus, que outrora era repassada oficialmente através das escolas bíblicas onde os missionários escandinavos pautavam seus discursos preferencial e exclusivamente em textos literais da bíblia, algo que marcou consideravelmente a primeira geração de pastores assembleianos, agora tinha como referencial bibliográfico não apenas os discursos proferidos pelos missionários, mas um material teológico concreto, traduzido do inglês para o português, e que daria uma melhor direção às convicções doutrinárias da denominação.

Dentre as obras traduzidas e as produzidas pelos próprios missionários estadunidenses no Brasil, destacam-se duas de autoria do teólogo Myer Pearlman, e que foram traduzidas pelo missionário Lawrence Olson, denominadas “Conhecendo as doutrinas da Bíblia” e “Através da Bíblia”, sendo que a primeira alcançou grande aceitação no país, vendendo mais de 100 mil exemplares e considerada durante muito tempo “a Teologia Sistemática dos obreiros pentecostais brasileiros” (ARAUJO, 2007, p. 559). Isso na década de 1950. Observe-se aqui a ênfase dada pelos missionários estadunidenses às obras escritas em uma época em que a formação educacional do país ainda era precária, notadamente entre os pentecostais.

Deve-se ressaltar que, apesar do notório interesse dos obreiros brasileiros na teologia proveniente dos Estados Unidos em detrimento da que já vinha sendo divulgada pelos missionários escandinavos, não havia diferenças teológicas entre elas. O que diferia entre os dois eram os estilos de trabalho dos missionários. Os escandinavos tinham preferência por um estudo mais informal e menos burocrático, como eram as escolas bíblicas que normalmente aconteciam pelo país, em um curto período, sendo mais objetivas, visando um resultado mais rápido num curto prazo e beneficiando uma grande parte dos obreiros que não tinham formação escolar adequada. Já os missionários estadunidenses defendiam a instalação de institutos bíblicos¹⁴ que objetivavam um estudo mais formal da bíblia, tendo embasamento em livros de referência teológica e que, conseqüentemente, demandariam mais tempo de formação, algo semelhante ao que já vinha sendo colocado em prática pelas igrejas protestantes históricas já instaladas no Brasil (ARAUJO, 2007). Mesmo com essa aparente divergência, os dois estilos foram (e ainda são) utilizados pelas Assembleias de Deus.

¹⁴ Segundo Isael de Araújo (2007, p. 194, 195), “um dos argumentos utilizados pelos críticos dos institutos bíblicos era a expectativa da iminente parusia, já que a vinda de Cristo estaria tão próxima que não valeria a pena gastar tempo e recursos com a formação intelectual. A criação de instituições de formação teológica no seio da Assembleia de Deus brasileira, bem como a exigência de tal requisito para a consagração ao ministério, demonstrava também que a imanência do tempo presente se expandia em detrimento da transcendência do porvir, pois a própria morte ou a vinda de Cristo, considerados por eles como portais da vida eterna, estava cada vez mais distantes no horizonte de expectativas dos crentes.”.

As principais referências teológicas continuaram sendo as publicações provenientes de autores estadunidenses que são traduzidas, publicadas e distribuídas no Brasil pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), editora oficial da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), órgão que congrega a maioria dos ministérios desta denominação no país. Com isto, as Assembleias de Deus procuraram, ao longo dos anos, sistematizar suas doutrinas. E como ainda não havia teólogos autóctones no país, mantiveram como aliados os teólogos estadunidenses que, há muito, já vinham trabalhando nesta sistematização a fim de consolidá-las, marcando definitivamente as convicções pentecostais clássicas desta denominação. Aqui as Assembleias de Deus equiparam-se às igrejas protestantes históricas que também lançavam mão de material teológico e pastoral proveniente dos Estados Unidos e traduzido para a língua brasileira.

1.2.2 Agentes de formação local do ideário pentecostal

Fazia parte da estratégia de doutrinação das Assembleias de Deus a realização das escolas bíblicas para obreiros. Eram reuniões frequentadas exclusivamente por pastores da denominação, tinham uma curta duração e procuravam tratar de assuntos doutrinários concernentes à formação bíblica e espiritual dos participantes (ARAUJO, 2007). Essas “escolas” aconteciam, geralmente, em locais estratégicos e que fossem relativamente equidistantes para os participantes, a fim de receberem um grande número de pessoas. Os ministrantes dessas “escolas” eram, no início, os missionários escandinavos e, posteriormente, os estadunidenses também passaram a ministrá-las com mais frequência.

Como esses eventos contemplavam apenas uma pequena parte dos membros das Assembleias de Deus, principalmente porque muitos pastores não podiam se deslocar de seus mais longínquos lugares por motivos óbvios à época (fala-se neste caso das primeiras décadas do século XX), a denominação passou a utilizar também uma série de “estudos bíblicos” que compunham um periódico¹⁵ chamado “Boa Semente” e que era distribuído nacionalmente entre as igrejas (ALENCAR, 2010). Tratava-se de breves e sistemáticos comentários acerca das doutrinas defendidas pelas Assembleias de Deus e objetivavam divulgá-las a um maior número possível de pessoas a fim de tornar bem mais conhecido aquilo que era, muitas vezes, reservado apenas às “escolas bíblicas” exclusivas para obreiros (pastores) da instituição.

¹⁵ Ainda hoje faz parte da estratégia de formação confessional das Assembleias de Deus a adoção de materiais (periódicos) que trazem lições doutrinárias aos seus membros. Atualmente, esses periódicos são renovados a cada três meses.

Os primeiros “estudos” foram lançados em 1922, sendo escritos pelo missionário escandinavo Samuel Nyström. Esses escritos agora seriam repassados não somente aos pastores, mas também aos leigos que compunham as Assembleias de Deus. Havia, para isso, um momento adequado, que acontecia normalmente aos domingos, pela manhã, nas dependências das próprias igrejas. Devido à sua constância e boa aceitação por parte do público, logo este momento foi denominado de Escola Bíblica Dominical (EBD), iniciativa que marcou definitivamente a estratégia de normatização doutrinária das Assembleias de Deus, contribuindo para sua unidade doutrinária (ARAUJO, 2007).

Ressalte-se que este modelo era embasado ainda na influência dos missionários escandinavos, que defendiam uma abordagem de ensino mais prática e que lograsse resultados em curto prazo. Sendo assim, não se tratava de um ensino formal, pois essas lições diziam respeito unicamente às doutrinas que se estabeleciam na instituição, algo que caracterizava também o ascetismo vivido por ela e, além disso, eram ministradas por voluntários sem um mínimo de formação pedagógica adequada. Tratava-se de um “catecismo”, puro e simples, visando unicamente, naquele momento, a formação bíblica e espiritual dos membros.

Como o índice de analfabetismo à época era considerado muito alto¹⁶, algo que certamente era comum também entre os pentecostais, restava aos alunos e aos professores o recurso da transmissão oral. Isso não quer dizer que os alunos não tivessem acesso ao material escrito. Muitos até tinham, assim como também possuíam bíblias, mesmo às vezes não podendo lê-las¹⁷. Nessas reuniões de ensino, buscava-se dentre os membros da igreja, aqueles que expressassem mais desejo de “pregar”, o que implicava ter certo conhecimento bíblico, uma vida piedosa e soubessem se expressar em público (este último quesito poderia ser adquirido com a prática). A estes era atribuído o título de “professor” ou “mestre”, como foi posteriormente denominado pelos próprios periódicos¹⁸. Estes periódicos utilizados durante as aulas foram denominados de “Lições Bíblicas” e, com o passar do tempo, deixaram de compor o encarte do periódico primário que lhes dava amparo, passando a existir autonomamente.

¹⁶ Em 1950, por exemplo, muito depois do estabelecimento das Escolas Bíblicas Dominicais nas Assembleias de Deus, uma pesquisa nacional revelou que o índice de analfabetismo no Brasil era de 50,6% enquanto que o de escolarizados era de 36,2% (SCHWARTZMAN et al., 1993).

¹⁷ São muitos os “testemunhos” de antigos membros das Assembleias de Deus que aprenderam a ler através da Bíblia. Ainda que muitos não lessem, de fato, mas eram capazes de recitar “versículos” que aprendiam, ouvindo e repetindo os seus instrutores.

¹⁸ Os periódicos “Lições Bíblicas” inicialmente contemplavam apenas o público adulto e, com o intuito de auxiliar os professores voluntários, eram anexados neles um subsídio que detalhava alguns assuntos que deveriam ser ensinados, além de trazer informações úteis (pedagógicas) à prática do ensino. Para tanto, esses exemplares eram limitados somente aos professores ou “mestres”, como era destacado nos periódicos. Os demais exemplares eram de “alunos”, conforme também era destacado nos periódicos.

A primeira oportunidade de sistematização doutrinária das Assembleias de Deus aconteceu, portanto, por ocasião dessas “Lições Bíblicas” que eram ministradas nas Escolas Bíblicas Dominicais, sempre aos domingos pela manhã. A respeito da seleção dos textos, bem como dos assuntos a ser estudados, a CGADB era a responsável por apontar os pastores que deveriam decidir e elaborá-los. Logo esses pastores foram denominados “comentaristas” e passaram a ser conhecidos nacionalmente pelos membros da denominação.

Com ensinamentos embasados principalmente na interpretação literal dos textos bíblicos, uma característica do pensamento fundamentalista, os “comentaristas” tratavam de argumentar acerca de um tema específico. A referência teológica que utilizavam era proveniente, principalmente, dos teólogos estadunidenses que já tinham seus trabalhos publicados e traduzidos para o português, quando não era elaborada por um desses próprios teólogos que ocasionalmente residiam no país. Deve-se ressaltar, neste ponto, a influência recebida do movimento conservador estadunidense do século XIX que contribuiu consideravelmente para a teologia pentecostal brasileira (NOGUEIRA, 2002).

Por serem todos ligados à CGADB, expunham exclusivamente os pontos de vista considerados fundamentais e essenciais à manutenção de um ideal cristão estabelecido por este órgão, único responsável, à época, pelas Assembleias de Deus no Brasil. Isto caracterizou a verticalidade na aprendizagem da Bíblia onde havia “no ápice, uma instância de poder, e, na base, o conjunto dos crentes que aprendem de acordo com o que outros decidiram, escolheram, pensaram e formularam suas ideias” (ROLIM, 1985, p. 188).

Estas “revistas”, como ficaram depois popularmente sendo chamados os periódicos, renovavam-se a cada três meses. Raramente havia repetições de assuntos e, quando isto acontecia, tratava-se de uma mera coincidência nos títulos dos temas, sendo que o comentarista lançava um novo olhar (ressalte-se o cuidado com possíveis contradições) acerca daquele assunto.

Ao longo de três meses (ou trimestres, como logo foram denominados), a cada domingo havia o repasse sistemático e simultâneo de doutrinas que, conforme foi citado anteriormente, outrora beneficiavam somente a poucos. Agora, não só era franqueada a oportunidade, mas, em muitos casos, obrigada a participação de todos os membros.

Indaga-se, hoje em dia, como as Assembleias de Deus, com um modelo de gestão descentralizado e prescindindo de uma verdadeira estrutura formal de ensino, conseguiram manter durante tanto tempo uma uniformidade doutrinária em um país com dimensões continentais como o Brasil e em uma época em que não havia as facilidades dos meios de comunicação hoje tão comuns. Certamente, a EBD, que contava apenas com a voluntariedade

de milhares de fiéis que, sem nenhuma formação pedagógica, empenhavam-se em ao menos ler o que estava escrito nas lições, foi o diferencial desta instituição.

Atualmente, mesmo diante de um cenário religioso plural e competitivo, amargando a perda da exclusividade doutrinária, já que surgiram outros “ministérios” que acabaram por incluir novas concepções doutrinárias e lançar periódicos com um padrão semelhante de qualidade e argumentação¹⁹, a CGADB, através da CPAD, ainda mantém a preferência da maioria das Assembleias de Deus no Brasil e mesmo de outras denominações, ressaltando seus posicionamentos doutrinários e tentando manter unificadas suas convicções.

Com isto, seguem oficiais as crenças doutrinárias das Assembleias de Deus que a caracterizam como uma igreja pertencente ao pentecostalismo clássico, características estas que foram definidas por ela mesma, no decorrer de sua história, sob a influência de ideias e experiências religiosas advindas dos Estados Unidos e da Europa. São elas: a crença na glossolalia (ou no batismo com o Espírito Santo, tendo como evidência inicial o falar ou proferir um idioma desconhecido do crente) e nas profecias, a possibilidade da cura de enfermidades, a santidade como pré-requisito para todos os cristãos que desejam alcançar o favor divino, resultando finalmente na volta iminente de Jesus (parusia), que é a “bem-aventurada esperança” de todos os fiéis pentecostais das Assembleias de Deus e que marca o ideal defendido pelo pentecostalismo clássico.

1.3 Sistematização doutrinária da escatologia pentecostal

O código doutrinário estabelecido pelas Assembleias de Deus no Brasil está consolidado através das suas muitas obras literárias produzidas por sua editora oficial, a CPAD. Conforme se enfatizou anteriormente, estas doutrinas foram sendo elaboradas através da influência escandinava e estadunidense, principalmente esta última, ao incentivar o uso de material escrito à instituição.

Ao longo dos anos as doutrinas foram também sendo repassadas aos adeptos da igreja pela EBD, a partir de seus periódicos trimestrais, geralmente aplicando-as ao cotidiano dessas

¹⁹ A editora Central Gospel, de propriedade do pastor Silas Malafaia, que por sua vez preside a Assembleia de Deus Vitória em Cristo, no Rio de Janeiro, mantém a publicação do periódico “Lições da Palavra de Deus” que também é trimestral e compete diretamente com o da CPAD. Este ministério faz oposição direta à CGADB, tendo sido desligado desta convenção recentemente, por iniciativa do próprio pastor Silas Malafaia. Outro periódico que compete, mas indiretamente, com o da CPAD é o da editora Betel, de propriedade da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil, ministério de Madureira (CONAMAD). No entanto, este é mais utilizado pelas igrejas desta convenção, que não mantém laços fraternos com a CGADB.

pessoas ou mesmo trazendo textos tradicionalmente teológicos que serviam de referência a todo e qualquer membro que compunha a instituição.

Mais recentemente, e buscando preencher uma lacuna existente dentro da própria instituição, lacuna esta referente à ausência de uma sistematização própria das doutrinas defendidas pelas Assembleias de Deus no Brasil, foi elaborada por seus principais teólogos e publicada pela CPAD a “Teologia Sistemática Pentecostal”, uma obra que reuniu, utilizando as palavras do diretor-executivo da editora, Ronaldo Rodrigues de Souza, “os fundamentos históricos da nossa fé e o alicerce bíblico que nos leva a proclamar as verdades pentecostais” (GILBERTO & ZIBORDI, 2011, p. 9).

Com isso, a denominação procurou reunir, em uma única obra de referência, todos os itens que julgou necessários ao seu embasamento teológico que foram: Bibliologia, Teologia, Cristologia, Pneumatologia, Antropologia, Hamartologia, Soteriologia, Eclesiologia, Angelologia e Escatologia (GILBERTO & ZIBORDI, 2011). Nesta divisão, é possível ver uma evolução dos assuntos que se encaixa bem aos ideais defendidos pela instituição. Assim, ela teria a intenção de, didaticamente, trazer um embasamento bíblico e teológico para, em seguida, discutir suas principais doutrinas.

A tradição pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil tem como doutrina culminante, conforme se vê também na distribuição da sua teologia sistemática, a escatologia. Isto porque ela trata dos últimos acontecimentos que, de acordo com a crença cristã pentecostal, sobrevirão à igreja e ao mundo, interpretando trechos bíblicos que acreditam estarem relacionados aos últimos aspectos da vida humana.

Ademais, o discurso escatológico sempre esteve presente no pentecostalismo das Assembleias de Deus, sendo materializado em seu ascetismo e sua preocupação com “o fim dos tempos”. O fiel pentecostal é aquele que vive na iminência de um grande e surpreendente acontecimento que é a parusia ou a volta iminente de Jesus Cristo a fim de resgatar seus seguidores através do que se denomina arrebatamento²⁰ (ARAÚJO, 2010; OLIVA & BENATE, 2010). Por causa disto, os pentecostais acreditam viver os últimos dias ou, como

²⁰ De acordo com Claudionor de Andrade (2004a, p. 27), “o arrebatamento é a retirada brusca, inesperada e sobrenatural da Igreja deste mundo, a fim de que seja transportada às regiões celestes, onde unir-se-á, eterna e plenamente, com o Senhor Jesus”. A crença ainda afirma que, durante este acontecimento, os corpos dos fiéis seriam “transformados”, ou seja, passariam da corruptibilidade para a incorruptibilidade, não recebendo mais nenhuma influência da natureza humana conhecida. Esta transformação seria essencial para habitar no lugar em que, conforme creem os pentecostais [e muitos cristãos], Jesus Cristo teria ido preparar (João 14.2).

determina a crença dispensacionalista²¹, os últimos instantes da “dispensação da graça” que atualmente rege o ideal cristão pentecostal.

Passado este acontecimento, que é considerado a “bem-aventurada esperança” dos pentecostais, dar-se-ia sequência a outros, também pertinentes à escatologia pentecostal, quais sejam: o julgamento e a recompensa dos salvos, as bodas do cordeiro, a grande tribulação, a segunda fase da segunda vinda de Cristo, o julgamento das nações, o estabelecimento do reino milenial, o juízo final e o eterno e perfeito estado (GILBERTO, 1997)²².

Portanto, este item tem a intenção de apresentar, ainda que sinteticamente, esta doutrina que é considerada pelos pentecostais crucial à sua existência, já que envolve aspectos de sua vivência hodierna e de seu possível fim.

1.3.1 Parusia: A “bem-aventurada esperança” dos pentecostais

O termo parusia refere-se à segunda vinda de Jesus Cristo à terra, de acordo com a narrativa bíblica que é defendida pelas igrejas cristãs protestantes, para levar seu povo (seus seguidores) para o céu. A parusia seria o ápice da doutrina desta religião e é enfatizada pelo pentecostalismo clássico que sempre pautou suas crenças na defesa desse futuro acontecimento. Na verdade, existe uma forte aproximação entre essa doutrina escatológica e os pentecostais, que desde sempre ansiavam pela volta de Cristo e, enquanto isso não acontecia, procuravam pautar suas práticas em um estilo de vida ascético, visando uma preparação para viver em um novo mundo.

A iminência desse retorno de Cristo contribuía para esse estilo de vida dos pentecostais, pois, ainda de acordo com a doutrina, isto aconteceria de maneira abrupta e instantânea, “num abrir e fechar de olhos”. Esta expressão, inclusive, é muito utilizada nos redutos pentecostais, sobretudo quando se deseja fazer menção à necessidade de separação ou santificação dos fiéis ante o “mundo”, já que em uma vinda abrupta, não daria tempo de haver uma preparação demorada, e por isso os crentes já deveriam estar prontos para não serem

²¹ “O dispensacionalismo – espécie de filosofia cristã da história – sustenta a existência de sete dispensações, isto é, sete sistemas diferentes e sucessivos da relação de Deus com a humanidade, todos devidamente referidos na Bíblia. A primeira dispensação (ou época) foi a do homem em estado de inocência. (...) A segunda dispensação é a do homem em estado de consciência. (...) A terceira dispensação é a do domínio do homem sobre o mundo. (...) A dispensação seguinte é a do homem sob a promessa de Deus. (...) Na quinta dispensação o homem está sob o governo da lei. (...) A dispensação seguinte corresponde ao tempo do homem sob a graça. (...) A sétima e última dispensação refere-se ao milênio, o tempo em que a humanidade estará sob o governo pessoal de Cristo.” (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 124)

²² Não é intenção deste trabalho discutir cada um desses assuntos, mas ressaltar aqueles que podem ser considerados como pontos de transição de um grupo de acontecimentos a outros, tais como a parusia, o período pós-parusia e o milênio.

surpreendidos pelo acontecimento. Trata-se do fator surpresa da parusia que estimularia os fiéis a estarem atentos, a fim de não serem pegos desprevenidos²³.

Os escritos oficiais da denominação também continuam afirmando este acontecimento que compõe, inclusive, seu credo: “Cremos na segunda vinda premilenial de Cristo” (CGADB, 2006, p. 57). E acerca do anseio veemente pela parusia, observa-se, também, como uma das primeiras frases no capítulo concernente à escatologia no livro “Teologia Sistemática Pentecostal” a seguinte pergunta: “Qual o cristão fiel e sincero que não espera com ansiedade a Segunda Vinda?” (ZIBORDI, 2011, p. 488).

Outra referência à proeminência deste acontecimento está na comparação entre o amor de dois nubentes, momento em que a igreja e Jesus Cristo são simbolizados pela noiva e pelo noivo, respectivamente, registrada em um dos recentes periódicos utilizados na EBD:

Assim como Cristo ama a Noiva e suspira por sua chegada aos céus, também devemos nós, como seu corpo místico, almejar por sua vinda: “Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda” (2 Tm 4.8). Você realmente ama a vinda de Cristo? (ANDRADE, 2012a, p. 22,23)

Esta comparação retrata ainda o simbolismo que permeia as convicções pentecostais. De acordo com a escatologia pentecostal, uma vez que existem os nubentes, haverá futuramente a cerimônia que unirá este casal, que é o casamento. Este fato remete a um outro acontecimento escatológico que se daria após a parusia e que é conhecido entre os pentecostais como “as Bodas do Cordeiro”, ocasião em que, de acordo com a crença, deve acontecer o casamento da Igreja com Jesus Cristo. Em diversos momentos do texto bíblico, é feita a menção ao noivo e à noiva, como na parábola das dez virgens (Mateus 25.1), comumente recriada teatralmente nas igrejas pentecostais a fim de ressaltar a necessidade de preparação da noiva, que é a igreja, ante a chegada do noivo, que é Jesus Cristo.

Mas o modelo de devoção ao mito da parusia, seguido atualmente pelos pentecostais, não é recente. Trata-se de uma crença milenar, observada pelos cristãos primitivos, de acordo com uma interpretação própria dos pentecostais acerca do relato bíblico. Os cristãos pertencentes à “igreja primitiva” eram constantemente lembrados da iminência desse acontecimento, tanto que demonstravam, por exemplo, total desapego à materialidade das

²³ Acerca do tempo em que se daria a parusia, não é possível prever. A este respeito, há a comparação entre Jesus e o ladrão que não avisa quando virá, mas pode surgir a qualquer momento. Aqui há a notória associação ao *kairós* que se contrapõe ao *cronos*, já que, de acordo com a doutrina escatológica pentecostal, “Deus não considera o tempo da mesma maneira que o homem: ‘Um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia’ (2 Pe 3.8)” (SILVA, 2001b, p. 59).

coisas, preferindo prescindir destas a fim de garantir “um tesouro nos céus, aonde não chega ladrão e a traça não róí” (Lucas 12.33), conforme se pode também observar a seguir:

Escrevendo aos filipenses, o apóstolo Paulo afirmou: “Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20). Embora o cristão não tenha como evitar o lado “temporal” da vida, seu olhar deve fixar-se em sua redenção eterna. Jesus sabia da sedução que os bens terrenos podem exercer sobre nós e por isso advertiu: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração” (Mt 6.21). (ANDRADE, 2012b, p. 39)

Este ideal de vida acompanhou muitos crentes nas eras seguintes, contribuindo para a sistematização da doutrina escatológica pentecostal, que procurava valorizar o além ao invés do aquí.

Em meio a uma situação de cerceamento dos primeiros cristãos, como descrito na narrativa bíblica de Atos dos Apóstolos, devido à perseguição religiosa do governo em vigor, restava a esses cristãos uma esperança que era motivada pela mensagem que Jesus Cristo havia deixado entre eles²⁴. Esta mensagem consistia no fortalecimento através da fé em suas palavras que, dentre outras coisas, ressaltava a necessidade de padecer um pouco as agruras deste mundo enquanto ele mesmo, Jesus Cristo, não retornasse para resgatá-los. Assim, esta esperança era nutrida e almejada constantemente pelos primeiros cristãos.

Da mesma forma, as possíveis dores sofridas por esses cristãos representavam confirmações de que a vinda de Cristo estaria mais próxima²⁵. Sendo assim, além de serem injustificáveis, do ponto de vista legal da época, eram consideradas necessárias e por vezes prazerosas, já que demonstravam uma identificação com o Messias, que também havia sofrido essas (ou piores) dores e apontavam para o advento deste, ou seja, a parusia, acompanhadas de recompensas celestiais.

1.3.2 O período pós-arrebatamento da igreja

A doutrina escatológica pentecostal estabelece que, imediatamente após a parusia, ocorrerão ao menos três eventos relacionados à igreja e ao mundo. São eles: o tribunal de Cristo, as bodas do Cordeiro e a grande tribulação. Os dois primeiros seriam para a igreja

²⁴ O livro de Atos, no Novo Testamento, faz o relato da perseguição sofrida pelos primeiros cristãos pelo governo reinante da época. Tem-se, inclusive, o registro do primeiro mártir, Estêvão, que morreu apedrejado após um discurso em que fazia apologia à sua fé que, por conseguinte, era contrária a estabelecida pelo governo local (Atos 7.2-60). Após este acontecimento, deu-se início a uma caçada (literalmente) aos cristãos que habitavam em Jerusalém, fazendo-os se dispersarem pela região.

²⁵ A questão do sofrimento no pentecostalismo clássico será abordada mais incisivamente a seguir, em um item específico. Porém, considerando que este assunto é necessário ao entendimento da parusia, optou-se por trazer apenas uma breve revisão ainda neste item.

arrebatada, enquanto que o último diz respeito às pessoas que, após o arrebatamento, permanecerem no mundo. Há uma sequência na realização dos dois primeiros (inicialmente o tribunal de Cristo e depois as bodas do Cordeiro) enquanto que o último deverá acontecer simultaneamente aos dois. À medida que os dois primeiros serão realizados no céu, o último será na terra. Os dois primeiros são de alegria e o último, conforme o próprio nome afirma, de grande tribulação. O tempo de duração desse período, conforme reza a doutrina, deve ser de sete anos.

Estando a igreja já nos céus, por ocasião da parusia, os crentes deveriam passar por um processo de recompensa, que seria resultado de sua “responsabilidade individual como cristãos no que se refere às ações tanto as de caráter social quanto as espirituais praticadas em benefício do reino de Deus” (CABRAL, 1998a, p. 57). O tribunal ali instalado trataria de julgar, portanto, as obras desses crentes, e recompensaria todos aqueles que procuraram viver uma vida piedosa e de obediência a Deus enquanto estavam no mundo. A palavra “galardão” é muito utilizada pelos fiéis pentecostais para tipificar essa recompensa.

Essas obras a serem julgadas seriam o resultado, principalmente, da vida de ascetismo e santificação desses fiéis. Outrossim, diante de uma aparente perda de oportunidades desses fiéis devido a um trabalho constante e agressivo de proselitismo, enquanto estavam no mundo, a ideia da recompensa através do galardão viria satisfazer os anseios deixados para trás por ocasião do serviço que realizavam. Trata-se do prêmio outorgado àqueles que, reinterpretando as palavras atribuídas a Jesus Cristo em Marcos 8.35, “perderam sua vida por causa dele [Jesus] e do evangelho”.

Havendo Jesus Cristo recompensado seus fiéis pelo trabalho executado em prol do seu reino, seria dado início ao evento seguinte que, de acordo com a concepção pentecostal, tratar-se-ia de um evento festivo e expressivo da máxima relação entre Jesus Cristo e a igreja: “É a figura do casamento do esposo e a esposa, que aparece na Bíblia em várias passagens (Jo 3.29; 2 Co 11.2; Ef 5.25-33; Ap 19.7,8; 21.1-22)” (CABRAL, 1998b, p. 61). Este evento é composto de vários simbolismos que remetem, novamente, à condição ascética e de santificação da igreja.

A figura da noiva, representada pela igreja, ressalta a necessidade de preparação para o casamento e as núpcias. No pentecostalismo clássico, a valorização da pureza sexual, que deve ser observada até o casamento pelos fiéis, reflete o relacionamento que a igreja deve ter com Jesus Cristo e, conseqüentemente, com o mundo. Ele incentiva principalmente os jovens a manterem-se fiéis quanto ao uso de sua sexualidade, devendo “guardá-la até o casamento” e

aos casados a manterem-se fiéis aos seus respectivos cônjuges. Isto simbolizaria o mesmo relacionamento de Jesus Cristo com sua igreja, conforme se vê a seguir.

Primeiro, à igreja cabe a fidelidade ao seu noivo, devendo esperá-lo até o dia do casamento. A possível “traição” a este princípio é exemplificada pelo relacionamento (amizade) do crente com o mundo. Eventualmente, aquele poderia ceder às pressões e tentações deste, contaminando-se ou, utilizando o termo bíblico, “maculando-se”. Este deslize poderia acarretar na quebra do relacionamento e, conseqüentemente, implicar na perda da salvação. Eis a necessidade de constante “vigilância” por parte dos fiéis a fim de não se deixarem “enganar pelo mundo” que, de acordo com o texto bíblico “a amizade do mundo é inimizade contra Deus (...) [e] qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tiago 4.4).

Posteriormente, retribuindo a fidelidade do cônjuge, há a garantia de que o matrimônio durará para sempre, pelo menos enquanto um dos cônjuges estiver vivo, isto se referindo ao âmbito local. Sendo Jesus Cristo o noivo que anseia pela presença da sua noiva (a igreja) e tendo esta observado todas as condições impostas ao bom relacionamento de ambos, é assegurada a durabilidade deste casamento de maneira eterna. E a consumação desse casamento será durante as “bodas do Cordeiro”, exatamente a festa de casamento oferecida pelo noivo (o Cordeiro) à sua noiva (a igreja) em recompensa por sua fidelidade.

1.3.3 O milênio e a “nova Jerusalém”

Passados os sete anos do período pós-arrebatamento da igreja, a teologia pentecostal defende que deveria haver outro evento (mais duradouro – mil anos) que representaria um tempo de justiça, segurança, restauração, conforto e paz. Será “a manifestação plena do Reino de Deus na terra” (ANDRADE, 2004b, p. 69). Este período teria início a partir do retorno de Jesus Cristo, sendo que, dessa vez, não mais da forma como foi no arrebatamento, mas sim de maneira gloriosa, pois consta nas referências bíblicas atribuídas a esse evento que “todo o olho o verá” (Apocalipse 1.7). Nessa aparição, Jesus Cristo viria ainda acompanhado daqueles que ele levou no arrebatamento, ou seja, a igreja. Aí há uma ressalva que a dogmática das Assembleias de Deus faz questão de frisar: “Há uma diferença entre o arrebatamento e a vinda de Jesus em glória. Primeiro Ele vem *para* os seus (Jo 14.3). Depois, Ele vem *com* os seus (Mt 24.30; Ap 1.7)” (CGADB, 2006, p. 59 – os *itálicos* são da própria obra).

Estando o mundo praticamente destruído por causa do período da grande tribulação, seja uma destruição moral ou física, Jesus Cristo restabeleceria a ordem implantando um

governo teocrático capaz de restaurar todas as relações sociais, morais e mesmo religiosas, arruinadas paulatinamente durante este período. Seria um reino em que a plenitude de Jesus Cristo haveria de imperar, sendo ele próprio o rei. Teria ainda como características:

1. Justiça: somente os justos serão admitidos no reino. (...) 2. Obediência: foi o propósito original de Deus na criação do mundo o estabelecimento de um princípio de obediência completa e voluntária a Deus. (...) 3. Conhecimento universal de Deus: o conhecimento estará disseminado e determinado em toda a Terra. (...) 4. Paz e prosperidade. (...) 5. Longevidade. (...) Uma vez que o mal estará detido, a vida física dos habitantes da Terra naqueles dias não sofrerá tanto como hoje. É verdade que as pessoas não estarão isentas da morte. Mas viverão muito mais. (CABRAL, 1998c, p. 93)

Este relato parte do pressuposto de que, na teologia pentecostal, o reino milenial ocorreria após o arrebatamento da igreja. A importância desta assertiva está na sistematização dada pelas Assembleias de Deus que decorre da crença na parusia como único meio de redenção apenas dos fiéis (da igreja), crendo ainda que a grande tribulação serviria de punição para aqueles que não foram fiéis a Jesus Cristo e o reino milenial viria por um fim a todo o mal existente no mundo. Isto é também conhecido como pré-milenarismo.

É comum associar o milênio à redenção total e final dos pentecostais. Até mesmo entre os próprios pentecostais há resquícios dessa concepção. No entanto, de acordo com a sistematização dada pela teologia pentecostal, esse período de mil anos não compreenderia diretamente aqueles que participaram do arrebatamento da igreja. O milênio, conforme já foi explicitado, viria após a grande tribulação e teria como ponto inaugural o retorno de Jesus Cristo, agora não mais inesperado, posto que o tempo de duração desta grande tribulação seria de sete anos, juntamente com sua igreja arrebatada.

Sendo assim, não teria o milênio tanta importância para os pentecostais, já que a participação efetiva nele caberia apenas àqueles provenientes do período da grande tribulação. A igreja arrebatada participaria indiretamente desse período, já que estaria com Jesus Cristo nos ares, conforme é indicado a seguir:

Quem estará na Terra durante o Milênio? Estarão na terra, durante o Milênio, o povo de Israel e os gentios que houverem sobrevivido à Grande Tribulação e ao juízo das nações (Mt 25.31-41). A Igreja, como já o dissemos, estará juntamente com Cristo, regendo o mundo. Afinal, dele recebemos esta promessa (Ap 2.26,27). Não sabemos exatamente em que lugar encontrar-se-á a Igreja durante o Milênio: se no céu ou se entre a terra e o céu. De uma coisa temos absoluta certeza: com os nossos corpos já glorificados, estaremos reinando juntamente com Jesus. (ANDRADE, 2004b, p. 70)

Na verdade, a redenção total e final dos pentecostais dar-se-ia a partir da parusia, momento em que os fiéis terão seus corpos corruptíveis transformados em incorruptíveis,

assumindo não mais um caráter físico, mas espiritual. A partir de então, estariam isentos de quaisquer sentimentos ou influências do mundo físico, passando a viver em plena e eterna felicidade. Trata-se do resultado da “bem-aventurada esperança” dos pentecostais.

Esta concepção fez com que os pentecostais não ansiassem tanto por um futuro materialista, que lhes trouxesse descanso e realizações pessoais. Assim, a expectativa pela volta de Jesus Cristo (antes da grande tribulação) constituía-se sinônimo de esperança, alegria e ansiedade por acreditarem que a redenção das suas vidas estava por vir. Ao mesmo tempo, havia certo “contentamento” com a situação em que viviam. Não buscavam melhorias para si (durante muito tempo algumas igrejas proibiram seus membros de cursar universidades ou terem empregos em que os horários coincidiam com os do culto, por exemplo), não adquiriam propriedades ou imóveis, votavam, mas não faziam campanhas em prol de candidatos específicos e preferiam adotar um estilo de vida modesto. A justificativa para isso era que, estando Jesus Cristo às portas, não haveria muito o que aproveitar neste/deste mundo, a não ser a oportunidade para atuar na evangelização e no anúncio do seu retorno iminente. Ademais, acreditavam que um verdadeiro reino de equidade e justiça só ocorreria no final de tudo, quando houvesse o “eterno e perfeito estado”, isto é, após o milênio²⁶.

Em seus periódicos, as Assembleias de Deus buscavam sempre manter a convicção pré-milenarista em evidência, criticando diretamente as convicções contrárias afirmando que “algumas *seitas* que, renegando as verdades bíblicas acerca do arrebatamento da Igreja, ensinam que este mundo haverá de melhorar, pouco a pouco, até transformar-se num paraíso” (ANDRADE, 2004b, p. 69 – o *itálico* é nosso). Além do mais, tratavam de desviar a importância do milênio para a “nova Jerusalém”, crendo que esta seria a habitação definitiva dos crentes arrebatados:

Ora, se o Milênio é tão maravilhoso, o que não diremos da Nova Jerusalém? O primeiro, apesar de suas realizações, será imperfeito e temporário; o segundo não, pelo contrário, há de ser eterno e perfeitíssimo. Já pensou quando entrarmos naquela cidade, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus? Como descrever a formosa cidade? (ANDRADE, 2004b, p. 72)

Nesse sentido, a escatologia pentecostal promove “uma reação contracultural, que tira da cultura secular toda pretensão escatológica” (BONINO, 2002, p. 38). A verdadeira redenção estaria no além, prometida pelo salvador, Jesus Cristo, que haveria de vir a qualquer momento a fim de resgatar seu povo pelo arrebatamento para estar consigo eternamente. As

²⁶ Embora o milênio expresse uma amostra desse “eterno e perfeito estado”, creem os pentecostais que ele ainda não o será. Isto porque o milênio deverá ser vivido apenas por aqueles que não participaram do arrebatamento, ou seja, que passaram pela grande tribulação.

lutas de aquém estariam consumadas e, apesar dos constantes apelos deste mundo, nada haveria de confundir os pretensos moradores desta “nova Jerusalém”.

1.4 A valorização do tempo futuro no pentecostalismo clássico

O mito da parusia tende a produzir naqueles que o seguem mais interesse no que está por vir do que por aquilo que já é, ou seja, anseia-se pelo tempo futuro em detrimento do que se vive no presente. Isto porque o tempo que é vivido pelos fiéis pentecostais deve ser o “tempo do fim” e tudo o que corresponde a fatos que transcendem a regularidade do mundo seria “o fim dos tempos”.

Portanto, a mensagem pentecostal tem sua atenção voltada principalmente para a valorização do tempo futuro. E isto foi responsável pela sistematização com que essa mensagem era repetida constantemente entre as Assembleias de Deus, através dos seus discursos doutrinários, normalmente embasados em seus periódicos ou obras de referência.

1.4.1 Vivendo o presente na esperança do futuro

O *status* de “igreja peregrina” ou “povo peregrino” assumido pelo pentecostalismo clássico enaltece suas convicções doutrinárias quanto à efemeridade da vida humana. Isto porque, no imaginário pentecostal, a vida que se tem aqui não se constitui em um fim, mas o meio de se alcançar promessas a serem usufruídas por toda a eternidade. E essas promessas seriam de verdadeiras riquezas, incompreensíveis à mente humana comum por serem “duradouras e trazerem à alma plena satisfação e gozo, sendo inestimável em seu valor e eterna em sua existência” (FERREIRA, 1990b, p. 43).

A importância dessas “riquezas” é constatada diante da atitude dos pentecostais ao encarar eventuais perdas ou vilipêndios de maneira resiliente, estando implícita a convicção de que tais fatos decorrem exatamente da provisoriedade e finitude de suas vidas. Além do mais, isto contribuiria com a ascese aos valores humanos efêmeros a fim de corroborar com as convicções doutrinárias já estabelecidas e embasadas bíblicamente, como a descrita pelo apóstolo Paulo: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam” (1 Coríntios 2.9). Esta afirmação refere-se exatamente aos bens que aguardariam os fiéis na eternidade.

Por certo, as afirmações anteriores referem-se à crença pentecostal nas duas cidadanias, isto é, uma terrena e finita e a outra celestial e eterna. Esta binariedade marca

fundamentalmente o *modus vivendi* dos pentecostais, sendo que, na primeira, há o desinteresse por relações mais concretas com o mundo em virtude da importância da segunda, que exige uma ética de separação visando à santificação para a salvação eterna. Sendo assim, concepções a respeito de transformação social e bem-estar humano são desestimuladas, já que tudo isso teria um fim, diferentemente das concepções referentes à eternidade.

O que anima a Igreja, na presente habitação, é o seu destino eterno. Ela não se move no mundo numa peregrinação vã e sem sentido. Sem norte. Da mesma forma que sua vida não é apenas contemplativa, não se envolve também numa espécie pura e simples de ativismo, pois este se realiza e se esgota na própria ação. (COUTO, 1998, p. 27, 28)

Com essa crença, as primeiras denominações pentecostais no Brasil, e aqui se faz maior referência às Assembleias de Deus por terem se expandido mais nacionalmente, não investiam em divulgação ou estruturação de templos, preferindo acomodações mais modestas e em locais periféricos, próximos às comunidades. Semelhantemente, os responsáveis por essas denominações (pastores e missionários) não recebiam salários regulares, vivendo exclusivamente de contribuições avulsas como ofertas e dízimos e morando geralmente em casas construídas dentro ou próximo das igrejas, já que dedicavam integralmente seu tempo ao serviço eclesial. A justificativa para esse estilo de vida era de que a parusia seria iminente e não haveria motivos para grandes investimentos em uma obra que logo chegaria ao fim (FREESTON, 1994).

Os fiéis também procuravam ter esta mesma convicção, sendo orientados a não se contentarem com a vida hodierna, já que “nada neste mundo ofusca mais a visão do retorno de Jesus do que os cuidados com esta vida: o lar, os projetos para o futuro, as responsabilidades no trabalho, as dificuldades financeiras, etc.” (SILVA, 2001c, p. 64). Ressalte-se aqui a ênfase nas ações voltadas exclusivamente para a realização humana, material. Por se esperar uma redenção futura e definitiva, nada mais comum do que deixar de lado coisas que poderiam interferir nessa redenção.

É certo que todo esse ascetismo causava problemas cotidianos. A luta por um ideal cristão embasado exclusivamente na santidade ia de encontro ao modelo estabelecido pela sociedade secularizada²⁷. E assim, esses fiéis eram constantemente interpelados e mesmo criticados por adotarem um estilo próprio de vida que diferia dos padrões seculares. Suas

²⁷ O uso do termo “secularização” neste trabalho deve ser entendido como o despreendimento do homem religioso do mundo, da compreensão tipicamente religiosa. Trata-se da libertação do homem do controle religioso que deixa de dar atenção aos mundos do além e volta-se para este mundo e este tempo ou século (*saeculum* = era presente), absorvendo todas as suas idiosincrasias (COX, 1968).

ações objetivavam refletir a vida futura almejada, o que implicava na renúncia de pretensos benefícios terrenos. Isto poderia causar desânimo em alguns fiéis que, “atormentados” pelas ofertas terrenas, poderiam se deixar levar por elas. Por isso, eram constantemente alertados acerca da primazia da esperança futura em detrimento da já vivida neste mundo:

A terra é um lugar maravilhoso. Seus encantos são, por vezes, irresistíveis. Nossa alma, porém, suspira pela casa que Jesus nos foi preparar. E sabemos que ela é real. Por isso não temos de esmorecer (...). Não se desespere. A jornada logo chegará ao fim. Mais alguns passos e já avistaremos, nos portais da Jerusalém Celeste, o meigo e amoroso Salvador. (ANDRADE, 2012c, p. 93)

Habitar a “nova Jerusalém” ou “Jerusalém Celeste” era, portanto, o ideal cristão dos pentecostais, não importando quais dificuldades teriam que passar para alcançar tal objetivo. E assim, este fiel continuava primando pela vida futura, em detrimento da hodierna, ainda que isso lhe custasse um preço considerável a ser pago.

A hinologia das Assembleias de Deus ressalta este anseio através do seu hinário oficial, conforme o excerto a seguir:

Sim, eu, porfiarei, por essa terra de além;
E lá terminarei as muitas lutas de aquém;
Lá está meu bom Senhor, ao qual eu desejo ver;
Ele é tudo p’ra mim, e sem Ele não posso viver.
(Saudosa Lembrança, nº 2 da Harpa Cristã) (CPAD, 2008)

Para que não se perca este anseio ao longo dos anos, os periódicos da EBD e as obras literárias que hoje servem de embasamento às doutrinas das Assembleias de Deus, manifestam preocupação sobre o avanço da compreensão bíblica fora do contexto escatológico pentecostal que acarretaria um distanciamento das convicções outrora defendidas, como a valorização do tempo futuro. Assim, procuram sempre trazer à memória essas convicções, falando diretamente aos cristãos: “Querido irmão, breve Jesus voltará! Busquemos, pois, ter uma vida irrepreensível diante daquele que, em breve, virá buscar-nos. *Não podemos agir de maneira displicente como se fôssemos viver, neste mundo, por alongados dias.*” (ANDRADE, 2004c, p. 95 – o *itálico* é nosso) e ainda:

Vemos que os mensageiros conservadores – mas conservadores do ponto de vista bíblico (2 Tm 1.13,14) – são vistos por muitos como extremistas, descontextualizados ou politicamente incorretos. Isso, com certeza, é reflexo do *dúplice sinal* em questão. *O amor ao mundo faz-nos perder o amor a Deus.* (ZIBORDI, 2011, p. 493 – o *itálico* é nosso)

Ainda outro fator determinante da teologia pentecostal, que dá embasamento à escatologia e que é considerado peculiar aos pentecostais, é a ação do Espírito Santo através da glossolalia ou outras manifestações atribuídas a ele (profecias, visões, revelações, etc.). Creem os pentecostais que a efervescência desta ação nos últimos dias denotaria a iminência da parusia, pois, estando os fiéis em constante expectativa, estariam também mais propensos à ação do Espírito Santo que se manifesta, principalmente, através das línguas estranhas (glossolalia) (CORTEN, 1996). Isto justificava também o uso das palavras do profeta Joel, mencionadas pelo apóstolo Pedro, sobre as manifestações atribuídas ao Espírito Santo nos últimos dias e já vivenciadas pela igreja primitiva (Atos dos Apóstolos 2.16-21).

Sendo assim, o fiel pentecostal buscaria em todas as suas ações presentes, motivos ou recordações que o remetesse à esperança vindoura. Novamente, a vida hodierna não seria um fim em si mesma, mas um meio necessário para se alcançar a plenitude e a vida eterna de alegria, paz e justiça, conforme relata Geremias do Couto (2007, p. 88) no periódico da EBD: “Aguardamos o dia em que o Rei nos chamará ao nosso verdadeiro país, onde o nosso corpo abatido, desgastado e alquebrado pelas intempéries da vida, será transformado em um corpo glorioso.”.

1.4.2 Concepções de tempo no pentecostalismo clássico

As convicções doutrinárias outrora expostas fazem parte de um ideário místico e transcendente muito peculiar ao pentecostalismo clássico. Valorizando o tempo futuro, há um aparente desinteresse pelo tempo hodierno, já que este se passaria numa dimensão profana e estaria sujeito às intempéries inerentes à época. Esta convicção pode ser observada a partir da seguinte afirmação:

Escrevendo aos filipenses, o apóstolo Paulo afirmou: “Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20). Embora o cristão não tenha como evitar o lado “temporal” da vida [profano], seu olhar deve fixar-se em sua redenção eterna [sagrado]. (GONÇALVES, 2012b, p. 38)

A transição entre esses tempos (do profano para o sagrado) dar-se-ia a partir da parusia que ainda deveria acontecer, numa data desconhecida dos seres humanos, mas já plenamente determinada pela divindade, de acordo com a crença pentecostal. Por se tratar de um tempo ainda desconhecido e crucial para o futuro dos cristãos, requer-se deles maior cuidado neste tempo presente, justificando a preocupação que têm os pentecostais quanto às suas práticas

humanas que podem, porventura, impedi-los de participar efetivamente desse evento sobrenatural.

Por este relato inicial, é possível observar a existência de uma binariedade no mito da parusia. O binômio “sagrado e profano” pode ser representado pela vivência em santificação (resultado da separação do fiel do mundo) e anseio por estar logo com Jesus Cristo nos céus, deixando para trás uma cultura de ênfase material e pecaminosa. Assim, a separação entre o sagrado (o modo ascético de viver do cristão, em santificação) e o profano (a existência terrena desse cristão) expressaria a ansiedade pela vida futura numa “cidade celestial” em contraposição à existência terrena.

Isto implica ainda os conceitos de *cronos* e *kairós* enquanto explicação ao entendimento do tempo pela escatologia pentecostal. O primeiro, *cronos*, manifestaria o tempo conforme é entendido naturalmente, ou seja, a contagem comum; seria o tempo “cronológico”. Este é bem compreendido pelo homem. Por ele são regidas todas as ações humanas. Paralelamente, o *kairós* representaria o tempo de Deus, ou aquele pelo qual não se pode mensurar e que se dá na eternidade. Neste tempo mítico, que foge à compreensão humana, estariam todas as dádivas espirituais a serem conquistadas pelos cristãos após a parusia. Ele não seria algo ainda a acontecer, mas já estaria ativo, na eternidade.

Apesar do caráter mítico deste tempo (*kairós*), ele é também considerado e, de certa forma vivido pelo cristão, pois, na concepção de Mircea Eliade (1992), este seria o tempo do *homo religiosus*, o tempo que é gerido por Deus, o qual não sofre a interferência do homem, sendo este apenas um simples participante deste/neste tempo.

Destarte, as duas concepções de tempo descritas aqui apontam também para a binariedade do mito da parusia, já que esta se daria ainda no *cronos*, mas seria consolidada no *kairós*. Também, a parusia marcaria a transição de um tempo ao outro. Grosso modo, seria possível compará-la à transição do profano ao sagrado, ainda que isto, entendido miticamente, aconteça mesmo antes da parusia, pois os cristãos tendem a viver no *cronos* o *kairós* e vice-versa, sendo que a concretização do *kairós*, conforme já foi narrado, aconteceria por ocasião do advento de Jesus Cristo, na parusia.

A representação prática do *kairós* no *cronos*, que seria possível também compará-la com a sacralização do profano, acontece com a atuação da igreja (instituição religiosa responsável pela transmissão dos mitos) no mundo. Esta igreja, e no caso aqui abordado pentecostal, ressalta com veemência em seus credos, a iminência da vinda de Cristo. Porém, esta vinda não deve ser somente esperada, mas proclamada a todos, fazendo multiplicar esta

esperança entre todas as pessoas. Isto revela o caráter proselitista das igrejas pentecostais²⁸ que incentiva os seus adeptos a retransmitirem esta crença a outras pessoas na esperança de que elas também venham a crer e esperar no mito da parusia, além de ressaltar a necessidade do trabalho dessas igrejas, demonstrando não uma espera ociosa, mas ativa:

Aguardar a vinda do Senhor também implica ação. Estamos vivendo a era da graça, a era do Espírito, *a era do evangelismo*. Jesus ordena que a igreja trabalhe (Mt 28.19,20). Ele mesmo deu o exemplo quando disse que tinha uma comida para comer: realizar a vontade do Pai e a sua obra (Jo 4.34; 9.4). (SILVA, 2001c, p. 63 – o *itálico* é nosso)

Um resgate da narrativa desta atuação da igreja mostra que tal prática é proveniente ainda dos tempos cristãos primitivos que atuavam como buscadores de pessoas “pecadoras” a fim de terem “um encontro com Cristo”. Assim, essas pessoas também se tornariam comprometidas com a mensagem que lhes foi compartilhada, fazendo-as multiplicadoras da mensagem e buscadoras de novas pessoas para que, por fim, pudessem também usufruir da promessa mítica de viver o *kairós* no *cronos*, enquanto o primeiro não acontecia definitivamente. Esta ação deveria pautar toda a missão da igreja, corroborando com o que já foi exposto, que a mensagem mítica do retorno de Jesus Cristo ao mundo (parusia) seria o ápice da doutrina cristã pentecostal.

A transitoriedade da Igreja na Terra não significa, por outro lado, uma postura alienada e contemplativa, que aguarda apenas a conquista da recompensa final. (...) a falta de comprometimento, no presente, com as implicações da salvação poderá deixar o crente despido e desqualificado para apresentar-se diante do Pai e ser revestido da imortalidade. A salvação resgata o homem do mundo e lhe assegura a redenção definitiva do corpo do pecado, mas afirma também, aqui e agora, um compromisso consciente com o serviço cristão. (COUTO, 1998, p. 27)

Esta “missão” ou “serviço”, atribuída aos adeptos das religiões proselitistas, além de causar uma preocupação com o futuro, convence-os a crerem na efemeridade de suas vidas no mundo contemporâneo, fazendo-os relativizar os “valores” eventualmente considerados essenciais no mundo secular. “Na doutrina apostólica, os verdadeiros valores são os eternos e não os temporais. Sim, as verdadeiras riquezas são as espirituais e não as materiais” (GONÇALVES, 2012a, p. 29).

Ainda outro aspecto do mito da parusia é o fator surpresa. Nele, o fiel é instigado a viver no tempo presente de maneira vigilante e cuidadosa, pois reza a crença que a volta de

²⁸ Esta característica das igrejas pentecostais ainda é fruto da influência do evangelicalismo estadunidense que tinha como crenças essenciais a salvação para a vida eterna a partir da obra redentora de Cristo e a valorização do evangelismo e da obra missionária (MARSDEN, 1991).

Jesus Cristo dar-se-á repentinamente, de maneira súbita, não havendo tempo para posterior preparação. Biblicamente é comparada à chegada de um ladrão²⁹ em uma residência que certamente não o esperava, e que arrebatava seus bens mais preciosos sem que possa fazer nada para impedir. Isto encoraja os fiéis a estarem sempre alertas quanto à existência do mito, a fim de não se contentarem com o tempo presente, deixando de lado a expectativa pela vida futura, sabendo que este acontecimento poderia acontecer a qualquer momento.

Isto reflete, novamente, a importância dada ao tempo sagrado (*kairós*) que, miticamente, controla o tempo profano (*cronos*). Apesar de não se ter conhecimento acerca do tempo em que ocorreria a parusia, este já teria “dia e hora” marcados de acordo com esta compreensão do tempo sagrado. Daí que a volta de Jesus Cristo deveria ser esperada a qualquer momento, já que a temporalidade divina é diferente da humana, sendo aquela regida pelo *kairós* e esta pelo *cronos*.

1.5 Ascetismo e sectarismo

Em prol de uma experiência transcendente, que teria como ápice a redenção dos fiéis deste mundo e de tudo o que ele proporciona, o pentecostalismo clássico manteve em seus primórdios um ideal de práticas e comportamentos austeros, embasado em uma doutrina (escatologia) que defendia a efemeridade do mundo diante da volta iminente de Jesus Cristo. Esta convicção acarretava um sentimento de desvalorização do mundo, estando incluídas aí todas as relações pertinentes a ele. O fiel pentecostal “estava no mundo, mas não era do mundo” e, conseqüentemente, não podia se deixar levar pelos valores deste, já que almejava um lugar cujos valores excediam quaisquer riquezas materiais. Seja qual fosse a aparência de simples interesse por quaisquer atrações consideradas humanas, haveria o sério risco da perda das bênçãos espirituais já alcançadas, o que denotava um sério desvio por parte do fiel (apostasia), descaracterizando um ideal de separação exclusiva para Deus.

Este comportamento levava esses fiéis a adotar um estilo de vida embasado numa ética de santidade considerada necessária ao usufruto dessas bênçãos. Para isso, além de desvalorizar o mundo, se investiam de um modo de vida voltado exclusivamente para a adoração divina, procurando viver um modelo de santidade embasado na tradição bíblica e livre de quaisquer interferências profanas.

²⁹ “Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa” (Mateus 24.43) e “Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como ladrão de noite.” (1 Tessalonicenses 5.2).

A caracterização deste estilo de vida do pentecostalismo clássico gerou uma comunidade ascética e com características sectárias que marcou historicamente os primeiros anos do movimento no Brasil, deixando em sua teologia rastros de um fundamentalismo que poderá ser visto a partir da leitura a seguir. Deve-se ressaltar que o ascetismo promovido pelo pentecostalismo clássico era muito semelhante àquela “ascese intramundana” do protestantismo europeu, analisada Max Weber (WEBER, 2004). A ressalva que se faz é que neste pentecostalismo clássico não havia espaço para as convicções calvinistas, identificando-se apenas com a ideia de glorificação a Deus por meio de um rigoroso *ethos*, valorizando a comunhão plena com Deus e desprezando o pecado emanado das possíveis relações com o mundo secular (MENDONÇA, 1995).

1.5.1 Desvalorização do mundo

Observando-se o pentecostalismo clássico através de suas doutrinas, é possível constatar uma notória recusa aos valores promovidos pela sociedade. E a aparente identificação dos pentecostais com esses valores poderia causar a perda da salvação já alcançada. Isto acarretava o surgimento de uma sociedade paralela e de substituição através de uma descontinuidade das denominadas “velhas práticas” em benefício de uma vida de retraimento que procurava expressar uma mudança de caráter (“novo nascimento”) com valorização de aspectos considerados espirituais.

Neste sentido, Ricardo Mariano afirmou que:

Ser membro de uma igreja pentecostal implicava severos sacrifícios. O preço pago em troca do conforto espiritual, da certeza na salvação, da cura e da participação na comunidade dos eleitos era altíssimo. O crente deveria observar toda uma série de proibições, prescrições legalistas e tabus comportamentais. O “novo nascimento”, tal como no puritanismo, exigia que o fiel se comportasse como um monge. (MARIANO, 2010, p. 226)

Esta dinâmica do pentecostalismo clássico acabou por fortalecer um estereótipo que a sociedade brasileira já havia associado ao protestantismo histórico, baseado naquilo que eles não eram ou não faziam como fumar, beber, dançar, ter vida sexual extramatrimonial e não se vestir de acordo com a moda (VELASQUES FILHO, 1990a). Estas “inclinações pecaminosas”, quando praticadas, poderiam levar o fiel a se desviar do ideal já estabelecido e, conseqüentemente, fazê-lo perder a salvação. Por isso, eram incitados a “renunciar aos prazeres mundanos, compreendidos como ciladas do Diabo, por meio do padecimento e da mortificação da carne” (MARIANO, 2010, p. 190). Nesta afirmação, Ricardo Mariano faz

menção da possível atuação do Diabo enquanto agente responsável pelos infortúnios que sobreveem às pessoas. Trata-se de uma interpretação bíblica em que todas as mazelas do homem só podem ser de origem diabólica, agindo de acordo com a procura e liberação desse próprio homem, ao buscar satisfazer seus próprios desejos. A solução encontrada para reverter ou impedir essas mazelas seria o estabelecimento de um modo de vida ascético, voltado exclusivamente para os desígnios divinos e eclesiásticos, representados pelas doutrinas que orientam os fiéis. E essas orientações visavam o desprezo pelo mundo e, se necessário, à própria vida, isto é, aos desejos inerentes dela, conforme relata o comentário a seguir, extraído das Lições Bíblicas da EBD:

A Bíblia ensina de modo claro e direto que os filhos de Deus devem abster-se da prostituição, ou seja, de todo o tipo de infidelidade conjugal e da prática do sexo fora do casamento. Nos dias presentes, essa mensagem tem grande valor, pois vivemos em um mundo voltado para o sexo antibíblico, profano, vulgar e sem amor. Todavia, os crentes em Jesus têm o dever de ser “sal” e “luz” neste mundo. (RENOVATO, 2005a, p. 43)

Assim, o pentecostalismo clássico desestimulava quaisquer práticas reconhecidas de satisfação corporal. Seus fiéis eram instigados a julgar simples ações cotidianas (por exemplo, o lazer e o acompanhamento da moda) como algo capaz de desviar o foco do cristão, podendo inclusive levá-lo a pecar por estar cedendo a desejos e prazeres da carne e assim afirmando um possível interesse às coisas do mundo. Dessa maneira, expressavam aversão a um pretense materialismo proveniente da adesão a essas práticas, temendo que isto pudesse torná-los indiferentes às suas tradições, preferindo abdicar de seu bem-estar a perder a comunhão com a igreja, conforme afirma *Ciro Zibordi* (2011, p. 494) na Teologia Sistemática Pentecostal: “O materialismo torna as pessoas indiferentes ao Criador. Os antediluvianos só pensavam em seu bem-estar; sentiam-se seguros. E é assim que muitos, em nossos dias, estão se comportando.”. E complementando esta afirmação:

Neste modelo, os fiéis primam por uma ascese ao que consideram bens de ostentação material, tais como: frequentar determinados ambientes sociais, usar roupas de grife ou consideradas de moda, ornamentar-se com adereços e joias, praticar determinados esportes etc. A renúncia a tais bens se dá em nome de um bem maior: a riqueza espiritual. (PROENÇA, 2010, p. 363)

Mas, de acordo com o que se vem defendendo neste trabalho, esta aparente aversão ao mundo é devida principalmente à doutrina escatológica defendida pelas Assembleias de Deus. Por crerem na transitoriedade deste mundo e estarem desesperançados quanto à sua transformação, exatamente por acreditarem na exclusiva redenção advinda dos céus, não

haveria tempo para pensar no presente, ainda mais se levando em conta o caráter iminente da parusia. Restava-lhes apenas a defesa de uma pureza moral que os afastava de quaisquer manifestações culturais da comunidade em que viviam, ainda que isso resultasse em um isolamento social, algo que já seria comum entre eles, pois já estariam acostumados à marginalização (ALENCAR, 2010).

Havia ainda, entre os pentecostais, um desapego à aparência dos seus templos, pois “toda beleza e todo ornato eram considerados supérfluos e pecaminosos” (MENDONÇA, 2008, p. 55). Os próprios periódicos doutrinadores das Assembleias de Deus também tratavam de nortear o modo de vestir dos seus fiéis da seguinte forma: “O crente renovado, seja mulher ou homem que quer agradar o Senhor (Rm 14.18) não aceita a orientação do espírito do mundo quanto à moda. O mundo não tem direito de determinar o modo de trajar do crente.” (BERGSTÉN, 1984, p. 55). Isto contribuía para o modo como seus fiéis se vestiam, podendo mesmo ser reconhecidos de longe.

A arquitetura de suas construções obedecia ao mesmo padrão, devendo abolir quaisquer aspectos que lembrassem outras construções clássicas da época. Por se tratarem de templos, preferiam assumir um estilo próprio, mas considerado simples. O intuito não era a grandeza e suntuosidade, mas a utilidade. Com isso, não importava se o templo fosse apenas um enorme quadrado vazio e situado em um logradouro desconhecido. Importava se fosse funcional, capaz de congregar todas as pessoas que ali fossem (MENDONÇA, 2008). A justificativa, que era bíblica, para tal determinação era de que “Deus não habita em templos feitos por mãos de homens” (Atos dos Apóstolos 7.48). Sendo assim, não seria o ornamento ou a suntuosidade que faria com que a divindade habitasse naquele lugar, mas a simplicidade e a sinceridade daqueles que ali congregavam.

Em respeito a esta ética de desvalorização do mundo pelo pentecostalismo clássico, há que se ressaltar ainda o sistema simbólico que permeia suas concepções. A visão dualista do sagrado e do profano constantemente interpela os cristãos acerca de suas práticas e tende a valorizar sempre o sagrado e desprezar o profano (CAMPOS, 2002). Com isso, todas as relações advindas de uma convicção elaborada a partir das doutrinas seguidas pela denominação poderão (e deverão) ser seguidas, já que estariam expressando a vontade divina para o fiel. Já as convicções reconhecidamente provenientes de uma evolução social, deveriam ser desprezadas por expressarem atitudes profanas. Há nisso um notório descompasso quanto à existência humana e sua necessidade de relacionar-se com o mundo em que vive (sua imanência) e a proeminência da natureza espiritual do homem (sua transcendência). O pentecostal não procurava viver sua vida de acordo com a imanência dela,

mas preocupava-se em trazer suas concepções transcendentais à imanência, objetivando assim um viver sagrado na esfera do profano, uma hierofania (ELIADE, 1992). A tendência era de desprezar completamente as ações exclusivas do mundo e tentar viver nele a partir de ações que promovessem, principalmente, seu bem-estar espiritual.

Assim, o caráter ascético e separatista do pentecostalismo clássico contribuiu consideravelmente para o estabelecimento de uma ética de retraimento e não envolvimento social dos pentecostais a mudanças internas que poderiam alterar seu modo de discernir as coisas espirituais. A estratégia, portanto, era manter-se cada vez mais distante daquilo que acarretaria essa transformação. Isso fez deles uma comunidade sectária que procurava viver a partir de suas próprias convicções, mas também gerou comportamentos aparentemente alienáveis quanto aos problemas sociais e políticos que os circundavam, a exemplo dos protestantes estadunidenses dos séculos XIX e XX, representantes que eram do movimento evangélico (MARSDEN, 1991).

Esse posicionamento sempre foi defendido pelas denominações pentecostais. Os primeiros missionários estrangeiros que trouxeram o pentecostalismo para o Brasil tinham um discurso reconhecidamente escatológico, com ênfase na parusia e na experiência com o Espírito Santo. Não havia entre eles uma preocupação com a condição social ou política do país. Pelo contrário, consideravam apenas a condição espiritual do homem a fim de que ele pudesse alcançar o favor divino e assim ter direito ao perdão dos seus pecados e, conseqüentemente, à salvação. Era um reflexo da experiência religiosa que haviam tido recentemente nos Estados Unidos, antes da chegada ao Brasil, e que visava exclusivamente à preparação espiritual do homem a fim de aguardar o retorno iminente de Jesus Cristo.

Os três missionários que lançaram entre nós o anúncio pentecostal trouxeram apenas a experiência religiosa. Não é difícil constatá-lo nos primeiros anos que aqui viveram. Gunnar Vingren e Daniel Berg em nada se interessaram pela vida do povo simples e pelas duras necessidades materiais por que este passava. Pelo que se sabe, viviam seus dias repartidos entre as horas de aprender a língua e o tempo que dedicavam às orações e leituras da Bíblia. Se reuniões faziam com os batistas, não tinham por objetivo se inteirar de como vivia o pessoal pobre que morava na periferia. (...) Sua mente estava constantemente preocupada em inculcar nos batistas que os rodeavam a experiência de oração, a ponto de os pastores batistas se mostrarem um tanto apreensivos com esse tipo de comportamento: vigílias de oração noite a dentro, acompanhadas de cânticos e leitura da Bíblia. (ROLIM, 1994, p. 24)

Enfatizava-se unicamente uma teologia embasada no experiencialismo, tendo aqui o Espírito Santo papel fundamental, e numa escatologia pré-milenarista que ansiava pelo retorno iminente de Jesus Cristo. Associando-se esses fenômenos às reuniões ou cultos que

eram realizados sempre com espontaneidade e muita emoção, não havia espaço para outras convicções consideradas externas e seculares (ROLIM, 1994). Ademais, com as programações religiosas cada vez mais competitivas, o fiel praticamente não tinha tempo de pensar em outra coisa fora da igreja. Havia sim uma dedicação racional e ascética por parte desses fiéis que os tornava cada vez mais dependentes da igreja com o intuito de resolver sua condição humana espiritualmente decadente. Essa resolução só aconteceria a partir do momento em que as preocupações provenientes da vida social fossem deixadas de lado, ou melhor, do lado de fora da igreja. Afinal, o próprio discurso da denominação desvalorizava tais preocupações, incentivando seus membros a concentrarem-se exclusivamente “nas coisas de cima”, na adoração a Deus, no serviço à igreja e na iminência da volta de Jesus Cristo, desprezando assuntos que só contemplavam a condição pecaminosa e efêmera do homem.

Isto constituiu uma característica muito peculiar aos pentecostais clássicos que, a exemplo dos protestantes históricos, assumiam um caráter separatista, sendo considerados dispensáveis nas discussões acerca de uma contribuição cultural nos moldes defendidos pela sociedade. Suas crenças, seu conhecimento, seus costumes ou hábitos passaram a constituir caracteres próprios de uma comunidade que tinha como fundamento uma vivência religiosa voltada exclusivamente para o sagrado, estando o social fora dessa cultura (ROLIM, 1985). E, havendo essa transcendência, esses fiéis não apareciam, não se apresentavam, não se inseriam de modo sensível na política e na cultura secular. Consequentemente, não havia um impacto na sociedade brasileira (MENDONÇA, 1990b). Também pudera, conforme se vê neste excerto, que “em relação ao poder temporal, a Igreja não recebeu de Deus a autoridade para dominá-lo, nem para submetê-lo ao seu governo. A missão da Igreja é espiritual. Ela é a luz do mundo e o sal da Terra, e como tal a sua missão é ‘iluminar’ e ‘salgar’ a Terra.” (FERREIRA, 1990a, p. 29).

Quando surgiram meios de uma considerável contribuição da religião a fatos sociais que demandavam um posicionamento, notadamente a partir do implemento da teologia da libertação e do movimento ecumênico, essa interpelação fez com que as Assembleias de Deus fossem obrigadas a posicionar-se com mais veemência diante de problemas vivenciados pela sociedade brasileira, tendo que afirmar em um dos seus periódicos oficiais (o jornal Mensageiro da Paz) que “a religião não deve atuar para resolver conflitos sociais” (ARAÚJO, 2010, p. 184).

Esta concepção, que poderia ser considerada histórica e coisa do passado, sendo exclusiva do pentecostalismo clássico, ainda influenciaria as igrejas (e os fiéis) desta tradição de maneira considerável. Um exemplo disso estava na maneira como esses fiéis viam o dever

do voto por ocasião da política. Na verdade, eles votavam porque era algo obrigatório, mas não ousavam questionar suas escolhas. Isto porque sempre apoiavam os candidatos do governo, crendo que eles seriam as autoridades verdadeiramente constituídas por Deus na terra, de acordo com a interpretação bíblica. A este respeito, Francisco Cartaxo Rolim (1985, p. 245) traz um depoimento de um cristão acerca do seu voto quando o Partido dos Trabalhadores (PT) começou sua investida na eleição de um Presidente da República no final da década de 1980: “Sou crente e não vou ficar manchado com política. Meu voto é Jesus. Na Bíblia está escrito para obedecer às autoridades da terra. E este partido (PT) é contra as autoridades, contra o governo. Crente não se mete em política.”. Ainda corroborando com este pensamento, segue um excerto das Lições Bíblicas das Assembleias de Deus que doutrina a respeito do assunto:

Sem dúvida, o povo de Deus, através de todos os tempos, tem sofrido dura oposição por parte das autoridades, mas isto não nos autoriza a fazer oposição aos poderes constituídos. Por três séculos, o Império Romano desencadeou cruel perseguição à Igreja. O apóstolo Paulo foi vítima desses poderes até a morte, mas deixou escrito: “Quem se opõe às autoridades, resiste a Deus”. É dever do verdadeiro servo de Deus, cooperar, ajudar, e acatar as ordens das autoridades para o seu próprio bem, orando por elas (1 Tm 2.13). Resistir-lhes ou opor-se-lhes é diabólico e traz consequências embaraçosas (1 Tm 4.12). (FERREIRA, 1990a, p. 30)

Através desses registros, é possível constatar a verdadeira preocupação do pretenso eleitor pentecostal. Na verdade, não havia uma preocupação direta com a situação em que o país se encontrava política e socialmente. E a afirmação “crente não se mete em política” é categórica ao expressar essa desvalorização, já que se considera à parte dessas situações sociais por viver em uma esfera voltada exclusivamente para o sagrado. Outrossim, a doutrina das Assembleias de Deus alertava quanto ao perigo do envolvimento direto da igreja local com a política, porém já dando margem a uma participação mais indireta nesta, relativizando a máxima anterior acerca do envolvimento dos fiéis na política partidária:

Os crentes, como cidadãos, podem votar e ser votados. Mas a igreja, como instituição de Cristo, não deve ser envolvida com a política, mediante a troca de favores de quaisquer espécie. O prejuízo pode ser irreparável. É de bom alvitre que os pastores não declarem sua preferência. Estes foram chamados para unir o rebanho. (RENOVATO, 2002, p. 64)

Há uma clara distinção entre o papel do cristão e o papel do cidadão. O último não poderia sobrepor o primeiro, estando este sempre em primazia. Enquanto cidadão, o cristão deveria se utilizar de suas convicções para eleger seus representantes. Mas nunca poderia esperar que isto viesse a alterar significativamente sua prática de fé, no sentido de provocar

mudanças, a partir do implemento de suas crenças, a fim de recuperar o mundo. Ademais, esta condição contribuía para um modo de pensar bastante intransigente que corroborava com sua escatologia: “Por que a Igreja deveria se preocupar com as questões do mundo, se sua destruição é irreversível e qualquer tentativa infrutífera?” (ALENCAR, 2010, p. 142).

Esta seria a constatação de que o pentecostalismo clássico objetivava influenciar as pessoas a tirarem os pés do chão e colocarem a cabeça nas nuvens, demonstrando um claro desinteresse em criticar socialmente a realidade ao seu redor, preferindo ficar à margem da sociedade e da política, crendo não ser esta sua preocupação ou responsabilidade (ROLIM, 1985; TOLOVI, 2011). Acreditavam também que toda e qualquer mudança social só poderia ser efetivada a partir da pregação do evangelho, através de um agir sobrenatural, divino. E, por desacreditarem numa melhoria gradual da humanidade sem essa ação sobrenatural, lançavam mão de suas concepções apocalípticas que, sendo fatalistas e aniquiladoras, apontavam para um fim catastrófico da humanidade, crendo ser somente este o meio possível para a construção de uma sociedade sem males e que expressasse a perfeição do criador.

Para viver esta crença, o fiel pentecostal deveria assumir um estilo de vida absolutamente contrário a todas as manifestações tipicamente humanas e materialistas. A busca por uma ética de separação do mundo o levaria a um viver que diferia consideravelmente da vida já consagrada materialmente, com todas as suas pluralidades e idiossincrasias. Por se considerar separado do mundo, o cristão deveria agora almejar exclusivamente uma existência embasada em conceitos e práticas voltadas para uma ascese espiritual e que tinha na bíblia seu modelo preferencial. Por isso, buscava viver em santidade.

1.5.2 Por uma ética de santidade

Se habitar nos céus eternamente com Jesus Cristo era o que importava aos fiéis do pentecostalismo clássico, se fazia necessário um rigor ascético a ser seguido com respeito à vida temporal. Esta deveria estar pautada em uma ética de santidade voltada exclusivamente para a adoração a Deus e conseqüente sublimação dos desejos humanos. De acordo com os periódicos doutrinadores das Assembleias de Deus, “santificar é pôr à parte, consagrar ou dedicar uma coisa ou alguém para uso estritamente pessoal. Santo é o crente que vive separado do pecado e das práticas mundanas pecaminosas, para o domínio e uso exclusivo de Deus.” (GILBERTO, 2006, p. 45). Com isto, o fiel haveria de exprimir sinais acerca de sua eleição celestial e eterna, manifestados principalmente através do fruto e dons atribuídos ao

Espírito Santo (Gálatas 5.22³⁰ e 1 Coríntios 12.7-10³¹). E à medida que experimentavam essas manifestações, por vezes extáticas, sentiam que a parusia estaria mais próxima do que antes, fortalecendo assim suas convicções.

O crescimento das denominações pentecostais deu-se principalmente através dessa ética de santidade. Não se pode analisar este crescimento sem fazer referência ao rigor exigido aos fiéis por essas denominações. Por oferecerem garantias eternas, em detrimento das temporais, conseguiam arregimentar um grande número de adeptos dispostos a “pagar um preço” em prol dessas garantias através do sacrifício ou a mortificação do corpo. A renúncia aos prazeres temporais era o objetivo que motivava os fiéis cotidianamente. Viver uma vida de renúncia significava estar no centro da vontade de Deus e, conseqüentemente, no caminho que levava aos céus, conforme ressalta o excerto a seguir:

Na vinda de Jesus, só os crentes irrepreensíveis irão ao seu encontro. A santificação é o único meio pelo qual essa vida irrepreensível pode ser alcançada. É necessária a vigilância, a oração, a leitura da Bíblia, e a obediência incondicional aos princípios sagrados, que são a base da conduta cristã. (RENOVATO, 2005b, p. 81)

É possível identificar, através do registro histórico dos movimentos que deram origem ao pentecostalismo clássico no Brasil, que esta ética de santificação era proveniente dos grandes despertamentos ocorridos nos Estados Unidos no século XIX e que levaram “um número crescente de crentes a reunirem-se para buscar a perfeição e a santidade” (CORTEN, 1996, p. 192). Esta seria novamente uma referência à influência estadunidense na formação teológica do pentecostalismo clássico brasileiro. Aliando este ideal de perfeição e santidade ao da parusia, estabelece-se uma convicção doutrinária que ressalta a importância de uma vida santa, justa e irrepreensível como necessária ao ingresso no reino de Deus a partir da parusia (RODRIGUES, 2010). Conseqüentemente, esta vida estaria afastada da secularização promovida pelo mundo temporal, devendo o fiel apartar-se das práticas comuns a ela e apegar-se unicamente àquelas práticas que revelavam seu desejo de estar com Jesus Cristo.

³⁰ “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”

³¹ “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a *palavra da sabedoria*; e a outro pelo mesmo Espírito, a *palavra da ciência*; E a outro, pelo mesmo Espírito, a *fé*; e a outro, pelo mesmo Espírito, os *dons de curar*; E a outro a *operação de maravilhas*; e a outro a *profecia*; e a outro o *dom de discernir o espíritos*; e a outro a *variedade de línguas*; e a outro a *interpretação das línguas*.” (os *itálicos* são nossos). É necessário observar que não há um consenso no meio pentecostal acerca da quantidade desses dons. Durante muito tempo eram considerados apenas estes nove. Porém, após novas pesquisas e constatações, “descobriu-se” que poderiam haver outros dons citados em livros como Romanos, por exemplo. No entanto, essas discussões não visam um prejuízo à doutrina dos dons do Espírito Santo. Pelo contrário, reiteram a necessidade de o crente pentecostal ter a oportunidade de buscar ainda mais dons a fim de se confirmar como eleito de Jesus Cristo para morar no céu.

Isto caracterizou o fiel pentecostal como alguém que era possuído por Deus continuamente. Enquanto vivia em um tempo e espaço profanos (*cronos*), procurava viver de acordo com suas convicções baseadas num tempo sagrado (*kairós*), aplicando suas próprias convicções ao seu modo de vida social e político, desejando, por vezes, incentivar os outros a terem o mesmo estilo de vida, através das práticas proselitistas que marcaram o início do pentecostalismo clássico, popularmente conhecidas como evangelismo pessoal e de massa, a partir de panfletos ou testemunhos narrados pelos próprios fiéis. O fiel só se convencia de estar possuído por Deus se mantivesse uma ética de santidade que envolvesse, dentre outras práticas, esta pregação proselitista. Agindo assim, estaria agradando a Deus e retroalimentando sua fé.

A transformação pela qual passava qualquer pessoa que aderiu à religião pentecostal era realmente significativa. Isto porque não se tratava apenas de alguém que outrora não tinha religião ou que professava um outro credo religioso e que agora havia se tornado “crente” e ia à igreja regularmente, adotando outro modo de vestir e agir diante do mundo, indicando uma mera mudança de religião. Entendendo a mensagem que havia sido pregada para ele, que falava inclusive da necessidade de “nascer de novo” e “viver em novidade de vida”, o fiel pentecostal buscava aperfeiçoar-se não mais nos prazeres do mundo, mas nos “valores do Reino, a descoberta dos verdadeiros prazeres espirituais e da verdade revelada” (VELASQUES FILHO, 1990b, p. 220) a fim de garantir sua salvação.

Com isso, a ética de santidade incentivava uma extrema rejeição ao mundo, necessária ao usufruto da salvação, ressaltada através da santificação constante do fiel. As suas ações deveriam estar embasadas em um ideal estabelecido pela própria denominação religiosa que justificava seus posicionamentos de acordo com uma compreensão bíblica que era voltada exclusivamente para a prática da santificação, conforme a citação a seguir, acerca do “comportamento cristão”:

O crente é exortado a uma vida de santidade pela certeza do retorno iminente de Cristo (Rm 13.11). Sua vida em nada lembra o modo de viver dos incrédulos. Por esta razão, vive como peregrino (2 Co 5.1; 1 Pe 2.11,12), não amando o mundo nem o que há nele (1 Jo 2.15-17) e almejando o dia em que deixará para sempre este corpo mortal (Fp 3.20,21). (SILVA, 2006, p. 79)

As igrejas pentecostais tinham então, na santificação, a justificativa para utilizar outros métodos de rejeição ao mundo que poderiam ser expressos através do próprio corpo dos fiéis. De fato, “o crente pentecostal (...) estabelecia uma relação conflituosa com o seu corpo, uma atitude de rejeição” (SOUZA, 2004, p. 77). Isto era constatado na prática do jejum que, dentre todas as religiões cristãs, a pentecostal era a que mais se utilizava dessa prática (SOUZA, 2004).

Sobre a liberdade fora da igreja, esta também era cerceada pela doutrina que tratava das “proibições da dança (...), da prática sexual antes do casamento, da masturbação” (SOUZA, 2004, p. 81). O ideal pentecostal era que o corpo, enquanto participante direto das ações do mundo, deveria ser mantido sob permanente disciplina a fim de não prejudicar o processo de santificação pelo qual o fiel passava. Ainda outras ações poderiam interferir nesse processo, conforme continua ressaltando Alexandre Carneiro de Souza:

Os diversos segmentos populares convertidos ao pentecostalismo eram exortados a renunciar, como fora dito, entre outros, a festas, práticas esportivas, jogos, consumo de cigarro e bebida, folclore, crendices e certas profissões (cambistas, cantores, comerciantes de bebida e cigarro, empregados de casas de show etc.) porque essas atividades sociais eram consideradas ofensas, iam de encontro à vontade de Deus. (SOUZA, 2004, p. 50, 51)

Carlos Rodrigues Brandão (2007) também resalta a segregação vivida pelos pentecostais, demonstrando a preocupação que a igreja tinha com seus membros a fim de separá-los do mundo criando, por conseguinte, um outro mundo, paralelo, vivido no âmbito da santidade:

a igreja pentecostal separa seus membros do mundo com a condição de criar para eles um mundo separado, não só do ponto de vista ético (o crente não fuma, não bebe, não adultera, não fica em bar, não vive pelas ruas, não vê televisão, não vai ao cinema, não escuta rádio); como também do ponto de vista de uma rotina de vida. “Fora de casa e do trabalho, lugar de crente é a igreja”, ou os círculos onde a cultura da igreja estende-se pela vida de cada crente. (BRANDÃO, 2007, p. 276)

Como os pentecostais abdicavam de prazeres peculiares ao mundo profano, “sobravalhes” algo que normalmente seria empregado na satisfação desses prazeres: o dinheiro. Diferentemente da racionalização financeira produzida pelos protestantes históricos que tinham “o hábito de ver o dinheiro como meio de criar mais e novas riquezas [e] nunca um meio de satisfazer suas necessidades de prazer” (VELASQUES FILHO, 1990b, p. 209), os pentecostais não almejavam o acúmulo de bens materiais, já que não poderiam ser usufruídos plenamente devido à exiguidade do tempo de suas vidas, considerando a iminente parusia. Pelo contrário, eles procuravam ter um estilo de vida modesto, sendo encorajados a viver apenas com o necessário e “contribuírem alegremente com a obra do Senhor” através dos dízimos e ofertas.

A observância dessas práticas causava no fiel pentecostal uma sensação de regozijo e confirmação de uma vida santificada, por estar contribuindo com o reino de Deus e assim garantindo seu acesso e permanência nele. Interessa ressaltar que essa ação não se tratava de uma simples troca onde o doador requeria algo do recebedor, ou seja, haveria uma cobrança a Deus de acordo com a contribuição dada pelo crente. Na verdade, ainda que fosse ressaltada a promessa de fartura e bênçãos destinadas aos contribuintes, conforme é constantemente

narrado de acordo com o versículo bíblico de Malaquias 3.10³², estes procuravam agir muito mais pelo que chamavam de fé, sendo considerados fiéis e obedientes ao mandamento divino, do que por um sentimento de retorno dos seus investimentos, corrigidos de acordo com um índice econômico positivo.

Este seria mais um meio de se alcançar a santidade necessária para estarem na presença de Deus, não se deixando levar pelos apelos do consumismo e do amor ao dinheiro, fatos considerados muito comuns na sociedade que tinham como profana. Se nesta sociedade as virtudes eram avaliadas de acordo com medidas terrenas, o mundo em que os pentecostais viviam tinha virtudes e riquezas incomensuráveis. E a manutenção dessas riquezas só podia ser feita através de uma rejeição ao sistema vigente no mundo e o autocontrole do fiel diante de possíveis assédios que poderiam fazê-lo retroceder às suas convicções. Assim, não havia interesse em um modelo secular baseado no triunfo e na resolução de todos os problemas. Interessava-se exclusivamente em estar separado desse modelo, criticando toda forma contrária de doutrinação, conforme o excerto a seguir:

A doutrina da santificação vem sendo esquecida em muitos de nossos púlpitos. Na procura insana por aquilo que se convencionou chamar de politicamente correto, substituiu-se a teologia da santificação por um ensino de autoajuda e triunfalista. A grande proeza destes dias selvagens não é o ser santo, mas o triunfar na profissão e prosperar materialmente, como se estas fossem o parâmetro exigido por Deus para herdarmos a vida eterna. (ANDRADE, 2004c, p. 94, 95)

À medida que os pentecostais sustentavam um discurso separatista com ênfase na santificação e desprezo aos valores seculares, sentiam-se perseguidos pela própria sociedade que eventualmente tachava-os de intolerantes e alienados. Na verdade, isso contribuiu consideravelmente para o fortalecimento da sua doutrina escatológica que via no sofrimento uma manifestação da aprovação divina para suas crenças e atos. Assim, o pentecostalismo clássico exaltava o sofrer e punha-o como item necessário à vida do cristão que almejasse viver eternamente com Jesus Cristo.

1.6 Exaltação do sofrimento

Ao optarem por um estilo de vida baseado em valores e convicções religiosas que diferem consideravelmente dos padrões estabelecidos pela sociedade secularizada, os pentecostais

³² “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.”

assumem, deliberadamente, os riscos dessa escolha. Na verdade, eles não só assumem como também valorizam e exaltam o que chamam de “pagar o preço” ou “sofrer por amor a Cristo”.

Faz parte da teologia pentecostal a crença de que o sofrimento, ocasionado por um viver ascético e proselitista, é capaz de aproximar o cristão do seu salvador, ou seja, da redenção definitiva que se daria a partir da parusia. Este pensamento é inspirado no modelo vivido pela igreja primitiva que almejava, a cada dia, estar logo com Jesus Cristo. E por isso, as perseguições e aflições a que eram submetidos fortaleciam cada vez mais esse desejo, resultando em uma condição *sine qua non* àqueles que decidiam seguir a Jesus Cristo. Ademais, de acordo com a tradição bíblica, foi ele próprio quem afirmou, em caráter profético, o que haveria de acontecer com aqueles que decidissem voluntariamente segui-lo, ressaltando ainda a bem-aventurança daqueles que assim escolhessem:

*Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós. (Mateus 5.10-12) (...) Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome. (Mateus 24.9 – os *itálicos* são nossos)*

Estas convicções destacam o caráter do *homo religiosus* pentecostal que tinha como único objetivo agradar a divindade a partir do sacrifício do seu próprio corpo. Entendendo que o favor divino só alcançaria aqueles que amassem mais as coisas de Deus do que aquelas consideradas efêmeras, este *homo religiosus* estava disposto a sofrer quaisquer adversidades provenientes dessa negação às coisas temporais. De fato, os pentecostais procuravam pautar suas vidas de acordo com esse pensamento e criam que a suprema bondade de Deus os recompensaria no tempo certo. Obviamente que essa recompensa só iria acontecer a partir da parusia, como reza a doutrina escatológica pentecostal, restando ao fiel a “viva esperança” de viver neste mundo com a certeza de que sua redenção não tardaria.

Como se afirmou no item anterior, os pentecostais adotavam um estilo de vida ascético e sectário, não compactuando com os “prazeres do mundo”, mas adotando um modo de vida baseado na santificação pessoal. Isto acarretava o estabelecimento de um estereótipo que classificava os pentecostais como alienados e fanáticos, que ostentavam um radicalismo que só objetivava sua distinção das demais pessoas. No entanto, a racionalização defendida pelos pentecostais afirmava que, ao invés de buscarem privilégios vivendo de acordo com um ideal “mundano” e “pecaminoso”, eram sim privilegiados por sofrerem por amor a Jesus Cristo e em prol da sua causa.

Havia, de fato, um contentamento à situação, social e financeira, em que viviam. Como buscavam viver um modelo bíblico, baseado na igreja primitiva, que adotava um nivelamento social de todos os participantes³³, a situação mais comum era que pessoas de classes menos abastadas participassem mais efetivamente da religião. Esta, por sua vez, não se constituía em uma condição única, mas era deveras valorizada pelos cristãos do pentecostalismo clássico. E esse estereótipo perseguiu, durante muito tempo, as igrejas pentecostais, principalmente as Assembleias de Deus, caracterizando-a como “a igreja dos pobres”. Se eram realmente pobres, não era esta a leitura interna. Ontologicamente, preferiam ser considerados livres da opressão do mundo que os instigava a adotarem estilos consumistas, embasados principalmente na posse de bens. E esta liberdade credenciava-os a serem participantes em potencial da parusia e do reino de Deus, sendo este baseado exclusivamente em valores espirituais e eternos, diferente dos valores materiais e efêmeros oferecidos pelo mundo.

Mas a leitura que se fazia de fora era de que esses crentes viviam na marginalidade, se isentando da participação política, não participando de movimentos sociais, se isolando em suas denominações, que na maioria das vezes eram situadas em zonas periféricas, afastadas dos grandes centros urbanos, ou adotando uma forma de governo, embasada principalmente na teocracia, e que diferia consideravelmente da democracia instalada no governo secular. Mesmo assim, esta leitura era certamente um sinal de que as coisas iam bem no pentecostalismo clássico, pois acreditavam que se estivessem na mesma direção da sociedade secularizada, estariam na contramão do plano divino. Acontecendo o contrário, o destino final seria alcançar o favor divino, a salvação eterna.

Assim, o viver pentecostal clássico procurava exaltar quaisquer ações que denotassem sofrimento, acreditando que estariam sendo “bem-aventurados” quando sofriam em prol da causa ou, conforme é mais utilizado no meio pentecostal, “por amor ao evangelho”.

1.6.1 Perseguições no pentecostalismo clássico

A presença do sofrimento constitui um importante sinal no pentecostalismo clássico. Em seus escritos doutrinários, as Assembleias de Deus procuram alertar e, até mesmo, incentivar seus fiéis a regozijarem-se diante dele: “A cruz inclui aflições, tribulações,

³³ Esta assertiva está embasada no texto de Atos dos Apóstolos 2.44-46, uma leitura bastante utilizada pelos pentecostais quando desejam doutrinar acerca do desapego ao materialismo e à prática da partilha entre os cristãos.

perseguições, de modo claro e explícito. Há crentes, infelizmente, que, dominados pelo relativismo e pelo modernismo, entendem que a vida deve ser de tal forma que não tenha qualquer sofrimento.” (RENOVATO, 2000a, p. 15). Vê-se neste excerto de uma lição aplicada durante a EBD, que o sofrimento estaria aliado ao simbolismo da cruz que Jesus Cristo havia determinado a cada um daqueles que almejavam segui-lo, de acordo com o texto bíblico: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.” (Lucas 9.23).

Conforme já se vem afirmando neste trabalho, o pentecostalismo clássico busca um viver semelhante ao da igreja primitiva descrita em Atos dos Apóstolos. Levando-se em consideração que, segundo a narrativa bíblica, aquela igreja, após a morte de um dos seus primeiros mártires³⁴, passou a ser duramente perseguida pelo governo vigente, algo que fez com que crescesse o número de cristãos por todas aquelas cercanias, a perseguição deixou de ser considerada algo negativo, sendo agora um estímulo à propagação do evangelho. Na verdade, seria a concretização da profecia anteriormente dita por Jesus Cristo que prenunciava tempos de dificuldade para os cristãos que estivessem comprometidos com a causa do evangelho. Isto é entendido pelos pentecostais como uma “prova de fogo” ou uma “ardente prova”, conforme se vê no excerto a seguir:

Os crentes haveriam de passar por um sofrimento destruidor e violento. Esse fogo é provador e purificador, tal como o ouro mais apurado é aquele que passa pelas mais altas temperaturas. (...) Jesus “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8) e foi “aperfeiçoado” através do sofrimento (Hb 2.10). Se o próprio Senhor passou por tais experiências, quanto mais nós, seus discípulos! (SILVA, 2001a, p. 38, 39)

Há neste excerto dois aspectos que merecem destaque, tendo em vista a análise do sofrimento no pentecostalismo clássico. O primeiro é sobre a comparação com o refino do ouro. Sendo considerado um processo bastante oneroso, por demandar uma enorme quantidade de calor, necessária à eliminação de todas as impurezas possíveis presentes, o ouro, no seu estado bruto, passa por uma espécie de sofrimento a fim de chegar à sua condição final, o ouro refinado e sem impurezas. Do mesmo modo que se constata a necessidade de submeter este metal a todo este processo a fim de transformá-lo em algo precioso, o fiel pentecostal entende que também necessita passar por uma “prova de fogo” que

³⁴ De acordo com a narrativa bíblica, descrita em Atos dos Apóstolos, Estêvão, um dos cooperadores escolhidos para auxiliar na pregação do evangelho logo após a ascensão de Jesus Cristo, foi apedrejado e morto após uma exposição em que ressaltava o plano divino para salvação da humanidade (Atos dos Apóstolos 7.2-53). Tradicionalmente, Estêvão é considerado o primeiro mártir do cristianismo.

o tornará participante e digno das bênçãos divinas. Sem tal processo, não pode haver uma experiência que indique, de fato, que o cristão goza do favor divino.

O segundo ponto a ser destacado é a questão da obediência. O fiel pentecostal é instigado a devotar uma obediência sem medida aos seus princípios norteadores. Com isso, se ser crente implica “passar pela prova”, não existindo atalhos a serem tomados a fim de se evitarem situações contrárias que, por vezes, causem sofrimento, ele deve ser enfrentado, tendo como principal exemplo Jesus Cristo que, pelo relato bíblico, sofreu as mais sérias dores a fim de deixar exatamente o seu exemplo para aqueles que quisessem segui-lo.

Portanto, todas as perseguições sofridas pelos primeiros cristãos (da igreja primitiva) e por todos aqueles que almejavam seguir uma vida de dedicação ao reino de Deus, faziam parte de um ideal de sofrimento que não era evitado, mas exaltado. Ressalte-se que não havia, assim, uma procura deliberada por quaisquer situações de perseguição que acarretassem sofrimento. Isto inclusive era desaconselhado, ainda tomando por base o texto bíblico que afirmava: “Não tentarás o Senhor teu Deus” (Mateus 4.7). Mas o surgimento dessas perseguições era motivo de certo regozijo por parte dos fiéis, pois se tratava de uma confirmação sobre o papel que vinham desempenhando no mundo enquanto embaixadores de Jesus Cristo.

Sobre esse regozijo, é conveniente citar um breve texto extraído de um dos periódicos da EBD que doutrina, inclusive, acerca da normalidade das provações na vida do cristão:

Pedro ensina que não devemos nos surpreender com as terríveis provações que nos sobrevêm, como se fossem algo estranho. É algo que faz parte da vida cristã. Havemos de nos alegrar, pois somos coparticipantes dos sofrimentos de Cristo e por essa razão participaremos na sua glória. (SILVA, 2001a, p. 39)

Mas em que se justificava a perseguição aos primeiros cristãos e, conseqüentemente, àqueles que a seguir procuravam ter um estilo de vida e ação semelhante àqueles? No início, de acordo com a interpretação pentecostal da narrativa bíblica de Atos dos Apóstolos, os cristãos eram perseguidos por professarem uma crença religiosa diferente daquela que era instituída pelo estado. Acreditavam, inclusive, que Jesus Cristo havia sido crucificado e morto por trazer outros ensinamentos que não condiziam com a interpretação oficial do governo. Assim, tanto ele quanto seus seguidores eram acusados de estarem espalhando uma outra mensagem, uma outra opinião, um outro ideal de vida que não aquele já chancelado pelo governo.

Mais recentemente, devido ao zelo proselitista dos cristãos, ressaltado inclusive na crença da posse de um discurso verdadeiro e justo, e que exigia um posicionamento adequado por parte dos seus seguidores, havia um constante embate ideológico acerca das práticas

vivenciadas pelo mundo em geral. Por aderirem a uma ética de santidade considerada extremada por quem via de fora e estarem constantemente analisando o procedimento das demais pessoas que não professavam a mesma fé, tomando como parâmetro suas próprias vidas, esses pentecostais acabavam por viver em um mundo isolado e marginalizado, traduzindo localmente esse momento como uma perseguição, sofrida pelo restante do mundo por não crerem nas palavras que eles pregavam.

Todo esse zelo proselitista fazia com que os pentecostais encarassem sua missão como algo que proporcionava apenas o bem para as “pessoas sem Deus”. E por praticamente ansiarem pela salvação dessas pessoas, adotavam uma estratégia de trabalho a fim de alcançá-las. Por exemplo, era muito comum a distribuição de mensagens em panfletos pelas ruas, praças e estações (metrô, trem, ônibus, etc.). Essas mensagens sempre traziam textos que indagavam o leitor acerca da sua vida cotidiana e objetivavam “convertê-lo” através de pequenos textos bíblicos que narravam histórias que se coadunavam com a pergunta ou tema do panfleto. Esta estratégia era também chamada de “evangelismo de massa”, exatamente por ser possível contemplar um grande número de pessoas em um curto espaço de tempo.

Paralelo a esse trabalho, havia outro que objetivava um diálogo mais prolongado entre o crente e o descrente. Acontecia através do próprio evangelismo de massa quando alguém, além de receber o panfleto, parava para ouvir ou perguntar algo da bíblia. Esta ocasião proporcionava uma oportunidade de conversar, mais calmamente, acerca do panfleto ou mesmo da bíblia, ressaltando o “plano divino de salvação para o mundo”. Por sua vez, esta estratégia era chamada de “evangelismo pessoal” e transcendia os logradouros públicos, chegando por vezes às casas das pessoas interessadas. É preciso ressaltar que todo esse trabalho de evangelismo era feito de maneira voluntária. Esses cristãos entendiam que esta ação era um privilégio, pois estavam ali sendo embaixadores de Jesus Cristo.

Esta prática e os discursos dela advindos não convenciam um bom número de pessoas que não se deixavam ocupar pelos anunciantes do evangelho, muitas vezes negando os panfletos ou recebendo-os e logo em seguida jogando-os fora. Além do mais, essas pessoas não viam com bons olhos a aproximação de um “crente com uma bíblia debaixo do braço” desejando falar-lhe de Jesus Cristo. Fechavam as portas, desviavam de caminho ou simplesmente ignoravam. Esta atitude representava, para aqueles cristãos, uma ação de desrespeito e, por vezes, violência, já que entendiam que estavam “apenas levando a palavra de Deus” e não mereciam tal atitude. Isto também aumentava o sentimento de perseguição nutrido pelos pentecostais clássicos, mas não os intimidava, pelo contrário, fazia crescer o

desejo de pregarem cada vez mais já que se baseavam na experiência de Jesus Cristo e dos demais discípulos que “sofreram por amor ao evangelho”.

Acerca dos estereótipos de santidade, bastante defendidos pelas Assembleias de Deus, que lhes dava inclusive o caráter de “doutrina”, os pentecostais também nutriam um sentimento de rejeição por parte da sociedade. Por trajarem-se com um estilo único, sem excessos nos tons de cor, sem valorização do corpo (o corte de cabelo para os homens era obrigatório sendo que, para as mulheres era proibido), com peças de roupa normatizadas pela igreja (aos homens o uso de calças de tecido e camisas de manga longa; às mulheres o uso de saias abaixo do joelho e blusas “recatadas”) e sem utilização de adereços ou produtos que ressaltassem a beleza feminina, esses crentes destoavam das demais pessoas, causando às vezes curiosidade de quem os via passar na rua. De longe, já eram reconhecidos e, devido ao habitual zelo proselitista, eram preteridos.

Outrossim, por defenderem uma ética de santidade que transcendia às paredes do templo que congregavam, aqueles cristãos levavam suas convicções por onde andassem, inclusive em suas ocupações diárias. Se trabalhavam na indústria ou no comércio, por exemplo, observavam certas normas que poderiam ser mal interpretadas pelos demais colegas ou empregadores (VELASQUES FILHO, 1990b). Uma das mais obedecidas era a negligência ao trabalho nos domingos ou o prolongamento da jornada diária que acarretava em hora extra. Trabalhando durante o dia, dedicavam a noite para os cultos e demais reuniões da igreja durante a semana. Nos finais de semana, principalmente nos domingos, seus horários eram preenchidos com atividades na igreja (escola dominical, principalmente), atividades de evangelismo (de massa ou pessoal), culminando com o culto à noite.

E por crescer a oferta de serviços, foi preciso adaptar a jornada de trabalho às novas necessidades do mercado. Assim, já não havia mais horários ou dias fixos de trabalho. Se o trabalhador quisesse permanecer na empresa, deveria se adequar às exigências. Novamente isto causou mal estar nos pentecostais, pois se encontravam em uma situação de escolha: ou se adequavam aos novos horários/dias de trabalho ou permaneciam fiéis às normas estabelecidas pela religião. Em ambas as situações ressaltava-se a perseguição sofrida pelo mundo, àqueles que tinham como único objetivo ser fiéis a Deus. E, a fim de não perder a comunhão com Deus, muitos renunciavam aos seus trabalhos, crendo na providência divina e amparados pela doutrina da igreja que aconselhava o seguinte: “De tal comunhão e confraternização precisamos, ainda mais tendo em vista a segunda vinda de Cristo. Se os *interesses da vida presente* nos impedem de frequentar os cultos, por que não podem também

impedir que a pessoa seja arrebatada quando Cristo vier?” (OLSON, 1984, p. 65 – o *itálico* é nosso).

Apesar do aparente prejuízo à vida desses cristãos, muitos optavam por permanecer fiéis ao ideal. Na busca de consolo, espelhavam-se naqueles que pagaram não com um emprego, mas com suas vidas em prol da propagação do evangelho. E com esta convicção, mantinham-se fiéis ao doutrinamento de suas instituições religiosas, crendo que, para se chegar ao céu (a bem-aventurada esperança dos pentecostais), também era necessário passar por este tipo sofrimento que era comumente interpretado como uma perseguição.

1.6.2 “Nem só de pão viverá o homem”

É praticamente senso comum afirmar que os pentecostais são majoritariamente pertencentes às camadas mais pobres da população, além de não expressarem um interesse pela formação acadêmica e cultural e não demonstrarem interesse em galgar cargos em instituições públicas ou privadas. Certamente, este seria apenas mais um ponto de vista acerca dos pentecostais e que, com uma análise mais próxima do fenômeno pentecostal, ressaltando sua ontologia, seria possível conhecer as reais intenções deste grupo religioso, bem como suas justificativas acerca de sua aparente pobreza financeira e inexpressividade secular.

A questão (não o problema) da pobreza é algo bem definido no pentecostalismo clássico, já que é, inclusive, previsto em sua doutrinação, como se pode constatar a partir deste excerto extraído das Lições Bíblicas da EBD:

A falta de pão e de água causam desespero a populações inteiras, que vivem em regiões desérticas. A seca no Nordeste e em outras regiões do nosso País, causam muita preocupação, principalmente aos mais pobres. Mas o servo de Deus não precisa se desesperar, deixando-se dominar pela ansiedade. (RENOVATO, 2000b, p. 29)

Faz-se referência à questão da pobreza exatamente por não ser considerada um problema, mas sim mais um fruto da vida efêmera que o cristão pentecostal tem neste mundo, evitado das consequências da natureza pecaminosa do homem. Assim, se esse cristão sofre “momentaneamente” de uma condição de pobreza, isto não é suficiente para abalá-lo a ponto de “se desesperar, deixando-se dominar pela ansiedade”. Afinal, trata-se de uma “condição” e não de uma “constante”. Acredita-se que, embasado na convicção da vida eterna com Jesus Cristo, mesmo o cristão sofrendo durante toda sua vida, haveria um momento em que tudo isto se transformaria em gozo, paz e tranquilidade. E esta convicção, ainda segundo a

doutrinação pentecostal, não seria só por um momento, mas por toda a eternidade. Assim, pensando de acordo com esta doutrina, qual a importância de ter uma vida terrena cheia de impossibilidades se haveria uma eternidade para usufruir de tudo aquilo que Jesus Cristo preparou para os que permanecerem fiéis a ele?

Neste mundo, estamos sujeitos às aflições e sofrimentos de qualquer espécie. A vida cristã envolve períodos difíceis e trabalhosos. No entanto, se a nossa expectativa estiver na soberania de Deus e no seu bem, desfrutaremos, mesmo que andemos em aflição, da mais perfeita e sublime paz de Cristo. (SILVA, 2012a, p. 8)

É com esta convicção que o pentecostalismo clássico procurava manter firmes seus fiéis, ressaltando que, embasando-se em uma afirmação bíblica, “as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (Romanos 8.18). E assim, seguiam suas vidas de acordo com o indicativo de Jesus Cristo quando, diante de sua fome no deserto, negou-se a transformar pedras em alimento, afirmando que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mateus 4.4). Sendo um povo que procura pautar toda sua vida pelo que está escrito na bíblia, uma “simples” condição de necessidade não haveria de macular a viva esperança que habita o sentimento dos pentecostais. Ademais, uma vida piedosa, necessária ao usufruto da graça divina, deveria ser a principal busca desses cristãos, já que se constitui em uma condição para a participação efetiva na bendita esperança, que é a parusia.

Acerca da posse de bens neste mundo e de outros fatores que denotam o usufruto de uma boa vida, a doutrina clássica pentecostal considera estas coisas sem tanta importância se comparadas à fé em Jesus Cristo, conforme se vê em um comentário das Lições Bíblicas da EBD:

Podemos perder tudo nessa vida – casa, dinheiro, emprego, excelentes oportunidades, relacionamentos, pai, mãe, filho, filha, esposo, esposa e, até mesmo, a própria saúde. Mas, apesar de todos os infortúnios, continuamos a crer no Evangelho de Cristo, pois Ele é o nosso baluarte e fortaleza. (SILVA, 2012b, p. 69)

A referida declaração demonstra quais deveriam ser as reais motivações dos pentecostais clássicos. Enquanto outros viviam em busca de melhorar de vida, colocando suas esperanças exclusivamente nos valores emanados pela sociedade secularizada, valores esses considerados efêmeros, o crente pentecostal deveria se manter fiel à palavra que havia transformado sua vida, abrindo-lhe os olhos para o eterno e relativizando sua condição real. Com isto, desprezavam toda e qualquer insinuação quanto à aquisição de bens ou “tesouros” na terra: “Os tesouros na terra são as coisas consideradas pelos homens de valor absoluto,

tomando o lugar das coisas que Deus tem para nós. (...) Os bens da terra estão sujeitos ao desgaste, à deterioração.” (RENOVATO, 2000b, p. 28).

Este notório sofrimento acarretado pela perda desses tesouros (sejam coisas ou pessoas), contribuiria para aumentar a sua dependência pelo criador, ou seja, enquanto ele estivesse com falta de algo, este algo estaria sendo preenchido pela presença de Jesus Cristo em sua vida, o que seria suficiente para viver.

Outra justificativa para o desprezo a esses valores seculares seria a materialidade deste mundo contrastando com as inevitáveis perdas humanas. O encantamento do homem religioso diante de suas vitórias e conquistas não deveria pautar sua vida, já que, em um dado momento, se não a morte, certamente a vinda de Jesus Cristo, o surpreenderia e nada do que ele conseguiu reunir neste mundo o alcançaria. Na verdade, se tais aquisições não contribuíssem para sua vida eterna, poderiam sim prejudicá-la, pois a vaidade e a avareza constituem-se em empecilhos à salvação do homem. Daí que a doutrinação pentecostal das Assembleias de Deus é categórica quanto ao acúmulo de bens, justificando bíblicamente seu posicionamento:

Pesando-se os dois lados da questão, conclui-se que o ensino do Mestre é um claro desestímulo ao acúmulo de bens terrenos, deixando evidente que a busca das riquezas não deve constituir-se no alvo do crente. As epístolas respaldam essa posição, enfatizando o perigo que as riquezas representam quando ocupam a nossa prioridade (1 Tm 6.9; Tg 5.1). (COUTO, 2001, p. 43)

Por isso, deveria o crente pentecostal conformar-se com aquilo que já tinha, ainda que fosse pouco, a fim de não ter seu direito à vida eterna suspenso devido aos apelos do mundo materialista.

Outro fator que poderia desviar o foco dos pentecostais quanto à manutenção de um estilo de vida baseado na piedade era o reconhecimento pelo mundo. Já que os pentecostais deveriam manter um distanciamento tal dos valores preconizados pela sociedade por considerá-la sua “inimiga”, deveria abdicar de qualquer reconhecimento proveniente dela ou propriamente nela. Não haveria relações sociais entre os pentecostais e o mundo. Este não reconheceria aqueles. E a situação contrária denotaria uma “amizade” que já havia sido condenada pela bíblia. Mas não só o relacionamento entre o mundo e a igreja era prejudicial. Os valores vividos na comunidade cristã deveriam diferir consideravelmente dos outros valores vividos pela sociedade.

Assim, o sucesso, a busca pelos primeiros lugares e o reconhecimento (tanto no mundo como na própria comunidade religiosa) deveriam ser deixados de lado, devendo ser observada apenas a humilhação por parte dos cristãos que seriam reconhecidos somente como

“servos”. Há, inclusive, um doutrinamento a este respeito que desaconselha quaisquer manifestações de reconhecimento dos cristãos, conforme o excerto a seguir:

No mundo contemporâneo, somos pressionados a sermos sempre os melhores em todas as coisas. O Evangelho, entretanto, oferece-nos a oportunidade de retirarmos de sobre nós esse fardo mundano (Mt 11.30). Você não precisa viver o estresse de ser quem não é! Você deve tornar-se o que o Senhor o chamou para ser. Não tente provar nada a ninguém. (...) Não se transforme num ser que você não é só para ganhar fama. (SILVA, 2012c, p. 88)

A adesão a tais valores indicaria um profundo interesse pelo materialismo em detrimento de uma desvalorização das virtudes que apontavam para o reino de Deus. Se os pobres de espírito, os injuriados, os perseguidos, os sofredores (Mateus 5) dessem lugar ao oposto dessas “virtudes”, os quais são chamados “bem-aventurados” aqueles que as procuram, estariam deixando o anonimato, defendido e valorizado pelo pentecostalismo clássico, e aderindo a um modelo secular que buscava estabelecer ídolos e “celebridades” de acordo com o conceito contemporâneo. Ainda que o anônimo/anonimato fosse considerado como alguém/algo sem importância pelo mundo, entre os cristãos, isso era necessário e incentivado. Novamente isto implicava em uma renúncia aos próprios interesses e prazeres humanos, visando unicamente o reconhecimento de Jesus Cristo.

Por fim, entendendo o crente pentecostal clássico como um homem em estado de vir a ser, ou seja, ainda não plenamente preenchido pela promessa divina de vida eterna, ele encontra-se sujeito a todas as mazelas sociais comuns às mais diversas pessoas. A diferença é que este crente, ao olhar para o sofrimento e a aflição da humanidade ou de si mesmo, é instado a “desfrutar da paz de Cristo” (SILVA, 2012a, p. 8). E, nesta mesma paz, reconhecer que o sofrimento é algo inevitável até mesmo na vida do crente mais fiel, mas que teria um fim a partir do retorno iminente de Jesus Cristo, sendo também um dos sinais de que este retorno estaria mais próximo do que se imagina.

2 A (NEO)PENTECOSTALIDADE DOS GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA “ÚLTIMA HORA”

Neste capítulo será feita uma análise de um evento pentecostal que é promovido anualmente pelas Assembleias de Deus em Camboriú-SC, e é responsável por um dos maiores ajuntamentos de evangélicos no País. Conhecido como o congresso dos Gideões Missionários da Última Hora (GMUH), este evento foi escolhido como objeto de estudo graças à expressiva repetição de manifestações tipicamente pentecostais e por estar centrado em uma característica que é muito peculiar ao protestantismo e, conseqüentemente, ao pentecostalismo, que é a pregação. Foi principalmente através desta que se buscou constatar o fenômeno que será discutido de agora em diante.

Quanto à “(neo)pentecostalidade” descrita no título deste capítulo, este termo denota a problemática que se deseja analisar a partir do congresso dos GMUH. Sendo um evento de cunho pentecostal, reúne em si outras características que, quando comparadas às do pentecostalismo clássico, como as discutidas no capítulo anterior, tendem a se distanciar delas, apresentando um caráter inovador (neo). Daí que optou-se por utilizar os parênteses na tentativa de demonstrar uma dupla identidade do evento, ora assumindo-se pentecostal, ora expressando outras convicções mais afeitas a movimentos hodiernos que se formaram a partir do pentecostalismo clássico. Outrossim, o emprego das aspas no termo “última hora”, que denotaria uma característica da pentecostalidade do evento, ressaltando inclusive a escatologia do pentecostalismo clássico, destoaria do que ocorre na prática durante o evento, já que estaria mais de acordo com convicções pertinentes aos recentes movimentos já referidos.

Por não haverem muitos estudos sobre o evento em questão, lançou-se mão principalmente de fontes primárias que foram os sites e vídeos do evento e que se constituem na sua principal fonte de documentação. Estes materiais, voltados exclusivamente para o público pentecostal, foram produzidos pela própria organização dos GMUH. A manutenção de um site na Internet permite que o congresso possa ser amplamente divulgado e, inclusive, acompanhado online (ao vivo) durante sua realização, que ocorre normalmente entre os meses de abril e maio. Ademais, algo que contribui com a divulgação do evento são os vídeos disponibilizados em sites de compartilhamento, tendo sido esta a forma com que se analisou principalmente as pregações.

Assim, para a constituição deste capítulo foram utilizadas as informações disponibilizadas essencialmente na Internet, e as pregações analisadas foram aquelas

proferidas por ocasião do congresso dos GMUH de 2012. Ao todo, foram contabilizadas 49 pregações proferidas por 47 pregadores, conforme consta no Apêndice B (dois pregadores tiveram cada um duas oportunidades para pregação)³⁵. Alguns excertos dessas pregações, considerados significativos para esta pesquisa, foram reproduzidos no decorrer do capítulo, sendo que, no Apêndice C está transcrita uma das pregações tidas como mais significativas do problema pesquisado.

Para a descrição mais pormenorizada do evento em geral, teve-se como parâmetro o congresso dos GMUH realizado em 2013. Devido à impossibilidade da participação pessoal no evento, a assistência à exibição online tornou-se necessária, devendo-se ressaltar a boa qualidade da transmissão, refletida principalmente nos detalhes que eram transmitidos.

A fim de se analisar a problemática levantada, este capítulo foi dividido em três seções. A primeira, “Origem e desenvolvimento do evento” procura fazer um histórico dos GMUH, a partir da narrativa fundante que consta no site do evento, ressaltando aspectos do passado (quando se iniciou) e da atualidade, fazendo-se inclusive uma análise estatística dos evangélicos no Brasil, em Santa Catarina e Camboriú, ou seja, em nível nacional, estadual e municipal, algo que demonstra a singularidade da cidade de Camboriú para pesquisas sobre pentecostalismo, haja vista estar acima da média nacional, estadual e municipal em número de evangélicos, evangélicos de origem pentecostal e evangélicos das Assembleias de Deus, de acordo com a sistematização dada pelo IBGE.

A segunda seção, “Os GMUH e o pentecostalismo das Assembleias de Deus” trata da identificação do referido evento com a história e a prática teológica e ritual das Assembleias de Deus, ressaltando aspectos da obra missionária, da pregação e do fervor pentecostal.

Por sua vez, a terceira seção, “Os GMUH e o (neo)pentecostalismo nas Assembleias de Deus” visa constatar as transformações que vêm ocorrendo nos discursos proferidos durante o evento e que, quando comparadas às convicções teológicas do pentecostalismo clássico, tendem a ser descaracterizadas. Outrossim, deve-se ressaltar o uso da preposição “nas”, neste item, e “das” no item anterior. É que, neste, estaria havendo uma penetração de outras convicções “nas” Assembleias de Deus pelos GMUH, enquanto que naquele, ressaltasse uma afirmação da pentecostalidade “das” Assembleias de Deus promovida pelos GMUH. Essas transformações podem ser constatadas na relativização da “última hora”, na afirmação do tempo presente e na rejeição ao sofrimento.

³⁵ Conforme se poderá observar no Apêndice B, todos os pregadores do evento são procedentes das (ou já passaram pelas) Assembleias de Deus, sendo a maioria filiados à CGADB.

O trabalho que foi feito em cima das fontes primárias que embasam este capítulo levou em consideração as condições de produção dessas fontes (documentos). Conforme já se mencionou, esses documentos, que nos termos de Jacques Le Goff tornaram-se “monumentos” (LE GOFF, 1990, p. 548) foram produzidos pela própria organização do evento que objetiva divulgar e informar, principalmente para o público pentecostal, sua própria história. Com isto, voluntária ou involuntariamente, os GMUH procuram transmitir ao longo dos anos a imagem que ora é exposta neste capítulo, reforçando inclusive uma identificação com outros marcos fundantes do pentecostalismo clássico (LE GOFF, 1990) a fim de garantir a necessária legitimidade histórica pentecostal.

2.1 Origem e desenvolvimento do evento

A religiosidade pentecostal é marcada pela experiência do Espírito Santo que se manifesta através da glossolalia (os crentes procuram sempre falar em línguas estranhas nos cultos) e do desejo “ardente” de orar a fim de se realizar a vontade de Deus. A falta dessas práticas implicaria em um chamado “esfriamento espiritual” que seria justificado pela ausência da ação do Espírito Santo. Assim, para que seja restabelecido o culto pentecostal entendido como genuíno, a observância primeiramente da oração é essencial, sendo seguida pelos sinais da manifestação divina evocada através da referida prática.

Esta dinâmica é normalmente vivenciada pelas denominações pentecostais que necessitam constantemente reafirmar suas crenças a partir de modelos bíblicos interpretados por meio de uma hermenêutica própria, embasada na experiência do batismo com o Espírito Santo e consequente glossolalia. Esta seria a regra básica, utilizada pelos pentecostais, para confirmar se uma denominação ou um evento, por exemplo, estaria ou não de acordo com os preceitos considerados essenciais a uma expressão pentecostal. O fenômeno aqui estudado teve início com esta experiência e tem se mantido fiel a estas convicções especificamente.

2.1.1 Breve histórico dos Gideões Missionários da Última Hora

A história dos GMUH confunde-se com a das Assembleias de Deus em Camboriú-SC. No final da década de 1970, por ocasião da chegada do seu atual líder, pastor Cesino Bernardino, constatou-se que a igreja passava por uma “crise espiritual e financeira”, demonstrada pelo pouco comprometimento com a oração e, consequentemente, sem as manifestações espirituais atribuídas à ação do Espírito Santo (GMUH, 2012). Isso implicava

não só na identificação da igreja enquanto pentecostal, mas também na baixa frequência de membros, o que acarretava na pouca arrecadação financeira, tornando-se insuficiente para a manutenção da igreja e do seu pastor³⁶.

Diante desse quadro considerado preocupante pelo seu líder, deu-se início a um trabalho de oração onde se buscava a saída para aquela situação. De fato, posteriormente constataram que o essencial seria exatamente isso: a prática da oração que estava escassa naquela denominação. A confirmação veio dias depois quando em uma das reuniões de oração, que eram realizadas também nas casas dos fiéis, houve uma manifestação considerada divina, onde uma das pessoas presentes profetizou que “um grande avivamento seria derramado sobre os crentes daquela cidade” e que Camboriú teria sido “escolhida para ser cabeça e não cauda³⁷” (GMUH, 2012).

Com esses novos acontecimentos, a denominação passou a viver dias de intensa euforia. Os cultos não eram mais tão “frios³⁸” como antes, mas agora havia uma constante manifestação do Espírito Santo que aquecia “o coração” dos fiéis e conseqüentemente os impulsionava a atuar com mais veemência e intrepidez pela causa defendida que era o restabelecimento da igreja enquanto denominação pentecostal disposta a viver plenamente a experiência proveniente das recentes manifestações do Espírito Santo.

Ainda sem discernir bem as últimas profecias que prenunciavam grandes mudanças na denominação, os fiéis continuavam se reunindo e as manifestações eram cada vez mais intensas. Em muitas reuniões havia o que se chama de “batismo com o Espírito Santo”, onde pessoas que não falavam em línguas estranhas, após um momento de intensa oração, seriam capacitadas sobrenaturalmente a falar (GMUH, 2012). Novamente este seria um sinal de que a história daquela denominação estaria mudando, o que confirmava as expectativas da liderança e a impulsionava a continuar promovendo as reuniões. Houve relatos de que em um período de trinta dias, seiscentos fiéis haviam sido batizados com o Espírito Santo, acarretando transformações consideradas positivas pela liderança da igreja, como o interesse pela oração e evangelização (ARAUJO, 2007).

³⁶ As Assembleias de Deus mantém o hábito de sustentar integralmente seus pastores juntamente com suas famílias. Em algumas, com líderes mais progressistas, o pastor é remunerado com salário fixado pelo conselho administrativo da igreja. Porém, em uma maioria considerável, o pastor é quem recebe e administra toda a renda da igreja.

³⁷ Trata-se de uma referência ao texto bíblico de Deuteronômio 28.13 que relata as promessas feitas ao povo de Israel enquanto ainda peregrinava pelo deserto.

³⁸ Esta comparação tem a ver com a linguagem que os pentecostais normalmente utilizam para caracterizar suas reuniões. Se um dado culto não apresenta manifestações espirituais, ele é considerado frio. O contrário seria a forma ideal de culto. Pelos relatos da denominação em estudo, os cultos estavam cada vez mais frios.

Conforme o relato apreendido, por aumentar o número dessas manifestações, consequentemente a frequência das profecias também crescia³⁹. E aquelas profecias proferidas anteriormente eram repetidas, mas de maneira mais clara e inteligível. Foi assim que a liderança entendeu que a cidade de Camboriú tornar-se-ia conhecida mundialmente através de uma grande obra que seria realizada a partir das Assembleias de Deus (GMUH, 2012). Isto causou um intenso movimento também entre as cidades circunvizinhas que passaram a buscar em Camboriú a mesma experiência vivida pelos fiéis daquela denominação. De acordo com os relatos, não demorou para que isso se estendesse não só ao Estado de Santa Catarina, mas também a outros Estados e regiões do país (GMUH, 2012).

É interessante observar que tal dinâmica também foi percebida na narrativa bíblica do dia de Pentecostes, em Atos dos Apóstolos, segundo a qual os discípulos de Jesus estavam reunidos em Jerusalém e receberam uma manifestação do Espírito Santo que os capacitava a falar em outras línguas (Atos dos Apóstolos 2) e os impulsionava a pregar o evangelho com mais intrepidez, conforme associa a dogmática pentecostal. Aquele momento teria marcado o início da igreja cristã e os pentecostais absorvem como mito fundante da sua tradição.

Outro exemplo também considerado fundante pelos pentecostais, inclusive narrado na historiografia das Assembleias de Deus (CONDE, 2008) seriam os fatos ocorridos em Los Angeles, na Rua Azusa, que marcaram o início do movimento pentecostal moderno. Naquela ocasião também houve manifestações atribuídas ao Espírito Santo que fizeram com que as pessoas falassem em línguas estranhas e fossem impulsionadas a transmitir a mesma experiência por onde passassem, gerando um movimento de grandes proporções, e chegando até mesmo ao Brasil com os missionários pentecostais que tiveram um contato indireto com as manifestações ocorridas na Rua Azusa (CAMPOS, 2005).

Diante de tantas manifestações e da euforia do povo, e isto em um relativamente curto período de tempo⁴⁰, as Assembleias de Deus em Camboriú-SC realizaram o 1º Encontro Nacional de Missões em 3 fevereiro de 1983 (GMUH, 2012). Tratava-se de um evento que, apesar da denominação “nacional”, foi basicamente de abrangência local, e era destinado a celebrar e consagrar aquele momento de efervescência (ou como preferem chamar, “reavivamento”).

³⁹ A teologia pentecostal condiciona o ato de profetizar à experiência do batismo com o Espírito Santo. Assim, somente os batizados com o Espírito Santo poderiam profetizar.

⁴⁰ Da data em que o pastor Cesino Bernardino chegou a Camboriú (25 de janeiro de 1977) até a realização do primeiro evento (3 de fevereiro de 1983) transcorreram seis anos. A igreja foi fundada em 1948 e até então ainda não havia experimentado tantas novidades em um espaço de tempo relativamente curto (IEAD, 2013).

O ritual era baseado essencialmente na pregação bíblica, havendo períodos de música e oração. Através desta última (e reiterando sua centralidade), novamente muitas pessoas sentiram-se “cheias” do Espírito Santo, sendo que, naquela ocasião, uma jovem estudante (Alenir Buck) que participava do evento decidiu tornar-se missionária. Esta jovem, que posteriormente foi enviada para a Argentina, teria sido a primeira missionária daquela denominação e da entidade paraeclesial que surgiu a partir dali, denominada Gideões Missionários da Última Hora (ARAUJO, 2007; GMUH, 2012).

Daquele momento em diante, o evento passou a ser realizado anualmente, e agora sempre no mês de abril, na sede da igreja Assembleia de Deus em Camboriú-SC. A princípio, a duração era de quatro dias consecutivos, mantendo esta configuração até o ano de 1997. A partir de 1998, a duração oscilou entre cinco e dez dias. E do ano de 2010 até hoje, a duração tem sido de onze dias ininterruptos, acontecendo simultaneamente em dois locais distintos da cidade (na igreja e em um ginásio municipal de esportes, tendo inclusive uma programação específica para cada ambiente com pregadores e cantores distintos). Sua denominação também foi alterada com o passar dos anos, recebendo, em 2007, o nome de Encontro Internacional de Missões e em 2010 a atual denominação: Congresso Internacional de Missões (vide Apêndice A).

O evento, por suas características e pelo seu histórico de temas (Apêndice A), tenta ressaltar o caráter escatológico da doutrina pentecostal das Assembleias de Deus, enfatizando sempre a obra missionária e o anseio pela salvação das pessoas. Para tanto, a programação constitui-se de momentos de “conscientização missionária” onde são feitos relatos de experiências por missionários que estão no campo, apresentação de peças teatrais, ressaltando a importância da obra missionária, e de fotos e vídeos com o mesmo objetivo. A programação ainda é composta, e principalmente, da pregação que fica sob a responsabilidade de um convidado de reconhecido mérito entre os pentecostais e que procura enquadrar sua mensagem ao tema central do evento, dando sempre uma ênfase mais entusiástica e emotiva a fim de caracterizar a pregação como pentecostal.

De acordo com dados da organização do evento, existem hoje 1.271 famílias missionárias, mantidas financeiramente pelos GMUH, além de projetos que vêm sendo desenvolvidos em regiões carentes do país e de outras nações da América Latina, Caribe e continente africano. Nessas regiões, os GMUH atuam com serviços de saúde e educação, distribuindo também cestas básicas para a população carente (GMUH, 2012). Todas essas ações são patrocinadas exclusivamente pela entidade promotora do evento que angaria recursos principalmente através das campanhas de arrecadação e vendas de produtos.

Por seu histórico (em 2013 realizou-se a 31ª edição) e pela aceitação e participação de pessoas provenientes das mais diversas regiões do país⁴¹, o Congresso Internacional de Missões dos Gideões Missionários da Última Hora é considerado pela organização “o maior evento missionário do mundo” (GMUH, 2012). Ele também é considerado o maior evento pentecostal do país por reunir grande número de representantes das denominações pentecostais do Brasil (dentre elas as Assembleias de Deus) e ter uma abrangência que supera os limites geográficos da região, sendo transmitido ao vivo pelo rádio e pela Internet, dispondo também para venda os DVDs de pregações do evento que são distribuídos nacionalmente.

Reforçando esta convicção dos GMUH, de acordo com os dados do censo demográfico realizado em 2010, a cidade de Camboriú-SC ainda apresenta uma média de evangélicos, evangélicos de origem pentecostal e evangélicos das Assembleias de Deus bem acima da média nacional e do próprio Estado, conforme se vê no quadro comparativo abaixo:

Percentual de evangélicos no Brasil, em Santa Catarina e em Camboriú (2010)

Classificação do IBGE	Brasil	Santa Catarina	Camboriú-SC
Evangélicos	22,1%	20%	37,8%
Evangélicos de origem pentecostal	13,3%	10,9%	29,1%
Evangélicos – Assembleias de Deus	6,4%	5,7%	17,6%

Fonte: IBGE (2012)⁴²

Isto coloca a referida cidade em uma posição considerável para o estudo do pentecostalismo no Brasil, sendo que o evento em questão pode ser relevante para explicar esta variação, confirmando ainda as previsões de que ele teria a prerrogativa de ser um dos maiores do país, no âmbito pentecostal.

⁴¹ A organização estima que, no ano de 2013, participou do evento um total de aproximadamente 150 mil fiéis. De acordo com levantamento feito a partir das caravanas cadastradas neste evento, há pelo menos uma representação de cada estado da federação com um mínimo de quarenta pessoas cada, sendo que estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo participam com dezenas de caravanas.

⁴² Essas informações foram compiladas levando-se em conta os dados obtidos no site do IBGE que foram colhidos no Censo de 2010. Para tanto, utilizou-se o quantitativo do número total de evangélicos no Brasil (42.275.440), o quantitativo do número total de evangélicos de origem pentecostal (25.370.484) e o quantitativo do número total de evangélicos das Assembleias de Deus (12.314.410). A título de comparação, conforme se vê na tabela, os mesmos dados foram colhidos limitando-se ao Estado de Santa Catarina, obtendo-se o quantitativo total de 1.252.495, 685.769 e 359.740, respectivamente. Da mesma maneira procedeu-se com a cidade de Camboriú, obtendo-se também o quantitativo total de 23.588, 18.166 e 10.969, respectivamente. O percentual foi conseguido utilizando-se o quantitativo da população residente no Brasil, no Estado de Santa Catarina e em Camboriú, respectivamente 190.755.799, 6.248.436 e 62.361 habitantes.

2.1.2 O Congresso Internacional de Missões ou “Congresso dos Gideões”

Ambas as denominações são válidas e inclusive ressaltadas pela direção do evento, mas a segunda é ainda mais popular no meio pentecostal. A participação em uma edição desse evento constitui uma oportunidade ímpar para muitas pessoas. Isto porque a oportunidade que se tem de ir a um “congresso dos Gideões” teria quase a mesma importância que um muçulmano sente ao ir à Meca pelo menos uma vez na vida. E não são poucos os que se regozijam de terem participado mais de uma vez do evento ou aqueles que dizem nunca ter perdido uma edição.

Tal interesse e regozijo confirma uma aspiração que o homem religioso, e este pentecostal, teria pelo transcendente. Seu desejo de sentir novamente uma experiência religiosa marcada por uma festa que aponta indiretamente para um momento mítico da narrativa bíblica (o dia de Pentecostes) nutre-o durante todo o tempo que antecede a realização do evento. Para tanto, este homem religioso não vê dificuldades (sejam financeiras, de distância ou mesmo de saúde), mas vê uma oportunidade singular de estar novamente diante daquilo que lhe trouxe renovo e força a fim de continuar sua vivência religiosa (ELIADE, 1992).

Participam do congresso pessoas com interesse na obra missionária (missionários, intercessores, mantenedores, etc.), pessoas que procuram um “renovo espiritual” (a grande maioria dos participantes), cantores que buscam divulgar seus trabalhos e os pregadores. Estes últimos, juntamente com a segunda classificação de pessoas, fazem o evento ser como é de fato, um momento em que a emoção e o êxtase se unem formando o que chamam de “avivamento”. A centralidade do pregador é a condição *sine qua non* para que o evento torne-se marcante e envolvente e o interesse da plateia motiva-o a valorizar ainda mais a oportunidade que tem de pregar.

Diferentemente de outras reuniões ordinárias promovidas pelas Assembleias de Deus, inclusive a de Camboriú, o congresso dos Gideões tem uma programação *sui generis*. Se os cultos ou outras festividades regulares tem uma programação que é distribuída ao longo do dia, respeitando-se os intervalos para refeições, por exemplo, no caso do congresso dos GMUH não há intervalos. A programação tem início às 8 horas da manhã e encerra-se à noite, às 23 horas. Neste período há o revezamento de responsáveis pela direção que atuam principalmente nos momentos menos frequentados que são aqueles que acontecem depois das pregações, que marcam a transição de um momento a outro da programação. Nos momentos considerados mais cruciais (como as pregações e contribuições financeiras), quem assume a

direção é o pastor Cesino Bernardino ou seu filho, Reuel Bernardino, respectivamente presidente e vice-presidente do evento e personagens essenciais na efetivação do congresso.

Mesmo a programação tendo início em horário específico, não é incomum os participantes chegarem muitas horas antes ao local a fim de garantir um bom lugar, de preferência próximo ao púlpito onde irão acontecer as pregações. Para isso, muitos testemunham que dormem próximo ao local do evento ou nem dormem, temendo perder o horário. A respeito das refeições, não é raro encontrar alguém que decidiu abdicar delas para estar dentro do local onde o evento se realiza. Muitos até aproveitam a ocasião e transformam esse sacrifício em jejum, contribuindo ainda mais para a sacralidade do ambiente em que estão. Apesar da duração (normalmente dez ou onze dias), os participantes que vêm de outras localidades preferem investir o máximo de tempo possível nos poucos dias que ali estarão (a média de participação é de três dias). Eis o motivo de abdicarem de necessidades consideradas essenciais, como comer e dormir.

A primeira reunião do evento sempre acontece no sábado à noite, na sede da igreja na cidade e é chamada de “pré-abertura” já que conta com um número relativamente menor de pessoas (também devido ao tamanho do espaço disponível). Trata-se eminentemente uma cerimônia política, tendo uma programação composta de discursos os mais diversos, inclusive das autoridades da cidade, como Presidente da Câmara dos Vereadores, Deputados e Prefeito. É nesta ocasião que o pastor da igreja recebe simbolicamente a chave da cidade de Camboriú, ressaltando a importância que o evento tem para o município. No congresso realizado em 2013, a prefeita da cidade, no momento da entrega da chave, ressaltou que “a partir deste momento, estou destituída do cargo e entrego, inclusive, a chave do meu gabinete para uso do pastor Cesino” e que “no gabinete já está o brasão dos Gideões”.

Após esse cerimonial, que é intercalado também por apresentações musicais, há a pregação da noite e constitui o momento principal e de maior atenção e duração do culto. É nele também que as pessoas expressam-se mais entusiasmamente, glorificando, levantando as mãos, algumas pulando e muitas falando em línguas estranhas.

Terminada a pregação, dois ou no máximo três cantores são chamados (um de cada vez) enquanto as pessoas são convidadas a ir à frente receber oração. Os cantores, por sua vez, sempre expressam “o prazer de estar no púlpito dos Gideões”, como ressaltou uma cantora no último congresso: “chegar aqui já foi demais”. Para muitos, e a própria organização do evento reconhece isso, aquela oportunidade seria uma espécie de vitrine e as chances de um anônimo subir ali e tornar-se “famoso” são muitas. Eis o motivo da importância que se dá e o prazer

que se tem quando munido daquela oportunidade. Após esse momento é encerrada a primeira reunião do Congresso.

A programação restante tem início sempre às 8 horas e término previsto para as 23 horas. É composta de músicas, apresentações teatrais, testemunhos de missionários e momento de recolhimento das ofertas (este às vezes tende a se prolongar por mais de uma hora, já que são estipulados valores específicos de contribuição a fim de se alcançar uma meta de arrecadação traçada para o evento). As pregações acontecem em três ou quatro momentos do dia sendo que a noite sempre é o horário mais disputado pela plateia.

Conforme já relatado, não há intervalos na programação e assim, enquanto alguns optam em sair do ambiente para fazer suas refeições ou outras necessidades, muitos continuam no mesmo local. Normalmente, quem comanda a frequência da assistência é o pregador, sendo que, ao término da prédica, há a apresentação dos cantores e a tendência é haver um pouco de esvaziamento do local ou um aparente desinteresse da plateia em geral pelo que agora está acontecendo (muitos conversam entre si, outros fazem lanches e alguns dormem).

Acontecendo todos os dias e durante todo o dia na sede da igreja, o evento duplica-se a partir da quinta-feira (cinco dias após a pré-abertura) quando passa a acontecer simultaneamente em outro ponto da cidade, um ginásio de esportes que é considerado o maior ginásio coberto do Estado de Santa Catarina⁴³. Mesmo sendo um ambiente público, que não ostenta símbolos religiosos fixos, o local é cuidadosamente preparado para ter a mesma estrutura e assemelhar-se a um ambiente religioso. Para tanto, um grande palco é erguido no fundo do ginásio (lá será o púlpito onde haverá as pregações e onde os pastores ficarão durante as reuniões), milhares de cadeiras são dispostas lado a lado ao longo das quadras de esporte do ginásio, deixando um vão central que servirá como corredor principal de acesso da entrada ao púlpito (há também corredores laterais), bandeiras de todos os estados brasileiros e de alguns países são penduradas nas paredes internas ao redor do ginásio e uma grande aparelhagem de som e imagem é montada, permitindo que aqueles que estiverem mais distantes do púlpito (inclusive quem não estiver no local, tendo acesso apenas pela Internet) não percam um só momento do evento (para isso, torres de filmagem são também montadas e câmeras são dispostas em pontos estratégicos).

⁴³ De acordo com a organização do evento, este ginásio passou por grandes reformas (financiadas pelo governo do Estado) para, principalmente, poder receber o público que sempre lota o local. Calcula-se que, durante o congresso, ele receba todos os dias a lotação máxima que é estimada em dez mil pessoas.

Por ser um espaço significativamente maior que o anterior (a igreja), este agora passa a ser considerado o local oficial do evento. Para isso, há novamente uma cerimônia oficial (esta sim de abertura), composta de apresentações, entrada de bandeiras e autoridades (do município e do Estado) e discursos das mesmas representações da pré-abertura. O ritual continua sendo o mesmo já utilizado, ressaltando sempre a centralidade na pessoa dos pregadores que também se apresentarão em pelo menos três momentos do dia.

Esses pregadores normalmente tornaram-se muito conhecidos a partir do evento. Geralmente são procedentes de outros estados e presidem igrejas pertencentes às Assembleias de Deus ou são pregadores “itinerantes”, ou seja, são filiados a essas igrejas, mas atuam mais fora delas. Sempre são precedidos pelo nome de “pastor”, mas há alguns que diferem, sendo também chamados de “conferencistas⁴⁴”. A estes, há ainda outra especificidade. Podem ser “nacionais” ou “internacionais”. A primeira categoria seria daqueles que atuam (ou pregam) no âmbito local, porém distantes de suas cidades. A segunda é atribuída àqueles que atuam (ou atuaram alguma vez) fora do Brasil.

Citando algumas falas extraídas do congresso de 2013, é possível observar o grande regozijo e interesse que os pregadores têm por este momento considerado único: “é uma honra ser um dos pregadores oficiais dos Gideões”, disse um pregador; “eu já fui revelado mais de cinquenta vezes que iria pregar nos Gideões”, falou outro pregador. O próprio presidente do evento ressaltou que “o objetivo dos Gideões não é só fazer missionários, mas também fazer pregadores”.

Cada um desses pregadores adota um estilo diferenciado. Alguns começam falando devagar e baixo, como se estivessem conversando tranquilamente. Às vezes eles mantêm esta dinâmica até o fim, intercalando com momentos de euforia e agitação. Outros já iniciam agitados, falando alto ou em línguas estranhas, mantendo a mesma sistematização durante toda a pregação.

Isto estimularia as pessoas que assistem a agir da mesma maneira que os pregadores. Se o pregador está calmo, há atenção e concentração naquilo que está sendo falado. Se o pregador está barulhento, eufórico, movimentando-se muito, a plateia tende a responder de maneira mais incisiva, glorificando, levantando as mãos, pulando e falando em línguas

⁴⁴ Trata-se de uma denominação muito utilizada entre os pregadores pentecostais a fim de ressaltar a sua itinerância. Em virtude de muitos não serem “pastores”, um título que é alcançado após uma relativa caminhada (progressão ministerial) dentro da denominação, mas estando bem afeitos à prática da pregação, empregam o termo “conferencista” com o intuito de trazer certa distinção ministerial oficialmente não outorgada. Teologicamente, este termo não foi cunhado de forma literal nas responsabilidades eclesiais relatadas pelo apóstolo Paulo em suas epístolas. Porém, dada a livre interpretação, aqueles chamados “evangelistas”, conforme a narrativa bíblica de Efésios 4.11 (“E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores”), poderiam ser assim classificados como “conferencistas”.

estranhas. Percebe-se que esta dinâmica é mais incentivada pelos pregadores e também mais aceita pela plateia. Interessante dizer também que, mesmo após um longo dia, algumas pessoas que permaneceram no local do evento continuavam apresentando disposição para repetir as mesmas práticas, quando incitadas pelo pregador. A este respeito, Prócoro Velasques Filho afirma que:

A retórica do pregador deve traduzir entusiasmo e convicção. O pregador deve falar como alguém que vive aquilo que prega, que tem certeza de que sua fala é verdadeira, sem qualquer concessão à dúvida. A descrição das delícias que os crentes gozarão no além-morte causa a impressão de que o pregador já experimentou essa situação. (VELASQUES FILHO, 1990c, p. 159)

Se indagadas acerca do que as motiva para estarem neste evento, a resposta sempre converge para uma só afirmação: a busca pelo poder de Deus. Tal poder seria essencial para a manutenção de um ideal de vida embasado na vontade divina, expressa através da necessidade diária que o fiel tem de transcendência, acreditando que sua vida é pautada pela constante luta entre o bem e o mal, sendo que a vitória do bem só acontecerá a partir do momento em que ele, o fiel, estiver munido das armas poderosas conseguidas pela fé, através dos conselhos ouvidos a partir da pregação ministrada.

Os pregadores, sabendo previamente da intenção da plateia (a busca pelo poder de Deus), enriquecem suas pregações com frases de efeito que tocam diretamente na razão das pessoas que ali estão. Eis o motivo de elas responderem tão enfaticamente ao pregador com as expressões já relatadas. Acerca disso, escreve Alexandre Souza que

O fato é que o poder que circula no ambiente religioso é de natureza sagrada. Aquele que ocupa o lugar da fala não se baseia em convenção humana e nem fala em seu próprio nome, mas se dirige às pessoas como representante de um poder sobrenatural que não admite ser questionado e requer obediência incondicional. (SOUZA, 2004, p. 57)

Analisando de um ponto de vista teológico, embasado sobretudo na dogmática defendida pelas Assembleias de Deus, pode-se concluir que muito do que é proferido pelos pregadores não tem correspondência direta (nem mesmo indireta) com o que está documentado no código doutrinário dessa denominação. Talvez não seja intencional essa divergência, uma vez que aquele momento é caracterizado por uma grande emoção e comoção, sendo que “o líder carismático genuíno em geral anuncia, cria e exige mandamentos novos no sentido originário do carisma: em virtude de revelação, do oráculo, da inspiração, ou então de sua vontade criadora concreta” (SOUZA, 2004, p. 59).

Outrossim, acerca da possibilidade de se escrever o sermão a fim de garantir certa coerência com as doutrinas já consolidadas da instituição, Prócoro Velasques Filho ainda afirma que:

O bom sermão (...) não pode ser escrito e lido no púlpito. Deve ser espontâneo. Duas razões explicam o fato de ser inadmissível o recurso ao texto escrito previamente: a primeira delas é a convicção segundo a qual as palavras devem ser colocadas na boca do pregador pelo Espírito Santo; a segunda razão é de ordem mais prática: o texto escrito opera como limitador da retórica necessária. (VELSASQUES FILHO, 1990c, p. 160)

Porém, esta espontaneidade, que é promovida pela oralidade, acarreta em um distanciamento entre o que se propõe com o evento (sua missão e seu próprio nome) e o que de fato acontece. Parece haver uma explosão de carismas em detrimento de uma conscientização acerca do papel que este fiel pentecostal tem diante da evangelização, por exemplo.

Ainda que os pregadores tentem delimitar suas mensagens de acordo com a temática proposta pelo evento, não é raro a mensagem tomar um rumo distinto daquilo que foi predito no início. Algumas vezes não é possível nem constatar o desfecho da mensagem, pois o ambiente já chegou a um momento de êxtase que, incentivado pela fala do pregador e pelos efeitos sonoros do evento⁴⁵, resta aproveitar tal momento a fim de se encontrar com aquele poder buscado inicialmente. O resultado disso é um sentimento generalizado de prazer que cada fiel demonstra após a pregação. Muitos são carregados por sobre a multidão, estando aparentemente inconscientes, outros choram copiosamente e outros falam em línguas estranhas sem parar. Tudo isto pode ainda ser associado ao que se denomina de “unção” do pregador. Alguns pregadores parecem exceder em unção a outros. E isto os torna mais conhecidos, causando ainda mais expectativa por parte da plateia (FERREIRA, 2011).

Mesmo constatando essas divergências doutrinárias, quando comparadas ao sistema de crenças do pentecostalismo clássico, é esta a dinâmica que o congresso dos GMUH procura manter ao longo de sua existência. Por se tratar também de um evento pentecostal, essas expressões tornam-se necessárias a fim de garantir a manutenção da pentecostalidade que se acredita ser herdada dos primeiros movimentos atribuídos ao pentecostalismo clássico. Isto contribui também para o estabelecimento deste congresso como um ambiente considerado sagrado, onde as manifestações mais peculiares a esse pentecostalismo são expressas. Daí serem tão valorizadas as peregrinações anuais ao evento.

⁴⁵ Durante a pregação, há um fundo musical que aumenta e diminui de acordo com a fala do pregador.

2.2 Os GMUH e o pentecostalismo das Assembleias de Deus

Por se tratar de um evento eminentemente pentecostal, o congresso dos GMUH procura, ao longo das suas trinta e uma edições, manter um padrão que o identifique com a denominação a que faz parte, as Assembleias de Deus. Historicamente reconhecida como uma denominação que buscou disseminar-se no Brasil através de pequenos trabalhos que eram fundados nas periferias das grandes cidades ou no interior, acabou ressaltando a importância do trabalho missionário como desbravador de novos campos de evangelização. Isto contribuiu para o implemento de uma cultura dentro da denominação que ressaltava a necessidade constante de se fazer missões a fim de, conforme a crença pentecostal, tornar o nome de Jesus Cristo reconhecido por todos. Foi esta mesma cultura que motivou os crentes das Assembleias de Deus em Camboriú-SC a criar e manter o evento em questão, denotando a herança recebida pela denominação de origem.

A concretização desse trabalho missionário dependeria de outra importante característica das Assembleias de Deus, que é a prática da pregação. Para tanto, ela deve revestir-se de características que a tornem mais empolgante e atrativa, a fim de convencer melhor os ouvintes. O evento em análise prima por esta dinâmica, uma vez que está centrado efetivamente na pessoa do pregador que se constitui a figura principal do evento, capaz de doutrinar e convencer seus ouvintes a realizarem quaisquer “mandamentos”, haja vista estar incumbido de “revelar” a palavra de Deus naquele momento.

Por fim, este item também comenta o papel do congresso dos GMUH enquanto mantenedor das doutrinas pentecostais que ressaltam a atualidade dos dons espirituais, promovedores de manifestações extáticas e transcendentais.

2.2.1 Missões

O zelo proselitista das Assembleias de Deus sempre ressaltou a necessidade da obra de missões em suas denominações. Isto tem muito a ver com sua própria fundação, uma vez que ela é fruto do trabalho de dois missionários europeus (Daniel Berg e Gunnar Vingren) que aportaram no Brasil (Belém-PA) em 1910, e fundaram a denominação em 1911, de acordo com sua história oficial (CONDE, 2000). Grande parte dessas igrejas fundadas no país seguiu essa mesma dinâmica, surgindo a partir da iniciativa de missionários, que podiam ser oficiais (aqueles que foram devidamente autorizados pela denominação) ou simpatizantes (aqueles fiéis que, identificados com a nova doutrina pentecostal, levaram a ideia para suas cidades).

As Assembleias de Deus em Camboriú-SC não fugiram à regra. Também tiveram seu início a partir de um missionário, um jovem egresso do serviço militar que se converteu ao pentecostalismo em Blumenau-SC, local onde servia. Encerrando sua missão no Exército, regressou à sua cidade e começou a evangelizar (a data aproximada é de 1948). Ao longo dos anos, as pessoas foram aderindo à denominação que se formou e que era administrada pelo “campo⁴⁶” de Itajaí-SC. Em 1972, após sua consolidação, foi emancipada, tornando-se independente localmente e filiada diretamente à Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB)⁴⁷ (IEAD, 2013).

Com a chegada do atual pastor presidente da denominação em Camboriú-SC, em 1977, houve um novo interesse em atuar efetivamente na obra missionária, fazendo com que aquela denominação se tornasse uma referência nacional na área. Assim, com a realização dos encontros (e depois congressos) de missões, começou-se a formar uma cultura missionária na região e principalmente na cidade, a partir das Assembleias de Deus. Conforme já foi relatado, no primeiro encontro de missões, realizado em 1983, uma jovem voluntariou-se para ser missionária na Argentina e, desde então, a denominação passou a enviar e “adotar” missionários em diversas partes do mundo, mantendo-os financeiramente e gerindo suas atividades no campo missionário (GMUH, 2012).

O discurso do evento em análise baseia-se essencialmente na busca de recursos financeiros para continuar este trabalho que já vem sendo realizado há mais de trinta anos. Para isso, a organização lança mão de campanhas as mais diversas de arrecadação. A mais comum é a “oferta voluntária”, onde os fiéis depositam valores quaisquer nos recipientes destinados a este fim, espalhados pelo local do evento. Há também arrecadações feitas por meio de “desafios financeiros”, onde é informado um dado valor e é estipulado um número exato de pessoas que devem contribuir com o referido valor. Para essa arrecadação, há um tipo de recompensa aos ofertantes (bíblias, livros, DVDs, *souvenirs*, etc.). E por fim, há ainda a arrecadação através de carnês, onde o fiel faz o pagamento (por meio de boleto bancário) ao longo de um determinado tempo (normalmente doze meses). Com isto, os GMUH afirmam manter financeiramente as 1.271 famílias missionárias durante o ano corrente.

Há também o interesse (não tão explicitado) de buscar novos missionários. Isto é feito a partir de conscientizações almejadas por meio dos testemunhos e pregações. Por valorizar

⁴⁶ De acordo com Marina Correa, “campo é uma expressão de uso interno nas igrejas assembleianas. Campo não é empregado no sentido camponês ou geográfico, que diz respeito à posse de terra, mas no sentido político de poder, isto é, posse de espaço religioso” (CORREA, 2012, p. 142).

⁴⁷ Para se compreender a dinâmica da formação de novas igrejas Assembleias de Deus, sugere-se a leitura da tese, defendida em 2012 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, “A operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil”, de Marina Aparecida Correa.

um caráter essencialmente espiritual, não é raro, durante o evento, pessoas afirmarem que foram “tocadas” a fim de se voluntariarem para a obra missionária efetiva, ou seja, ser um missionário indo ao campo. Mas esta decisão não é tomada individualmente. A escolha de novos missionários se dá através de uma progressão eclesial, ou seja, são fiéis que no decorrer da caminhada cristã, apresentam características ou comportamentos que os credenciam a tornarem-se missionários, devendo antes ser submetidos a um treinamento a fim de prepará-los para o trabalho que irão desempenhar. Com isto, este missionário poderá exercer a função para a qual foi treinado e ser sustentado pelos GMUH (GMUH, 2012).

A título de prestação de contas, ao longo do evento são dados relatórios informais, exibidos vídeos e fotos e ouvidos testemunhos de missionários que foram beneficiados com os recursos despendidos pelos GMUH. Normalmente, essa prestação de contas acontece sempre antes do momento em que será feita a coleta das ofertas. Observou-se que não há menção de algum documento formal disponível que discrimine os valores arrecadados e empregados. Contudo, há informações durante o evento de valores que foram empregados em algumas ações da organização como compra de terrenos, veículos e imóveis, constituindo esses relatórios informais.

Com isto, o evento consegue manter-se ao longo dos anos e ainda ressalta o trabalho missionário desde sempre desempenhado pelas Assembleias de Deus. Apesar de uma identificação clara com a arrecadação financeira, o evento ainda tenta estimular os participantes a atuar como missionários em suas localidades, a partir dos ensinamentos recebidos pelos pregadores. Esta viria a ser, de fato, a maior contribuição do evento para a obra missionária nas Assembleias de Deus e sua pentecostalidade, já que ainda ostenta a figura do pregador enquanto principal formador de opinião da denominação, considerado detentor da verdade e emissário direto da divindade, transmitindo a “vontade de Deus” para aqueles que ali estão.

2.2.2 Pregação

O pentecostalismo caracteriza-se como uma religião de pregadores, onde a pregação tem a primazia no culto e na vida dos fiéis e realiza-se a partir de uma pluralidade de atuações como a pregação propriamente dita, a operação de milagres e a administração eclesial.

Para o crente pentecostal, importa saber “o que a bíblia diz”, tanto que ela ainda é utilizada em todas as suas reuniões, pelo menos para introduzi-las, lendo alguns trechos. No entanto, importa, ainda mais, saber o que um pregador diz acerca do “que a bíblia diz”. Ainda

que haja dezenas (ou centenas) de livros, manuais, periódicos que tragam interpretações consideradas consagradas acerca dos escritos bíblicos, é a palavra (ou a pregação) do pregador que tem primazia, constituindo-se a explicação final acerca do que se procura entender da bíblia.

Existe ainda a possibilidade de se ler a bíblia a partir do ponto de vista de um pregador, já que foi a partir dele que aquele texto saltou ao entendimento do fiel, revelando-o algo ainda desconhecido por ele. Assim, estabelece-se uma religiosidade que se utiliza de uma cultura escrita, mas que é sempre pautada por uma tradição oral. Ressalte-se que, desta maneira, um texto bíblico, em um dado momento, tem uma determinada interpretação ou aplicação. Mas isto não limita o texto, a ponto de não se conceberem outras interpretações que, ao invés de contradizerem a primeira, enriquecem ainda mais o texto, pluralizando seu entendimento e adequando-o a outras ocasiões ou necessidades do público assistente, nesse caso, o público do pregador. Com isto, o pregador assume um papel essencial na vida das denominações pentecostais, notadamente das Assembleias de Deus, sendo ele o encarregado da revelação divina ao povo que “clama” por entendimento da palavra de Deus.

A partir deste breve relato, é possível se ter uma ideia acerca da prevalência da pregação nos GMUH. Além de fazer campanhas de incentivo ao desenvolvimento da obra missionária, este evento tem um papel formador bem mais eloquente e eficiente do que quaisquer outras estratégias implementadas pelas Assembleias de Deus. E tudo isso graças à figura carismática e imponente do pregador.

Tem-se dito neste trabalho que a centralidade da pregação no evento em análise constitui sua identidade. É a partir dela que tudo acontece. É por ela que as pessoas se deslocam dos lugares mais distantes do país. E é ela que proporciona a transformação pelo “poder de Deus” ou a experimentação deste poder. Através dela, as pessoas testemunham a mudança de vida, o milagre e a bênção. É o contato direto com o sagrado, o momento considerado único em que este sagrado se revela através da palavra que é falada pelo pregador.

Ciente desta responsabilidade, o pregador prepara-se a partir de um ritual que lembra o do sacerdote do Antigo Testamento quando se preparava para ministrar no santuário (Êxodo 29). Este ritual que é feito antes da pregação normalmente inclui orações, jejuns, sacrifícios e promessas, não só suas, mas também dos seus familiares, amigos ou fiéis que compõem sua igreja de origem. É comum o pregador ressaltar esta preparação durante sua prédica. Isto o tornaria mais aprovado pelo público assistente. Segue um excerto de uma pregação que ilustra este relato:

Eu não subi nesse púlpito aqui de qualquer maneira, não. Eu passei por um período com Deus! Eu não estou falando isso para me achar, não. Eu estou falando para você entender que em cima deste púlpito existem homens que ainda têm compromisso com o Senhor. Eu passei [por] um processo com Deus para estar aqui falando que Jesus salva, que ele batiza, que ele te perdoa, que ele te transforma. (BERNARDINO, 2012)

Cada pregador traz uma mensagem específica, de um texto bíblico específico, mas com uma dinâmica sempre semelhante aos demais pregadores. De nada adianta, em uma reunião tipicamente pentecostal, o pregador falar e o público não corresponder, ou seja, não participar de maneira responsiva, como é natural nos cultos pentecostais. Assim, espera-se que o público glorifique, levante as mãos, fique de pé, pule, repita palavras que o pregador manda e fale em línguas estranhas (essas seriam variáveis necessárias à aceitação da pregação pelo público). Uma pregação que não acarrete essas manifestações não estaria no padrão que o evento (e o público) deseja e conseqüentemente o pregador não terá tido sucesso.

Exemplificando esta dinâmica, eis um excerto de uma pregação que incita o público a agir de maneira responsiva ao pregador: “Cadê os pentecostais? Cadê os crentes que fizeram o congresso acontecer? Abre a boca e glorifica. Abre a boca e adora! Eu vou esperar você adorar, Gideão.” (SILVA, 2012). É possível ver que as pessoas começam a levantar as mãos e glorificar, sendo que algumas também se colocam de pé.

Mas o que torna a pregação plausível para o público? Que tipo de mensagem esse público gostaria de ouvir a fim de poder responder positivamente? Um crente pentecostal responderia que só uma pregação inspirada pelo Espírito Santo de Deus seria capaz de causar as manifestações já citadas. A negação dessas manifestações implicaria em uma mensagem não inspirada pelo Espírito Santo e, conseqüentemente, em uma preparação não tão eficiente do pregador.

Analisando as pregações proferidas durante o 30º Congresso dos GMUH, realizado em 2012, e buscando identificar quais dessas pregações eram mais aceitas pelo público, partindo das variáveis já descritas, foi possível constatar que aquelas que se identificavam mais com uma pregação essencialmente expositiva, que segue sistematicamente um tema específico e que adotam um padrão hermenêutico próprio da teologia escrita das Assembleias de Deus não lograram tanto êxito. Um exemplo, significativo para este trabalho, foi de um pregador que começou a falar de um assunto escatológico (a parusia) e que, apesar das suas insistentes motivações ao público, obteve um resultado não tão satisfatório. Mesmo pregando de maneira incisiva, falando alto e intercalando sua fala com línguas estranhas (caracterizando a

pentecostalidade das Assembleias de Deus), não conseguia obter respostas positivas do público. Eis um excerto desta pregação:

Estamos vivendo as vésperas do arrebatamento da igreja. Estamos nos instantes finais, na etapa final, na arrancada final, nos momentos finais deste período dispensacional, conforme nos ensina o escritor da epístola aos Hebreus no capítulo de número dez e versículo de número trinta e sete: “resta só um pouquinho de tempo, e o que há de vir virá e não tardará”. O livro da revelação do Apocalipse, capítulo vinte e dois e versículo sete, a bíblia nos exorta dizendo: “Eis que cedo venho. Bem-aventurado o que guarda as palavras da profecia deste livro”. (...) Em Apocalipse capítulo vinte e dois e versículo vinte, a bíblia nos aconselha dizendo: “Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho, ora vem Senhor Jesus.”. Jesus está voltando! É este o assunto mais palpitante do cristianismo: a volta de Jesus, o retorno de Jesus, a manifestação de Jesus nas nuvens para arrebatá-la sua igreja. Quantos estão esperando, estão aguardando esse venturoso, glorioso, grandioso dia chegar? (JESUS, 2012)

Já outra pregação que também seguia um tema específico, utilizava-se de uma hermenêutica peculiar ao pentecostalismo (que ressalta o poder e a ação do Espírito Santo na vida das pessoas através de sinais), mas que trazia uma aplicação mais prática à vida dos ouvintes, proporcionou uma resposta consideravelmente mais positiva, não sendo necessário nem o pregador apelar incisivamente para que o público se expressasse, denotando que a pregação de fato havia sido bem recebida por todos. Segue um excerto da referida pregação:

Meu irmão, seu milagre já está acontecendo na eternidade para cair na tua mão. Quando você resolveu sair de onde mora, de onde vive, e viajar aqui para Camboriú para poder passar dias nesse congresso, o céu já começou a trabalhar pelo seu milagre. Pare de se preocupar com o seu milagre. Pare de se preocupar com a sua vitória. Os céus já estão trabalhando, os anjos já estão trabalhando. Deus está abrindo porta onde não tem porta. Mês de maio vai ser mês de surpresa. Toda semente que você está semeando neste congresso, ainda neste mês você vai colher cem vezes mais! (GONÇALVES, 2012)

Ao final desta fala, a plateia que estava sentada pôs-se de pé e começou a levantar as mãos, glorificar, falar em línguas estranhas, em um claro gesto de aprovação ao que o pregador havia dito. Ressalte-se que esta mesma dinâmica repetiu-se ao longo de muitas outras pregações, observando-se o mesmo comportamento do público a pregações que se assemelhavam à primeira fala ou à segunda fala, respectivamente. Por esta análise é possível constatar qual estilo ou tipo de pregação seria mais plausível ao público do evento.

O tom diretivo e enfático dos pregadores para com o público serve para marcar uma característica essencial das pregações no pentecostalismo das Assembleias de Deus. A mensagem, neste contexto, deve falar diretamente ao ouvinte, em um tom pessoal. É como se, apesar de toda a multidão presente, naquele momento o pregador estivesse falando exclusivamente para um único fiel. Suas colocações, seus exemplos, seus conselhos inspiram

neste fiel uma empatia que o convence de que Deus está, de fato, referindo-se à sua vida, ao “usar” o pregador.

*O teu ministério não vai acabar. A tua igreja não vai fechar as portas. Teu círculo de oração não vai ser destruído, a tua juventude não vai morrer no inferno. A obra que Deus te disse que tu serias missionário já pode tirar o passaporte. Deus vai te levantar, missionário. (...) Só quem acredita faz barulho de glória! (COSTA, 2012 – os *itálicos* são nossos)*

Uma mensagem que consegue despertar no fiel a crença de que Deus estaria falando exclusivamente para ele certamente torna-se mais aceita. Eis o motivo da pessoalidade com que os pregadores utilizam-se ao pregar. Outrossim, quando esta mensagem é proferida por determinados pregadores, ela ainda ganha um peso maior, já que parece haver uma confiança superior neles, indicando uma “unção” mais especial, autorizando-os a falar e agir com mais autoridade, inclusive convencendo mais facilmente o público que o assiste.

Percebe-se que a principal contribuição que este evento traz ao pentecostalismo das Assembleias de Deus, além de corroborar com seu aspecto missionário, extático e transcendente, é que ele proporciona um dos poucos momentos onde é possível ouvir tantas pregações proferidas por homens de notório reconhecimento na denominação⁴⁸. Já que a reatualização dos mitos no pentecostalismo se dá principalmente (até exclusivamente) através da pregação, o fiel tem a oportunidade de, a partir do evento, se inteirar acerca do que é preciso fazer para continuar “agradando a Deus”, ou seja, mantendo a plausibilidade do seu relacionamento com a divindade. Conhecendo o que Deus quer, o fiel continua a manter seus dogmas ou passa a crer em outros, dependendo da revelação que foi pregada. Daí seus discursos ocasionalmente ressaltarem o aspecto doutrinário e dos usos e costumes nas Assembleias de Deus.

Por ser enfaticamente uma denominação que ainda afirma os chamados “dons espirituais”, procura sempre ressaltar nas pregações a contínua ação do Espírito Santo e a necessidade de se falar em línguas estranhas, bem como de profetizar. Há também ênfases na obra de salvação por meio de Jesus Cristo (eis um ponto que sempre remete à obra missionária dos GMUH), na crença e atualidade da realização dos milagres (em algumas pregações são mencionados testemunhos de pessoas que foram curadas de enfermidades

⁴⁸ O evento segue uma tradição das Assembleias de Deus em privilegiar somente os homens para o momento da pregação. No evento de 2012, em meio a uma lista de quase cinquenta pregadores, havia o nome de apenas uma mulher. Já neste último, em 2013, tendo sido convidados mais de setenta pregadores, nenhuma mulher foi convidada. A inexatidão quanto ao número de pregadores se dá pelo fato de, apesar de haver uma lista com todos os nomes, eventualmente são chamados outros que não constavam nesta lista, seja para substituir um ausente ou mesmo para complementar a programação.

diversas durante o evento), da batalha espiritual que o crente eventualmente trava em sua vida (aqui a ênfase no diabo é muito significativa), da necessidade da prática da oração constante através de uma vida devocional e da parusia ou retorno iminente de Jesus Cristo para arrebatá-los os crentes (este assunto já é bem menos frequente nas prédicas observadas).

Acerca dos usos e costumes (estereótipos identificadores dos pentecostais), são comuns algumas falas que remetem a um padrão de santidade a ser observado a partir do modo como os fiéis devem se comportar no “mundo”. Fala-se muito acerca do testemunho do crente fora da igreja, da maneira como deve se vestir (principalmente as mulheres), o que pode comer ou beber, do uso “correto” da tecnologia (utilizá-la para a edificação e evangelização) e do relacionamento com pessoas que não professam o mesmo credo pentecostal.

Estes assuntos, em geral, são bem recebidos pelo público, sendo algumas vezes motivo de alegria, expressa através das manifestações já descritas aqui. Ressalte-se que existem assuntos bem mais comemorados, principalmente aqueles que enfatizam a vitória sobre as lutas, a derrota sobre o diabo, o recebimento de bênçãos e o milagre esperado ou não. Aqui o fiel é instado a agir com fé a fim de alcançar as graças prometidas por Deus, conforme é sempre ressaltado pelos pregadores do congresso.

O que parece promover o interesse geral dos fiéis pelo que dizem esses pregadores especificamente, tendo em vista que em suas próprias denominações também há a prática da pregação, é a hermenêutica utilizada. O congresso dos GMUH proporcionaria uma oportunidade de se conhecer novas interpretações acerca do texto bíblico que, sendo condizentes ou não com a teologia pentecostal tradicional, despertam o interesse para uma nova percepção da verdade divina. Diante desta nova interpretação transmitida pelo pregador, o fiel passaria a encarar fatos da vida hodierna por outro viés. Embora já houvesse uma opinião formada sobre determinado tema ou assunto, a partir daquela “revelação” do pregador, esta opinião tornar-se-ia secundária (às vezes totalmente substituída), passando a valer apenas a que foi ouvida durante o congresso.

Assim, pode-se considerar que a pregação no congresso dos GMUH constitui-se o principal meio de agregação de pessoas procedentes das mais variadas partes do país, sendo a principal forma de doutrinação desse público, já que ela é considerada o “canal direto” de comunicação entre a divindade e o fiel que anseia em saber da verdade divina para sua vida. Não são poucas as pessoas que, saindo do congresso, demonstram um enorme regozijo por haverem tido a oportunidade de ouvir e ser “edificados” com os ensinamentos proferidos pelos pregadores. E a julgar pela capacidade que tem os pentecostais de reproduzirem esses ensinamentos,

torna-se significativa a influência direta desse evento na prática cotidiana de culto das Assembleias de Deus, principalmente.

2.2.3 Fervor pentecostal

O culto pentecostal é marcado por manifestações atribuídas sempre à presença do Espírito Santo. Estas manifestações podem ser basicamente constatadas quando um fiel glorifica a Deus em um tom de voz mais alto, fala em línguas estranhas, chora e ergue as mãos, demonstrando uma alegria intensa, ocasionada por esta presença marcante na sua vida. É por isso que, entre os pentecostais, o barulho, quando procedente dessas manifestações, é muito valorizado. Há até uma frase que é repetida algumas vezes em algumas reuniões e que resume claramente a importância e necessidade que se dá aos sons dos cultos: “pentecostal que não faz barulho está com defeito de fabricação” (FELICIANO, 2010 *apud* FERREIRA, 2011, p. 54). Esta frase foi cunhada, inclusive, por um pregador do congresso dos GMUH e hoje embala algumas reuniões das igrejas pentecostais.

Esta descrição marca o que se denomina neste item de fervor pentecostal e qualquer denominação procedente do pentecostalismo clássico, principalmente as Assembleias de Deus, demonstra-o em abundância. Em termos nativos, um “culto natural”, ou seja, um culto onde a presença do sobrenatural, do transcendente, não é sentida ou expressa através de demonstrações extáticas pelos fiéis (a glossolalia, por exemplo), é considerado um culto gelado, frio, sem o Espírito Santo. E como não se deseja cultuar a Deus dessa maneira, podendo até ser considerado um “culto em que Deus não recebeu”, os pentecostais procuram pautar sua adoração agindo, então, mais fervorosamente.

No congresso dos GMUH, esse fervor é ainda mais evidente. Por marcar uma data festiva e reunir uma multidão vinda das mais diversas partes do país, o barulho pentecostal é muito valorizado. É como se estivessem esperando por aquele momento há muito tempo. Normalmente faz-se uma associação à narrativa bíblica do dia de Pentecostes, quando os discípulos de Jesus estavam reunidos em oração e “de repente veio do céu um *som*, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados” (Atos dos Apóstolos 2.2 – o *itálico* é nosso). Ato contínuo, as pessoas presentes começaram a falar em línguas estranhas, causando um estranhamento a quem estava fora da casa. Esta mesma experiência é constantemente buscada pelos pentecostais de hoje e, no referido congresso, é sempre valorizada.

Mas as línguas estranhas seriam apenas o início das manifestações, haja vista serem normalmente associadas a outras como profetizar, pular, dançar, bater palmas e às vezes cair. Esta última é comumente chamada de “arrebato”⁴⁹ onde, normalmente, a pessoa fica imóvel e desacordada, caída no chão. Alguns pregadores parecem “derrubar” as pessoas soprando ao microfone, com gestos ou jogando seus paletós.

Tais práticas são muito valorizadas pelo público e principalmente pelos pregadores, pois, conforme já se viu, elas serviriam de confirmação da presença e do poder do Espírito Santo na vida dos fiéis, atuando a partir da pregação. Um pregador que não consiga proporcionar estas experiências não estaria de acordo com a proposta do congresso que, além de falar de missões, deseja promover um “renovo espiritual” nos seus participantes. E estes veem com muita alegria a oportunidade que têm de ser renovados pelo “poder do Espírito Santo de Deus”.

Em todos os dias do congresso, conforme relatos dos pregadores e de pessoas que testemunham sobre sua participação, há uma “força” que os impele a buscar ou vivenciar essas experiências. O jejum que eles fazem, já comentado neste trabalho, contribuiria para o vigor dessas experiências. Outros “sacrifícios” são também valorizados como campanhas de oração antes do evento e promessas ou “votos” a Deus. A soma de todas essas “oferendas” seria capaz de fazer com que a atuação divina seja impactante, causando a “efervescência espiritual” constatada em todas as reuniões do evento.

Há ainda uma preocupação por parte de muitos pregadores em manter a continuidade destas experiências, haja vista haverem algumas denominações que já não valorizam tanto as manifestações atribuídas ao Espírito Santo. Essas denominações estariam passando pelo que chamam de “esfriamento espiritual”, ou seja, não mais sentindo a presença marcante do poder divino. Sendo assim, o congresso dos GMUH serviria como um retorno às práticas já reconhecidamente consagradas do pentecostalismo clássico que, em um passado não tão distante, tinha como distintivo essas manifestações espirituais que moviam os fiéis a estar cada dia mais desejosos da presença divina e de atuar fervorosamente no trabalho de evangelização das pessoas descrentes.

Assim, este congresso constitui-se para os pentecostais, principalmente das Assembleias de Deus, a oportunidade de se reencontrarem com um modo de ser pentecostal

⁴⁹ Apesar de o termo denotar um assunto escatológico, não se trata propriamente disso, mas de um momento em que o fiel, em meio a uma grande emoção, um êxtase, sai de si e desmaia, ficando imóvel no chão. Acredita-se que este fiel esteja em uma outra dimensão. Alguns, quando “voltam”, relatam visões que tiveram enquanto estavam “arrebato”. Esta prática é, inclusive, muito valorizada pelos pregadores no congresso dos GMUH. Muitos, durante a pregação, fazem invocações, pedindo que Deus promova o chamado “arrebato de sentidos”.

muitas vezes esquecido na prática evangélica cotidiana. Ainda que os tempos sejam considerados outros, ou seja, que a igreja estaria se distanciando cada vez mais dos seus marcos fundadores como a presença e atuação do Espírito Santo, seria neste congresso que os mitos fundantes do pentecostalismo se reatualizariam e se renovariam, contribuindo para a manutenção do pentecostalismo clássico.

2.3 Os GMUH e o (neo)pentecostalismo nas Assembleias de Deus

Ao mesmo tempo em que o congresso dos GMUH proporciona um reencontro com as doutrinas consideradas essenciais à prática de um pentecostalismo clássico, ele também traz novas convicções a esse pentecostalismo. Permanecendo fiel a um modelo que se crê ter sido gerado em tempos bíblicos (o dia de Pentecostes), o referido congresso também promove um encontro do crente pentecostal com um mundo outrora desconhecido por ele, um mundo de possibilidades reais e palpáveis que durante muito tempo esteve oculto, graças à teologia pentecostal tradicional.

Esse encontro é promovido principalmente pelas pregações que são ministradas no evento. Por adotarem um estilo mais pragmático, individualizado, imediatista e triunfalista, sem deixar de lado a ênfase que caracteriza as pregações pentecostais, essas pregações geram novas concepções que passam a orientar os fiéis em situações diversas da vida cotidiana. Sendo a religião pentecostal notoriamente dirigida pela tradição oral, essas novas convicções acarretam consideráveis digressões quando comparadas à teologia que se encontra consolidada nos escritos que doutrinam as Assembleias de Deus.

Essas novas concepções têm, contudo, ganhado espaço no meio pentecostal o que permite a análise que será feita neste item que trata de um “neo” ou novo pentecostalismo vivenciado nas Assembleias de Deus, proporcionado pelos GMUH e embasado em três aspectos que serão apresentados a seguir.

O primeiro tematiza o uso do termo “última hora” na denominação da organização que rege o evento, os Gideões Missionários da “Última Hora”. Buscando enfatizar uma convicção ainda herdada teologicamente das doutrinas pentecostais, a escatologia propriamente dita, não haveria uma associação clara e direta com o uso do termo e a ênfase defendida originalmente no evento. Esta afirmação ficará mais clara a partir do segundo item que constatará uma mudança naquilo que outrora se considerou como valorização do tempo futuro e agora se caracteriza como uma afirmação do tempo presente. Esta constatação ainda é consubstanciada com o terceiro item que identifica nas pregações do congresso dos GMUH uma rejeição ao

sofrimento, algo que antes também tinha valor, já que indicava uma identificação com um modelo bíblico que via nas perseguições e eventuais limitações uma espécie de exaltação, uma vez que se tratava de um modelo que foi extensamente vivenciado pela igreja primitiva.

Por tudo isso, a associação do prefixo “neo” ao nome pentecostalismo no título deste item, objetiva identificar nessas pregações possíveis características que, de fato, permitem constatar as mudanças teológicas que vem sendo implementadas nas Assembleias de Deus a partir do congresso dos GMUH.

2.3.1 A “última hora”

Ressaltando a doutrina escatológica defendida pelas Assembleias de Deus, os Gideões Missionários da “Última Hora”, além de manifestarem o proselitismo característico da denominação através da valorização da obra missionária, destacam em seu próprio nome esta doutrina. A ênfase na “última hora” denotaria a pressa que se tem no pentecostalismo clássico em evangelizar os povos, anunciando a salvação através de Jesus Cristo e incentivando uma adesão à religião pentecostal antes da parusia, que estaria na iminência de acontecer.

Os temas que buscam nortear cada Congresso (vide Apêndice A) também evidenciam esta preocupação que se tem com a “última hora”, haja vista eventualmente trazerem imperativos que ressaltam, além da doutrina escatológica, o cuidado que se deve ter para não perder o foco na evangelização ante uma possível demora da parusia. Eis alguns deles: “Gideões: A colheita ainda não acabou, avante!”, “Missões até o arrebatamento”, “Gideões: já se ouve o soar da última trombeta” e “Final do século... O mundo está em desespero. Que faremos nós?”. Esta seria, basicamente, a proposta do evento, algo que contribuiria consideravelmente para o implemento das doutrinas defendidas pela denominação e tornaria o evento legitimamente pertencente ao pentecostalismo clássico.

No discurso geral do congresso há menção a essa doutrina escatológica. Os obreiros e pastores que presidem as reuniões vez ou outra citam termos como “arrebatamento da igreja”, “volta de Jesus”, “morar no céu”, “Jesus está às portas”, etc. Mas nessas falas não há uma sistematização clara sobre o assunto, ou seja, ele não é aprofundado, sendo utilizado mais pontualmente, como fechamento de uma ideia. As pregações, em geral, também não se aprofundam no assunto. Ainda que alguns temas apontem para ele, o pregador direciona sua mensagem para outro tema que ocasionalmente faz menção de uma doutrina escatológica, mas não necessariamente.

Quando houve uma pregação que abordou mais enfaticamente a parusia (mencionada anteriormente), o pregador não conseguiu causar o efeito desejado no público, que deveria ser de euforia e entusiasmo. Mesmo empregando uma linguagem mais forte e incisiva, característica do pentecostalismo, não obteve a resposta desejada. As pessoas o ouviam, mas sem tanto interesse e sem expressar confirmação, diferentemente de quando ouviam outro pregador que trazia uma pregação mais objetiva e pragmática.

Estes fatos seriam significativos para afirmar que, apesar de o evento centrar-se em um tema escatológico, desde seu próprio nome até o tema escolhido, não estaria priorizando-o, uma vez que, pela experiência de alguns pregadores que insistiram nele, não obtiveram uma resposta satisfatória do público e de alguma maneira não “valeria a pena” abordar um assunto que não tivesse a devida aceitação. Desta forma, os pregadores agem com liberdade ao escolher o tema das suas próprias pregações, aderindo ou não à temática sugerida.

Assim, esta “última hora”, que denotaria um cuidado e atenção à doutrina escatológica das Assembleias de Deus, estaria sendo substituída por um apelo à valorização do tempo presente, abrindo precedentes a uma hermenêutica que buscaria plausibilidade a partir da experiência pessoal do fiel e que não necessitaria de um tempo escatológico para realizar-se, já que seria concretizada imediatamente ou em um prazo preestabelecido pelo pregador.

Além de adotar um discurso diferente daquele que foi originalmente proposto pelo evento em si, ou seja, a obra missionária e seu aspecto escatológico, o congresso dos GMUH promoveria, então, uma nova modalidade de pentecostalismo, baseada na experiência pessoal do fiel e na afirmação do tempo presente, conforme se verá a seguir.

2.3.2 Afirmação do tempo presente

Outro aspecto que marca esta nova modalidade de pentecostalismo, constatada a partir das pregações proferidas no congresso dos GMUH, é o anseio pelo agora, pelo já. Grande parte dessas pregações normalmente apresenta um caráter pragmático, individualista e imediatista, abordando problemas cotidianos das pessoas e não só apontam, mas “profetizam” ou “determinam” a resolução desses problemas.

Imbuídos da responsabilidade de transmitir os desígnios divinos ao público assistente, os pregadores tratam de utilizar uma hermenêutica bíblica que se encaixe perfeitamente com a necessidade dos fiéis. Para isso, histórias da bíblia com seus personagens ou mesmo objetos ganham vida a partir da pregação. Ao mesmo tempo, sempre é lembrado o caráter de urgência na resolução das demandas que são citadas na fala do pregador. É costumeiro o uso de termos

como “agora”, “receba”, “pega” e “já”, que ressaltariam esta urgência, sempre ao final de uma frase da pregação.

Sabe-se, através da teologia pentecostal, que os pentecostais sempre condicionavam o recebimento de bênçãos à vontade divina, ao tempo de Deus, ao *kairós*. Por não expressarem uma ansiosa solicitude pela vida, viviam na esperança de que Deus haveria de cumprir tudo a seu respeito num tempo oportuno. Daí viverem o presente na esperança do futuro, não guardando grandes expectativas para esta vida hodierna. Com isso, não ousavam marcar dia (e nem hora) para serem abençoados. Tampouco confundiam essas bênçãos com benesses que poderiam ser alcançadas graças a um pouco mais de devoção. Mas, analisando as pregações do congresso dos GMUH, esse *ethos* parece ter sido invertido, talvez substituído (GILBERTO & ZIBORDI, 2011).

Através da pregação, o fiel pentecostal é instigado a exigir de Deus aquilo que lhe parece ser legal e de direito, não importando as condições que estão envolvidas neste processo. Há muito mais uma atitude de “tomar posse” pela palavra do que adquirir por meio de uma sistematização de passos ou mesmo conformar-se com o não recebimento daquilo que se deseja ou almeja.

A partir de recortes de algumas pregações proferidas no 30º Congresso dos GMUH, realizado em 2012, é possível constatar quais seriam os reais anseios que os pentecostais têm atualmente. E, à guisa de comparação, não seriam muito semelhantes àqueles peculiares ao pentecostalismo clássico, já que expressariam desejos utópicos, abstratos, difíceis de serem alcançados e sem um propósito palpável, sem um retorno físico, como por exemplo a esperança na parusia. Nesta nova dinâmica, os pentecostais reconhecem que, diferentemente da parusia, há dia, hora e obrigatoriedade de serem abençoados, não importando as condições para isso.

Ressaltando esse caráter emergencial e imediatista para o recebimento de bênçãos, citam-se aqui três excertos de pregações que ilustram essa metodologia:

Se prepara para a intervenção divina, *agora*. Deus vai mudar o quadro da sua história, *agora!* (SANTANA, 2012)

Olhe para alguém e diga: Você está a *dez minutos* de um grande milagre de Deus. Daqui a *dez minutos* vai haver uma grande virada de Deus na sua vida. (SANTANA, 2012)

Se o diabo está pensando que o ano de 2012 na sua vida será como o ano de 2011, ele está enganado. Porque eu profetizo nesta tarde que *o melhor de Deus para a sua vida vai chegar este ano*. (SILVA, 2012) (os *itálicos* são nossos)

Como já se discutiu, os participantes do evento em questão criam grandes expectativas, crendo que a guinada histórica de suas vidas ocorrerá a partir do evento. As

pregações procuram deixar isso bem claro. Nestes excertos, o fiel sempre está na posição de recebedor daquilo que Deus tem para lhe dar. Ainda que ele possa crer que tal bênção chegará no momento oportuno, é convencido de que ela virá não depois, mais tarde, outro dia, mas “agora”, como demonstra o primeiro excerto. E quando não acontece imediatamente, o pregador marca então um horário para esta bênção chegar. Não se sabe ao certo o porquê dessa quantificação, como a utilizada no segundo excerto (“dez minutos”), mas este tempo anunciado certamente aumentaria a certeza do fiel, contribuindo para sua fé e conseqüentemente o alcance da bênção.

Ainda há outros pregadores menos pragmáticos e mais comedidos na determinação do tempo da bênção. No último excerto é feita uma comparação entre o ano em que se está com o ano que passou, porém, ressaltando um aspecto negativo para o ano anterior. Talvez não todo o ano, mas em algum momento dele, o fiel passou por alguma adversidade que, de acordo com as palavras do pregador, não se repetirá no ano seguinte e não somente isso, este fiel haveria de receber “o melhor de Deus”.

O contexto desses excertos consta de exemplos bíblicos ou mesmo casos onde Deus teria “agido com fidelidade” para com algum personagem bíblico. E este agir implica exatamente na materialização das bênçãos. Isto instigaria o fiel a agir da mesma maneira que este personagem, crendo que assim como aconteceu com ele, haverá de acontecer também consigo. Neste caso, analisando teologicamente e a partir da dogmática pentecostal, a soberania divina que é muito cara a essa teologia, estaria sendo relegada a um segundo (ou último) plano, prevalecendo exclusivamente a vontade do fiel que, seguindo não mais os desígnios divinos, mas um “modelo bíblico” que deu certo, alcançaria o objetivo esperado que é a concretização da bênção.

Outro aspecto da pregação no congresso dos GMUH, e que acontece com mais frequência, é um tipo de exposição evadido de concepções que não encontrariam lugar na teologia pentecostal tradicional, haja vista esta já deixar explícito que o melhor que poderia acontecer a um fiel seria a redenção proporcionada pelo encontro com Jesus Cristo. Este encontro daria acesso ao usufruto de bênçãos eternas a partir do seu retorno iminente. E, enquanto isto não acontecesse, caberia ao fiel viver de maneira austera e ascética, não se importando com valores ou parâmetros deste mundo secular.

Contudo, observa-se nos discursos dos pregadores do referido evento um pragmatismo e uma valorização de aspectos tipicamente seculares, o que já caracteriza um distanciamento de convicções outrora suficientes em si próprias, conforme se verá nos excertos a seguir:

Você não vai comprar aquela casa, é financiada – vai quitar antecipado, Deus vai te dar; Você não vai comprar esse carro, é caro demais – quem te deu é dono do ouro e da prata, Deus vai te dar! (...) Deus manda te dizer: Esse é o teu ano! Abre a mão e pega! (...) Vai ser tão grande a tua vitória que tu vais pagar a dívida, vai sair do vermelho do Mastercard, do Visa. O negócio tá feio lá, você sabe disso, mas tu vais pagar, vai sobrar, transbordar. Tu vais emprestar e nunca mais vai pedir emprestado. (COSTA, 2012)

Ainda que essas falas abordem uma pretensa valorização ao materialismo e à ênfase no tempo presente de maneira indireta, podendo às vezes ser confundidas com aspectos espirituais concernentes ao pentecostalismo clássico, essas novas concepções tendem a ser bem mais diretas em algumas pregações. O excerto a seguir pode confirmar esta afirmação: “O nosso Deus é dono da prata, é dono do ouro. Dele é a terra, a sua plenitude, o mundo, aqueles que nele habitam. Aleluia! E Deus quer cada dia ver crente melhor de vida.” (RODRIGUES, 2012). Nesta ocasião, o pregador tentava justificar a aquisição de bens materiais, afirmando que seria da vontade de Deus que todos pudessem sempre usufruir de algo melhor em suas vidas. E ele conclui afirmando o seguinte:

Deus não permite que alguém que confie nele, que espera nele seja um derrotado, seja um fracassado. A luta vem, a tempestade vem, mas Deus se levanta do seu trono e diz: Meu servo, minha serva, eu vou agora despachar a tua vitória! Eu vou agora te honrar, porque você tem me honrado com a sua confiança e a sua esperança em mim. (RODRIGUES, 2012)

Eis outro excerto que corrobora com a temática em questão:

Vou fazer uma pergunta séria aqui: Quem aqui ainda não tem casa própria levante a mão para eu ver. Quem não tem carro, quem não tem casa, quem está com a conta no banco no vermelho, cartão de crédito estourado? Por que tem gente que não abaixa a mão por nada? Quem aqui é empresário, microempresário, profissional liberal e não está satisfeito com os seus negócios, levante a mão para eu ver. (...) Quem aqui está com projetos engavetados? Quem aqui já sonhou em deixar de ser empregado e ser patrão? Quem quer que seus filhos terminem o ano na melhor escola do seu estado? Quem quer conhecer o Deus que é dono do ouro e da prata nesta noite? Só pode falar de prosperidade quem vive a prosperidade. (FELICIANO, 2012)

Esta situação de mudança de concepção acerca da valorização do tempo presente tende a ficar mais caracterizada quando um pregador sugestiona que, quando Deus decide abençoar o fiel, não há nada a ser feito, não há nada que possa interferir nessa bênção. Se porventura algo ou alguém tentar impedir, poderá sofrer as consequências, conforme o seguinte excerto de uma pregação: “Chegou teu tempo. Quem entrar na frente Deus mata, quebra, mói, pisa, destrói, arranca, tira da terra, é teu tempo! Pega, pega essa palavra, pega (...). Chegou teu tempo.” (COSTA, 2012).

A fim de convencer o fiel de que ele precisa usufruir de tudo o que Deus haveria prometido, alguns pregadores até mencionam o fato de existirem pessoas ou seres espirituais que seriam contrárias à realização dessas promessas. Reiterando o excerto anterior quando o pregador afirmou que Deus pode matar, quebrar, moer, pisar, etc. tais pessoas ou seres que tentam “entrar na frente”, elas poderão também sofrer outras sanções como as que serão analisadas a seguir.

São muito comuns nas pregações a afronta e a exposição à vergonha a supostos inimigos. O diabo tende a ser um deles e é sumariamente desqualificado quando recebe a responsabilidade por algum insucesso na vida do fiel. Da mesma forma, pessoas consideradas inimigas podem vir a ser envergonhadas quando, em uma dada situação, terão que ser subjugadas por Deus a fim de contribuir para a vitória deste fiel. O excerto a seguir tenta demonstrar esta dinâmica, ressaltando que não importa a maneira como Deus vai agir, já que ele sempre estará do lado do fiel:

Deus é tão Deus que no dia da tua vitória, ele vai usar até aquele que não gosta de ti (...), gente que fala mal de ti. Deus vai usar o teu inimigo e vai usar quem quiser, mas a vitória será sua porque Deus prometeu. E quando Deus fala, tá falado. E tem um detalhe: a vitória é sua. Não se preocupe se passar pela mão de um, de outro, de outro. (CARVALHO JUNIOR, 2012)

Por fim, a tão esperada vitória do fiel não pode ser simplesmente recebida e guardada, deve ser anunciada e comemorada. E isto para mostrar àqueles que não acreditavam que Deus estava do seu lado. Tal ação constitui-se em uma espécie de vanglória para o fiel e humilhação para o inimigo. Note-se que este inimigo tende a ser alguma pessoa próxima que, conhecendo a situação do fiel, supõe-se que não agiu de maneira amigável para com ele em algum momento de dificuldade. Antes, deve tê-lo humilhado e envergonhado. Neste caso, o pregador dá o veredito, afirmando ou “profetizando” que quem será humilhado e envergonhado é aquele que quis se alegrar com o infortúnio do fiel.

No excerto a seguir, esta pretensa vitória é expressa através de uma comemoração que não só reflete a alegria em ter conseguido superar o infortúnio, como também sugere uma superioridade diante daquele ou daqueles que esperaram pela derrota:

Eu profetizo que quem esperou ver a sua derrota, a sua miséria, a sua humilhação, quem esperou ver o teu ministério envergonhado, a sua família desprezada, vai ter a maior decepção da sua vida. Porque em vez de ver vergonha e humilhação, terá que ver a fumaça de churrasco na sua casa subindo e você de mão dada com a sua família olhando para o céu e dizendo: Só o Senhor é Deus, só o Senhor é Deus. (SILVA, 2012)

A análise que se faz acerca dessas falas e do que elas sugerem para a constatação de uma nova concepção que valoriza exclusivamente o tempo presente no pentecostalismo, representado aqui pelas Assembleias de Deus através do congresso dos GMUH, é que se tem deixado de lado aquele ideal de que todas as mazelas, dificuldades, problemas, lutas, etc. seriam resolvidas a partir de uma esperança na volta iminente de Jesus Cristo, que é a parusia. A partir dela, o fiel pentecostal acreditava que, se fosse da vontade divina, tudo se resolveria. Caso contrário, isto serviria para aproximá-lo cada vez mais de Deus, fazendo-o viver o presente na esperança do futuro.

Quando essas situações expressas através dos excertos das pregações acontecem, sinalizam que as concepções atualmente válidas seriam exatamente aquelas que valorizam o presente e tudo aquilo que ele proporciona. Trata-se, portanto, de uma mudança significativa de concepção, já que os valores estariam se invertendo. Se antes o fiel era instigado a submeter-se às intempéries da vida (VELASQUES FILHO, 1990b), agora, ele é ensinado a revidar ante essas intempéries. Outra situação que contribui para esta constatação é a que se verá a seguir, quando serão analisadas algumas falas de pregadores do congresso dos GMUH acerca de como lidar com o sofrimento nos dias de hoje.

2.3.3 Rejeição ao sofrimento

A partir da exposição dos excertos anteriores, que representam um mínimo do que é pregado no congresso dos GMUH, é possível perceber que um dos objetivos principais das pregações proferidas durante o evento é a anulação ou desconhecimento do sofrimento na vida do fiel pentecostal. Considerado anteriormente como um motivo de regozijo e aprovação divina ante o caráter ascético adotado diante do mundo, e que teria fim somente a partir da parusia, o sofrimento agora é rejeitado buscando-se meios para anulá-lo a partir de uma hermenêutica bíblica que prioriza um estilo de vida baseado essencialmente no triunfo sobre toda forma de males.

Ensinam os pregadores do evento que o fiel não deve passar por situações que o levem a padecer, algo que é entendido como a ausência da providência divina. Para tanto, este fiel deve “tomar posse” daquilo que Deus já havia concedido a ele que é a vitória sobre quaisquer circunstâncias. A ação contrária indicaria uma falta de fé que pode ser revertida com atos capazes de demonstrar um desejo de mudança. É o que comumente os pregadores chamam de “desafio”. Este seria o primeiro passo para se alcançar o “favor divino” que, neste caso, estaria indicando a libertação do sofrimento.

Na pregação analisada, que trata essencialmente deste assunto, é utilizado o exemplo das pedras que Davi teria retirado de um rio para usá-las como arma e derrotar o gigante Golias, conforme a narrativa bíblica do livro de 1 Samuel, capítulo 17. Para o pregador, aquelas pedras passaram por um longo processo de polimento (neste caso, este polimento seria o sofrimento), tornando-as apropriadas para o uso específico de Davi. O momento em que a pedra havia sido tirada de dentro do rio seria exatamente o momento em que o sofrimento havia acabado. Não seria mais preciso aquela pedra continuar o processo de polimento, já que seria agora utilizada para uma outra obra e o pregador ressalta que seria uma “grande” obra.

Da mesma forma que aquela pedra passou por todo um processo a fim de chegar a um momento de exaltação e reconhecimento (de acordo com o relato bíblico, foi uma pedra que teria derrubado o gigante Golias), aquele fiel que estava passando pelo sofrimento teria finalmente o livramento desta provação, a partir do momento em que era proferida a pregação, uma vez que Deus estaria agindo em prol deste fiel. Segue o excerto da referida pregação:

Hoje Deus está se agachando no ribeiro da tua vida. Um ribeiro de humilhação, de prova, de luta e de dor. E o que ele está fazendo? Ele está tirando gente que está sendo pisada e não deveria mais ser pisada. Por que? Porque no meio de um monte de pedra com quina, tinha pedra que já estava pronta. Tinha pedra que não merecia passar por aquele processo mais. Então levanta as tuas mãos que eu quero profetizar: Hoje eu vim aqui como boca de Deus para a tua história, para dizer para você que já está preparado e ainda não tem oportunidade, para você que está dizendo “meu Deus, até quando eu vou ficar sendo pisado, até quando eu vou ficar sendo humilhado?”. Pois bem, o meu Deus me trouxe aqui para te dizer: – Chega de ribeiro, chega de rolar de um lado para o outro, chega de ser pisado, chega de ser humilhado. Eu coloco a mão na tua história e te arranco deste ribeiro! Quem pisou, pisou até hoje! Quem humilhou, humilhou até hoje! A partir de hoje você sai do ribeiro! (SOUZA, 2012)

A ação de “sair do ribeiro” denotaria exatamente o fim do sofrimento. A partir daquele momento, esta pedra, ou seja, o fiel, deixaria de ser “pisado” e passaria à condição de escolhido por Deus para triunfar, já que aquela pedra utilizada por Davi, de acordo com a hermenêutica empregada pelo pregador, teve grande importância para a história do povo hebreu. Semelhantemente, as pessoas que se encontravam na mesma situação “de humilhação, de prova, de luta e de dor” agora veriam esta situação ser revertida, pois sairiam do ribeiro e iriam para a mão de Deus, conforme o excerto seguinte:

Hoje você sai do ribeiro, hoje você sai dessa humilhação, hoje você para de andar de um lado para o outro, hoje você sai, chega! Quem pisou, pisou até hoje. Quem humilhou, humilhou até hoje. Quem zombou, zombou até hoje. Quem fez, fez até hoje. Porque a partir de hoje você vai para a mão dele! (SOUZA, 2012)

Ressalte-se que a aplicação da mensagem é bem mais abrangente, já que não se trata exclusivamente de sair do ribeiro, ou seja, de acabar com o sofrimento, mas de propagar para todos que “Deus agiu com providência”. Assim como o gigante Goliath humilhava e zombava os guerreiros que iam até ele, todos aqueles que se sentiam constrangidos diante de uma situação semelhante, a partir daquele momento não teriam mais com o que se preocupar, já que foram exaltados ao saírem do ribeiro.

Isto leva a crer que, diferentemente do que se acreditava no pentecostalismo clássico, o sofrimento, de fato, tem um aspecto essencialmente negativo e a permanência nele implicaria em uma ascensão do inimigo em detrimento da vitória do fiel. Sendo assim, seria necessário que Deus determinasse o fim do sofrimento para que esses inimigos fossem envergonhados e o fiel fosse exaltado diante deles.

Daí vêm, por exemplo, os discursos que defendem a penetração dos pentecostais na política. Acredita-se que, havendo uma representação ativa neste ambiente, seria possível inibir ações que implicariam diretamente na existência da igreja evangélica, impedindo-a de atuar livremente e, obviamente, causando sofrimento aos seus membros já que estariam tolhidos diante de leis consideradas abusivas e de cerceamento da liberdade religiosa.

Tal concepção é, inclusive, largamente defendida em algumas pregações do congresso dos GMUH, notadamente por pastores que exercem mandatos políticos e que estariam neste momento pregando. A principal argumentação desses pregadores é que a política do país estaria eivada de ações que dificultariam a propagação do evangelho, atingindo diretamente o fiel pentecostal que historicamente é proselitista. E assim, o combate a essas ações viria através das representações políticas evangélicas que, garantindo a liberdade religiosa, afastariam o sofrimento do meio dos evangélicos.

Observe que esta concepção estaria contrária ao que já havia sido preconizado pela teologia do pentecostalismo clássico, notadamente sua escatologia, que defende a existência do sofrimento, considerando-o uma ferramenta essencial para o aprimoramento (santificação) do fiel e que teria seu fim somente a partir do retorno iminente de Jesus Cristo. Outrossim, a participação política, motivada por quaisquer motivos, seria desaconselhada, uma vez que denotaria não mais o anseio pela vinda de Jesus Cristo e a vida futura e sim uma afirmação e valorização do tempo presente, excluindo-se aí o sofrimento, relegando-o a uma categoria secundária ou mesmo inexistente.

3 NEOPENTECOSTALIZAÇÃO DAS CONCEPÇÕES ESCATOLÓGICAS DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS

Tendo-se inicialmente apresentado as bases teológicas da escatologia das Assembleias de Deus e a seguir demonstrado, através do congresso dos GMUH, que as convicções emanadas dessas bases teológicas estariam perdendo espaço no referido evento, neste capítulo será feita uma discussão acerca de como o neopentecostalismo vem influenciando diretamente as concepções escatológicas das Assembleias de Deus. Para tanto, utilizou-se de uma reconhecida literatura que trata dos aspectos culturais do neopentecostalismo, comparando-os com a literatura que foi utilizada nos capítulos anteriores e que serviu de base para a fundamentação teórica do pentecostalismo.

A partir dessas discussões pretende-se demonstrar que, tendo-se como parâmetro a análise feita do congresso dos GMUH, o neopentecostalismo tende a anular as concepções escatológicas características do pentecostalismo clássico e que ainda são defendidas pelos escritos das Assembleias de Deus. Ressalte-se que essas alterações foram observadas somente no referido congresso, que constituiu o campo de observação deste trabalho, não sendo intenção desta pesquisa generalizá-las para todas as denominações das Assembleias de Deus.

Assim, este capítulo trará, na primeira seção, algumas “Considerações sobre o neopentecostalismo”, com o intuito de, a partir de um breve histórico, enumerar as características que norteiam uma dinâmica de neopentecostalização, tendo como parâmetro a teologia da prosperidade e o pragmatismo, imediatismo e antropocentrismo, fatores muito relevantes na caracterização do neopentecostalismo.

A segunda seção, “Conflitos com a escatologia pentecostal”, é destinada à discussão acerca de como o neopentecostalismo interfere na dogmática pentecostal, relativizando ou mesmo promovendo conflitos com doutrinas já consagradamente aceitas pelo pentecostalismo. Pontua-se, neste caso, a descoberta do mundo pelos pentecostais e a parusia tardia ou (mesmo) inexistente como expressão desses conflitos.

Por fim, a terceira seção discutirá sobre as “Novas concepções de escatologia e de identificação com o mundo”, problematizando essas mudanças a partir das definições de pré e pós-milenarismo, constatando que a promoção dos evangélicos em detrimento da promoção do evangelho contrariaria o princípio pentecostal tradicional da não identificação com o mundo e, finalmente, alterando concepções referentes à salvação, haja vista a doutrinação

pentecostal afirmar que a salvação dos fiéis se daria somente “neste” mundo e não “para este” mundo.

3.1 Considerações sobre o neopentecostalismo

O neopentecostalismo pode ser representado como um caleidoscópio de identidades e definições que, por vezes, mais confundem do que ajudam a entender o fenômeno. E isto devido à dificuldade de se caracterizá-lo, haja vista sua dinamicidade e heterogeneidade, algo que facilitou inclusive sua expansão.

O termo, procedente dos movimentos dissidentes pentecostais ocorridos nos Estados Unidos na década de 1970, chegou ao Brasil para identificar o que Paul Freston chamou de “terceira onda pentecostal” (FRESTON, 1993). Essas igrejas foram inicialmente representadas pela Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus e Cristo Vive, sendo consideradas originárias de um núcleo comum, a Igreja de Nova Vida, fundada pelo missionário canadense Robert McAlister no Rio de Janeiro, ainda na década de 1960 (FRESTON, 1993; MARIANO, 2010).

Na prática, e corroborando com um senso comum, todas as denominações pentecostais fundadas a partir de 1970 seriam consideradas neopentecostais. A justificativa para isso é que elas, além de serem recentes no campo religioso brasileiro, estariam enquadradas em um *ethos* mais voltado para a vida hodierna e geralmente representavam uma “nova” forma de administração eclesiástica, interpelando inclusive as já existentes denominações protestantes e pentecostais clássicas sobre seus modos de evangelização e plausibilidade no campo religioso brasileiro.

Essa generalização trouxe alguns incômodos aos pesquisadores do protestantismo e do pentecostalismo, haja vista entenderem não ser possível uma classificação assim tão elementar e previsível. Seria necessário compreender o fenômeno em questão a fim de identificar nele características que pudessem descrevê-lo, objetivando estabelecer uma identidade própria para o neopentecostalismo, podendo inclusive mantê-lo como uma variante do pentecostalismo clássico, haja vista ainda depender deste nome.

Teoricamente, isto não seria possível, dado que no fenômeno em questão não se observa uma sistematização teológica nos mesmos moldes do pentecostalismo clássico ou do protestantismo. Ele se daria mais de forma oral, permitindo sua melhor adaptação e livre expressão, prescindindo de regras doutrinárias, ainda que eventualmente reinterprete

conceitos já estabelecidos pelas outras denominações, mantenedoras dos credos que as regem historicamente.

Deste modo, não só o recorte histórico-institucional seria suficiente para caracterizar essas denominações enquanto neopentecostais ou não. Talvez, até mesmo o termo “neopentecostal” não fosse adequado, já que este implicaria em uma “nova” perspectiva pentecostal, algo que pode não ser verificado na prática, pois analisando historicamente os movimentos precedentes, estes não se reconheceriam no neopentecostalismo, podendo até considerá-lo uma dissidência, por não comungar com aspectos essenciais à identificação presumivelmente original.

Foi assim que alguns estudiosos, pretendendo contribuir para a resolução do problema da generalização (ou mesmo da etimologia) que acompanha o neopentecostalismo, propuseram logo alterar seu nome. Paulo Siepierski, analisando que o prefixo “neo” implicaria em uma continuidade do pentecostalismo clássico, propôs o termo “pós-pentecostalismo”, já que se trata não de uma continuidade, mas de “um afastamento do pentecostalismo, tendo como cerne a teologia da prosperidade e o conceito de guerra espiritual” (SIEPIERSKI, 1997, p. 51). Gerson de Moraes, por sua vez, tentou utilizar o termo “transpentecostalismo” para qualificar o movimento neopentecostal, reconhecendo que este movimento não buscaria uma identificação com o pentecostalismo, estando “além” das suas convicções (MORAES, 2010).

Até mesmo o termo neopentecostal, vastamente utilizado pelo sociólogo Ricardo Mariano em seu trabalho de mestrado, transformado em livro posteriormente, e que pode ser considerado o responsável pela sua difusão, foi reconhecido por ele como impreciso, exatamente por não abarcar todas as denominações procedentes deste recorte histórico-institucional como também implicar em traços peculiares dessas denominações (MARIANO, 2010).

Diante dessas questões, optou-se mesmo, neste trabalho, pela utilização do termo já vastamente reconhecido no Brasil, que é o neopentecostalismo. Entende-se que, para além das discussões teóricas e etimológicas acerca do uso do termo, o fenômeno vem causando, sobretudo nas denominações provenientes do pentecostalismo clássico, mudanças consideráveis em pontos essenciais à manutenção de uma teologia pentecostal que caracterizava essas denominações como tais.

Para tanto, propõe-se com a análise que será feita a seguir, um estudo do neopentecostalismo a partir de um breve histórico do fenômeno, identificando alguns pontos que lhe são considerados característicos e que, para este trabalho, são definidores das

mudanças que vêm ocorrendo no pentecostalismo clássico das Assembleias de Deus, constatadas a partir dos GMUH.

3.1.1 Breve histórico

As raízes do neopentecostalismo estão nos movimentos de fé dos Estados Unidos liderados por dois destacados pregadores: Essek William Kenyon (1867-1948) e Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Foram eles os primeiros a difundir os ensinamentos da “confissão positiva”, impulsionador do que veio a ser conhecido no Brasil posteriormente como “teologia da prosperidade”. Trata-se da crença em trazer à existência aquilo que se declara com a boca, considerando a fé como uma confissão (ROMEIRO, 2007).

O primeiro pregador, Essek W. Kenyon, foi quem primeiro iniciou os ensinamentos da confissão positiva. Foi pastor de uma igreja batista independente na Califórnia em 1926, fundou outra igreja em Seattle em 1931 e foi um dos pioneiros na evangelização pelo rádio. Antes do seu falecimento em 1948, incumbiu sua filha de continuar o trabalho que vinha desenvolvendo. Foi ela quem publicou, posteriormente, seus escritos, contribuindo para a formação do outro líder, Kenneth Erwin Hagin (ROMEIRO, 2007).

Esses dois personagens não foram contemporâneos. Kenneth E. Hagin só conheceu Essek W. Kenyon a partir dos seus escritos, publicados *post-mortem*. O conhecimento desses escritos deve ter sido facilitado pelo fato de Hagin ser, ainda na sua juventude, um pregador batista e pastor da comunidade onde residia, no Texas (ROMEIRO, 2007). Sua história é recheada de fatos considerados transcendentais, como curas, visões e revelações. Um desses fatos deu-se a partir da experiência da leitura de um texto bíblico de Marcos 11.23,24, onde Jesus encorajava seus seguidores a terem fé suficiente para mover os montes, crendo que tudo o que pedissem em oração, haveriam de receber.

Por ocasião de uma doença incurável que o prendia a uma cama, impedindo-o de andar, de acordo com seu testemunho, precisou ser removido em uma ambulância para sua nova residência. Ele acreditava que nunca mais iria ver nada além daquilo que o cercava em seu quarto devido ao pouco tempo de vida que lhe restava. Contudo, seu desejo de ver novamente a cidade fez-lo recordar do texto bíblico em questão. E a ambulância que o conduzia levou-o pelas ruas da cidade, permitindo que ele realizasse seu desejo. Segue seu relato da experiência:

Nunca esquecerei aquele momento enquanto viver. Naquele instante algo me disse: “Você nunca pensou que poderia ver estes prédios novamente. E não poderia

mesmo, se não fosse pela gentileza do homem que o está levando”. Então me lembrei do versículo em Marcos 11:24 (...) e recordei o versículo anterior a ele (...) *Aí está o princípio da fé: creia no seu coração, diga-o com sua boca, “e assim será convosco”*. Quando disse isto na ambulância naquele dia, lágrimas rolaram pela minha face. Não entendia tudo o que eu sei agora. Eu tinha apenas um pequeno raio de luz. Era como uma pequena luz chegando através de uma brecha na porta, mas aquilo foi o ponto de partida para mim – 1º de janeiro de 1934, por volta das 14 horas. (HAGIN apud ROMEIRO, 2007 – *o itálico é nosso*)

Hagin afirmou ter sido curado daquela enfermidade, tanto que se tornou pregador e pastor, conforme já referido. E essas experiências serviriam de embasamento para aquilo que iria pautar o restante de sua vida, principalmente esta citada anteriormente. Foi ela quem o despertou, conforme seu próprio testemunho, para, a partir de então, viver em função da fé.

Suas convicções, posteriormente, contribuíram para que ele fosse reconhecido como “o pai da confissão positiva”. Contudo, de acordo com o histórico aqui traçado, ele foi o porta-voz desse ensino, devendo dar-se esse crédito a Essek W. Kenyon que foi quem, de fato, inspirou Hagin em sua empreitada (ROMEIRO, 2007).

No Brasil, a confissão positiva, mais conhecida como teologia da prosperidade, surgiu em meados da década de 1970 com o nascimento da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Com suas reuniões que sempre valorizavam o poder da fé a fim de vencer o inimigo (Satanás) e a conquista de qualquer coisa que se quisesse (cura, emprego, dinheiro, casamento, etc.), a denominação logo ganhou notoriedade, tornando-se uma referência para quaisquer pessoas que desejassem “alcançar uma bênção”. E ainda, com suas estratégias de marketing, tornando o templo um espaço para a “teatralização do sagrado”, buscando em narrativas bíblicas a base para suas afirmações (CAMPOS, 1997), alcançou notoriedade entre os fiéis, propondo a solução para os seus problemas mais diversos.

A seguir, outras denominações também foram sendo formadas com a mesma perspectiva de trabalho: Comunidade da Graça (1979), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), Renascer em Cristo (1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), para ficar somente nas registradas por Ricardo Mariano (MARIANO, 2010).

Com o implemento dessas denominações, que tinham em comum a crença e prática da confissão positiva, deu-se início ao que ficou conhecido popularmente como neopentecostalismo, que tinha como principal ênfase a teologia da prosperidade, formada a partir das convicções emanadas da confissão positiva. Rapidamente, outras denominações foram surgindo, embaladas pelo “sucesso” das convicções neopentecostais, e ainda outras, já existentes e vastamente representadas em todo o país, passaram a adotar algumas dessas convicções.

Continuando com a penetração no campo religioso brasileiro, o neopentecostalismo acabou por desconstruir convicções consideradas marcos fundamentais do pentecostalismo clássico, gerando assim uma possível ruptura com este movimento fundante, mantendo sua genealogia, mas prescindindo da teologia do pentecostalismo clássico (SIEPIERSKI, 1997). Foi assim que o neopentecostalismo rompeu

com os tradicionais sectarismo e ascetismo pentecostais. Esta ruptura com sectarismo e o ascetismo puritano constitui a principal distinção do neopentecostalismo. E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de *afirmação do mundo*. (MARIANO, 2010, p. 36 – *o itálico é nosso*).

Esta “afirmação do mundo” tornou-se patente a partir dos discursos de prosperidade, mensagem principal do neopentecostalismo. Com ela, a reinterpretação de textos bíblicos (já exaustivamente interpretados pelas tradições religiosas anteriores, protestantismo histórico, por exemplo) tornou-se necessária a fim de dar legitimidade a esses discursos. Juntamente com essas reinterpretações, o personagem de Jesus Cristo, tema central do cristianismo, cede seu protagonismo ao homem que passa a ser “a medida de todas as coisas”, justificando a substituição do cristocentrismo pelo antropocentrismo nas práticas rituais das denominações adeptas do neopentecostalismo, ressignificando inclusive a ideia da salvação proveniente do ascetismo e rejeição do mundo (MARIANO, 2010).

A boa aceitação por parte dos fiéis brasileiros dessas novas convicções, emanadas da confissão positiva que embasou a teologia da prosperidade, pode ter sido a principal responsável pelo aumento do número de pentecostais do Brasil, de acordo com os dados do último Censo do IBGE. A criação de novas igrejas, representadas pelos mais diversos ministérios, além da adequação ao discurso neopentecostal pelas igrejas do pentecostalismo clássico (Assembleias de Deus, por exemplo), seria um reflexo do poder de expansão do neopentecostalismo. Buscar o entendimento dessa aceitação e conhecer os aspectos concernentes à identificação do neopentecostalismo é o que será apresentado a seguir.

3.1.2 A teologia da prosperidade

Originalmente conhecida por “*Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines, Positive Confession*”⁵⁰, a teologia da prosperidade vem a ser a crença na

⁵⁰ Tradução livre: Evangelho da Saúde e da Riqueza, Movimento da Fé, Palavra da Fé e da Prosperidade, Confissão Positiva.

solução do insolúvel, na realização do irrealizável, no trazer à existência aquilo que ainda não existe. Seria a materialização dos sonhos e desejos, surgida a partir do “poder da palavra”, haja vista estas palavras estarem amparadas na fé do fiel, e assim, pela fé, Deus seria compelido a agir em prol do homem, realizando seus desejos, para o bem ou para o mal. É importante ressaltar a “palavra”, pois, nesta crença, não é tão relevante o que está escrito, a não ser quando é proferido (em voz alta) pelo fiel, deixando de ser mera palavra e passando a ser ação. Seria a invocação das promessas divinas ao homem que deixam de ser teoria e passam a ser prática. Apesar de não ter tido origem no pentecostalismo, a teologia da prosperidade constitui-se em “um produto da relação dialética entre este e o movimento conhecido como confissão positiva” (SIEPIERSKI, 1997, p. 52).

Leonildo Campos, em seu trabalho que, dentre outros aspectos, analisa a teologia da IURD, assim se refere à teologia da prosperidade:

Tem se dado o nome de “teologia da prosperidade” a um conjunto de crenças e afirmações, surgidas nos Estados Unidos, que afirma ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para a sua vida material ou simplesmente progredir. (CAMPOS, 1997, p. 363)

Outra característica, dessa vez apresentada por Paul Freston, é que

a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema tradicional no cristianismo, mas definitivamente fora de moda, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. (FRESTON, 1993, p. 105, 106)

Apesar da ênfase bíblica dessa teologia (o que pode também indicar uma pretensa sistematização, haja vista o uso do termo “teologia”), a teologia da prosperidade não depende de sistematizações teológicas, oriundas de círculos de estudos voltados para a área, à semelhança das tradições protestantes e pentecostais. Ela acontece a partir do cotidiano, dos conflitos sociais, das idiosincrasias, da experiência e vivência do fiel. Sendo assim, ela surge independente de doutrinas ou tratados teológicos já preestabelecidos. Utiliza-se, frequentemente, de textos bíblicos e de convicções já bastante manejadas notadamente pelo protestantismo e conseqüentemente pelo pentecostalismo clássico. Uma temática muito utilizada nessa dinâmica é a fé, que por vezes reinterpretada, teria a capacidade de, novamente pelo uso da palavra, fazer acontecer o que se deseja.

O caráter da reinterpretação de textos e termos tomados por empréstimo da teologia protestante tornou-se necessário, pois as teologias emanadas dessa tradição não alcançavam a grande massa, representante das religiões mais populares, como o pentecostalismo. Tornava-

se necessária a busca por uma resposta aos anseios mais simples dessa população. E assim, o neopentecostalismo, lançando mão da teologia da prosperidade, propunha soluções mais instantâneas para essas demandas, sendo mediadas pelo sobrenatural (PROENÇA, 2010).

A estratégia básica para essa dinâmica era a de estabelecer “uma atitude religiosa de negação da crise, trazendo para o espaço político da crise um componente místico, a fé em que nenhuma circunstância pode alterar o propósito divino de conceder aos seus filhos uma vida de sucesso em todos os empreendimentos” (SOUZA, 2004, p. 46).

Sendo um movimento mais afeito às grandes cidades, onde as diferenças sociais são mais evidentes, o neopentecostalismo utiliza-se da teologia da prosperidade para interpelar as pessoas dessas comunidades, obviamente cristãos ou simpatizantes das religiões cristãs, acerca da fé que elas têm a fim de trazer resolutividade às suas demandas. Deste modo, os representantes do neopentecostalismo incitariam esses fiéis a crer no poder do pensamento e das declarações positivas, capazes de agir na cura das enfermidades, no retorno financeiro daquilo que foi investido no serviço religioso, na posse das bênçãos divinas (estas constituiriam um direito adquirido pelo fiel) e na reivindicação do poder divino a fim de agir em prol de situações vexatórias que, porventura, sobrevenham a esses fiéis. E assim, imbuídos dessa convicção, os fiéis não hesitam em “exigir, decretar, determinar e reivindicar” (ROMEIRO, 2007, p. 59) aquilo que, assim como creem, por direito lhes é devido.

Este discurso de triunfo sobre as mazelas sociais constitui uma importante alteração na convicção cristã, muito defendida pelo pentecostalismo clássico, que valorizava uma vida não de pobreza, mas de “acomodação” a um *ethos* que primava pelo breve padecimento neste mundo, enquanto a plenitude dos tempos não vinha (FREESTON, 1994). Porém, a manutenção desta convicção acarretava em uma queixa contra o fiel, acusando-o de “não ter fé” ou estar “sob a influência do demônio”, já que não prosperava como convinha. Desta forma, “a riqueza passou a ser o referencial de aferimento do que significa uma vida abençoada e espiritualmente bem-sucedida” (PROENÇA, 2010, p. 358) e o combate veemente, por meio da fé, àquilo que não proporciona esta riqueza deve ser encorajado, pois “Deus quer que seus filhos tenham o melhor de tudo” (PROENÇA, 2010, p. 374).

Observe que nesta relação, aquilo que para os fiéis do pentecostalismo clássico era considerado como favor divino (graça), agora se torna um “contrato” onde Deus teria obrigações a cumprir, e o fiel, por sua vez, também teria deveres para com Ele, mas da mesma forma, constaria nas “cláusulas” desse “contrato”, os direitos do fiel. É como se a divindade fosse praticamente colocada contra a parede (MARIANO, 2010; CAMPOS, 1996).

A preocupação com as enfermidades seria também uma característica da teologia da prosperidade. Defendendo que o fiel não pode sofrer de males ou doenças, o neopentecostalismo procura estabelecer uma prática de combate ao “demônio” da doença, extirpando-o do convívio desses fiéis, a partir de uma ética de sujeição a uma série de ordenanças a serem cumpridas. Normalmente, essas ordenanças têm a ver com a enfermidade que a pessoa vem apresentando, sendo necessário o desfazimento de objetos ou quaisquer coisas que estejam associadas à moléstia. São comuns as campanhas de quebras de enfermidades (e maldições) que afligem as pessoas que buscam solução para seus problemas. Para tanto, elas lançam mão de quaisquer recursos a fim de garantirem a vitória sobre as enfermidades e o restabelecimento da saúde perfeita.

Este reconhecimento de que o corpo humano não deve suportar as enfermidades que eventualmente lhe advém constituir-se-ia em uma forma de valorização do corpo, ou mesmo uma afirmação da vida hodierna. Com a doença, a pessoa não poderia usufruir de todos os direitos que lhe assistem, haja vista estar impossibilitada. Mas com a extirpação dela, o fiel retomaria sua vida normal, ficando livre para o gozo de tudo aquilo que ele teria direito (SOUZA, 2004).

Mesmo antes do implemento dessa racionalização das enfermidades pelos neopentecostais, os pentecostais já vinham experimentando dessa prática em meados do século XX. Lá ela era simplesmente chamada de “cura divina” e já acompanhava a liturgia de alguns cultos pentecostais. Contudo, foi a partir do neopentecostalismo que ela passou a ganhar mais notoriedade, deixando de ser um simples momento do culto para tornar-se a razão de ser das principais reuniões das denominações neopentecostais.

A valorização da cura divina permitiu fazer associações com a teologia da prosperidade, já que, sendo esta a expressão de um cuidado extremo com a vida terrena, a negação de um corpo doente viria corroborar com esta teologia, demonstrando assim uma maior valorização desta vida terrena em detrimento da “vida eterna”, apregoada pelo pentecostalismo clássico. Neste, o homem estaria sujeito a quaisquer enfermidades, podendo até mesmo morrer decorrente delas, mas mantendo a certeza de que alcançaria a saúde perfeita no além (ARAÚJO, 2010).

Toda essa sistematização indireta promoveu uma nova forma de ver as denominações evangélicas, e estas neopentecostais. Elas deixaram, paulatinamente, de ser reconhecidas como agências de “salvação” e passaram a ostentar agora o termo “solução” (SHAULL, 1999). De fato, essas denominações passaram a receber diariamente um público que, dentre as mais diversas demandas, buscavam a solução para seus problemas financeiros, de saúde,

emocionais e afins. Rapidamente, outras denominações que ainda mantinham um discurso de salvação passaram também a inserir em suas programações momentos de solução. Estariam aí os “cultos de libertação” e “cultos da vitória”, comumente encontrados nas mais diversas denominações pentecostais. Mesmo que nessas denominações a salvação ainda esteja em alta, o que pode ocorrer é que essas religiões “oferecem um caminho de salvação em situações de profunda crise humana” (SHAULL, 1999, p. 178). Com isso, o sentido de salvação, apregoado pelo protestantismo e em seguida pelo pentecostalismo clássico, passa a ser reinterpretado. Não se trataria mais de uma salvação “deste” mundo, mas “para este” mundo.

Algo que contribuiu para o implemento cada vez maior da teologia da prosperidade nas denominações neopentecostais ou mesmo do pentecostalismo clássico foi o que Richard Shaull apontou em seu estudo sobre o pentecostalismo:

Impacto e exposição contínua sob os meios de comunicação de massa, através dos quais *a aquisição de mais e mais bens materiais é apresentada como a solução para uma vida plena*. Esse bombardeamento diário de comerciais pelo rádio e televisão consolida o atual sistema de valores da sociedade consumista, ao mesmo tempo que intensifica as aspirações não satisfeitas dos mais despojados. Dada a natureza dessa evolução, não é de surpreender que ao voltar para a religião as pessoas queiram, em primeiro lugar, soluções para os problemas concretos que enfrentam diariamente. (SHAULL, 1999, p. 182 – o *italico* é nosso)

Com essa afirmação, ainda que se façam associações entre a teologia da prosperidade e a “ética protestante e o espírito do capitalismo”, analisados por Max Weber (2004), uma estaria muito distante da outra, não só em termos históricos, mas também em termos de resultados. A riqueza produzida pelos puritanos calvinistas era fruto de sua frugalidade e total dedicação ao trabalho. Via-se neste uma forma de devoção a Deus e um caminho para a salvação de suas vidas. Atentos ao trabalho, dificilmente gastariam com os prazeres e paixões oferecidos pelo mundo. Consequentemente, eram desinteressados pelas coisas materiais, preferindo investir seu tempo (e dinheiro) nos valores do reino de Deus.

Já o neopentecostalismo, também com sua ética, mas de aquisição e de rentabilidade, busca usufruir desses bens adquiridos ainda neste mundo, sob os auspícios de uma sociedade cada vez mais consumista, voltada para uma satisfação que busca, a todo custo, viver aqueles prazeres e paixões renegados pelo protestantismo ascético. E assim, o mundo tornar-se-ia o lugar definitivo para esses fiéis neopentecostais, pois seria, conforme afirmou Ricardo Mariano, o “*locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas”, sendo que a teologia da prosperidade teria vindo “coroar e impulsionar a incipiente tendência de acomodação ao mundo de várias igrejas pentecostais

aos valores e interesses do ‘mundo’, isto é, à sociedade de consumo” (MARIANO, 2010, p. 149).

3.1.3 Pragmatismo, imediatismo e antropocentrismo

Buscando um núcleo definidor, verificado a partir dos discursos comumente expressos em reuniões tipicamente neopentecostais, pode-se considerar que estes três termos são os que melhor representam o neopentecostalismo, somando-se à teologia da prosperidade.

Em meio a um mundo secularizado, onde as noções de prazer acontecem a partir do tocar, experimentar e vivenciar, coube ao neopentecostalismo proporcionar essas sensações aos fiéis com a aplicação e reinterpretação de narrativas bíblicas, ressaltando um aspecto prático nesses textos. Tendo em vista que a teologia dominante no protestantismo e no pentecostalismo clássico estava mais voltada para o subjetivo, para valores considerados incomensuráveis e imarcescíveis, conseqüentemente distanciando seus fiéis do mundo, o neopentecostalismo materializou esses valores, tornando-os objeto de poder e conquista, sendo frequentemente associados à posse de bens ou reconhecimento a partir do ingresso em zonas outrora estanhas, como a política e o mercado empreendedor, tendo como característica um discurso negador da pobreza (MARIANO, 2003; SOUZA, 2004; ROMEIRO, 2007; MARIANO, 2010).

Outro fator relegado pelo neopentecostalismo foi a centralidade da soberania divina e da pessoa de Jesus Cristo. Enquanto no protestantismo e no pentecostalismo clássico havia o interesse em aguardar os desígnios divinos e soberanos no tempo oportuno e manter o cristocentrismo nas mensagens pregadas nos cultos e nos demais atos da vida cristã, o neopentecostalismo tornou essa espera, às vezes longa e utópica, em algo próximo e palpável, visando à satisfação do fiel que passou a ser o centro das atenções. Já não mais se buscava uma identificação com o exemplo de Jesus Cristo, mas uma identificação com o mundo e seus aspectos seculares.

Isto revelou um apego indisfarçável ao mundo pelos neopentecostais. Seus interesses estariam centrados naquilo que eles podem adquirir, de preferência de forma imediata, a fim de usufruir plenamente neste mundo. Suas concepções são de que não se pode viver uma vida abençoada por Deus prescindindo de valores que são tão comuns ao mundo secularizado e que foram, por muito tempo, proibidos pelas igrejas com seus discursos ascéticos, austeros e frugais (SIEPIERSKI, 1997; MARIANO, 2010).

No neopentecostalismo, a fruição dos bens ou de quaisquer outros meios que impliquem em satisfação para o fiel tende a ser constantemente buscada. É papel do líder proporcionar esta busca, assumindo sua função de “guia” espiritual, conduzindo seus seguidores, através das pregações ministradas, por caminhos capazes de proporcionar essa satisfação. Estaria aqui a motivação para a reinterpretação de textos bíblicos, aplicando-os diretamente às necessidades dos ouvintes, utilizando-os como ferramentas capazes de tornar o imaginário, real (pragmatismo), o demorado, antecipado (imediatismo) e a centralidade em Jesus Cristo em centralidade no homem (antropocentrismo).

A partir das condições de vida apresentadas pelos fiéis, elabora-se uma “teologia” capaz de atuar diretamente na resolução de conflitos sociais costumeiramente observados na comunidade onde a denominação neopentecostal está inserida. Deve-se ressaltar que, apesar do uso do termo “resolução de conflitos sociais”, que denotaria uma preocupação com a situação em que vive a referida comunidade, essa estratégia difere de outros movimentos de libertação que procuravam contribuir para a autonomia e emancipação desta comunidade. O neopentecostalismo não busca colaborar socialmente, ainda que indiretamente influencie esta dinâmica. Ele busca, sim, tornar esses sujeitos capazes de vivenciar novas realidades a partir do usufruto de bens, simbólicos ou não, materializados pelo poder da fé, expresso pela palavra de ordem, uma confissão positiva.

É assim que surgem os diversos testemunhos de empregos conseguidos, de curas alcançadas, de desejos realizados e de aquisição de bens reais. Para o neopentecostalismo, uma fé autêntica só pode ser expressa a partir da sua concretização no cotidiano. Não lhe interessa a subjetivação, mas sim a objetivação, a materialização, o rápido alcance daquilo que foi pretendido, a posse do que havia sido idealizado pelo fiel.

Para se chegar a este patamar, torna-se necessária a utilização de meios já comumente empregados no competitivo mercado secular. A compra e venda de produtos só logra êxito quando se lança mão de estratégias de marketing, capazes de convencer os clientes a terem aquilo que, às vezes, nem precisavam, mas devido à propaganda veiculada, acabam por adquiri-los, tornando real o desejo causado pela visualização do bem e das vantagens que ele pode lhe trazer.

Esta estratégia seria a mesma utilizada por algumas denominações consideradas neopentecostais que lançam “produtos” capazes de atrair a atenção dos fiéis, despertando assim os seus desejos. Para tanto, essas denominações seriam transformadas em agências de prestação de serviços ou de ofertas de bens de religião, à semelhança de quaisquer outras

instituições voltadas para a venda de produtos e aquisição de lucro (MENDONÇA, 1992; MARANHÃO FILHO, 2012).

Nessa perspectiva, surge a competição entre instituições religiosas que buscam ofertar aos seus fiéis melhores “produtos” (MARIANO, 2003). Obviamente que esses “produtos” devem estar adequados às necessidades e desejos de um público-alvo, garantindo assim a manutenção deste público nesta agência de prestação de serviços (CAMPOS, 1997).

Outro fator que contribui para a transformação dessas instituições religiosas em agências de prestação de serviços, e assim caracterizando um “empreendimento” neopentecostal, é a forma como elas atraem sua clientela e recrutam novos adeptos, objetivando conquistar novos espaços no “mercado religioso”. Seria este o desafio de inovar cada vez mais, buscando especializar-se na oferta de produtos e serviços capazes de suprir os interesses e preferências de uma porção considerável de clientes (MARIANO, 2003).

Assim, uma denominação religiosa poderia ser considerada neopentecostal quando procura centrar-se

na formação de quadros eclesiástico e administrativo profissionalizados, na adoção de estratégias de marketing, na fixação de metas de produtividade para os pastores locais, num eficiente e agressivo mecanismo de arrecadação de recursos, num pesado investimento em evangelismo eletrônico, empresas de comunicação e outros negócios que orbitam em torno de atividades da denominação, na abertura de grandes templos e na provisão diária, metódica e sistemática de elevada quantidade de serviços mágico-religiosos. (MARIANO, 2003, p. 121)

Deve-se observar nesta afirmação o constante interesse no real, no visível, naquilo que se pode usufruir concreta e imediatamente pelo fiel. Desta forma, o neopentecostalismo constitui-se em uma ferramenta para se alcançar o tangível, outrora oculto pela teologia progressista que agora poderia ser considerada uma teologia pragmática, imediatista e antropocêntrica, tendo como foco a realização plena e concreta dos desejos e anseios dos seus clientes ou fiéis.

3.2 Conflitos com a escatologia pentecostal

A teologia da prosperidade proporciona para o fiel uma experiência pragmática e imediatista, que resulta na boa receptividade de suas crenças por parte de denominações as mais diversas, notadamente as de cunho pentecostal. A justificativa para essa aceitação é que, enquanto na clássica teologia pentecostal o usufruto de todas as possíveis bênçãos divinas, enumeradas como saúde perfeita, alegria completa, satisfação absoluta e vida abundante, era

esperado somente em um tempo escatológico, pela ótica neopentecostal o fiel teria a chance de vivenciar isso mais próxima e rapidamente. Além do mais, não seria preciso suportar as desventuras de um pentecostalismo clássico que interpretava o sofrimento como uma virtude necessária e dignificante.

De fato, com esse pragmatismo e imediatismo, foi possível trazer o celeste porvir para o terrestre presente (PROENÇA, 2010). Já não se via mais a redenção definitiva, ou aspectos peculiares a ela, em uma dimensão vertical, mas horizontal. A distância entre as promessas divinas e o homem agora podiam ser diminuídas, bastando apenas crer no coração e decretar em voz alta, utilizando para isso a autoridade e o poder do nome de Jesus Cristo como a chave-mestra para abrir qualquer porta (ou resolver qualquer dificuldade).

A partir dessa convicção, os fiéis passam a ser instigados a requererem de Deus tudo aquilo que lhes é de direito, à semelhança da parábola do filho pródigo, narrada na bíblia (Lucas 15.11-32), a fim de usufruírem no seu cotidiano, com a diferença que, neste caso real, as provisões não teriam fim e o pai, interpretado como Deus, continuaria a suprir quaisquer que fossem as necessidades do filho.

Nesta perspectiva, os fiéis são conclamados a viver de maneira abundante, negando qualquer sinal de crise financeira e “decretando a vitória”, conforme é descrito por Wander Proença:

Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrer qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave – basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. (PROENÇA, 2010, p. 373)

Assim, é possível constatar que a ênfase no neopentecostalismo seria a negação de uma escatologia pentecostal que defendia exatamente o oposto dessas convicções. Enquanto o ascetismo intramundano, nos moldes do protestantismo calvinista puritano, era valorizado pelo pentecostalismo clássico, o neopentecostalismo defende uma ideia de valorização e identificação com o mundo, onde o fiel pode (e deve) ser recompensado ainda nesta vida com aquilo que Deus tem de melhor. Sendo assim, se este Deus pode abençoar abundantemente o fiel com bênçãos a serem usufruídas neste mundo, qual o sentido de se esperar que este mesmo Deus proporcione bênçãos no além? A partir da descoberta do mundo, com todas as suas nuances, os fiéis seriam levados a pensar o mundo de outra forma, relativizando, inclusive, fundamentos que o pentecostalismo defendeu (e ainda defende, na teoria), como a parusia.

3.2.1 A descoberta do mundo

Se antes os fiéis pentecostais eram aconselhados a abdicarem de valores ou convicções peculiares a um comportamento que poderia identificá-los com o mundo, conforme foi analisado e discutido no primeiro capítulo deste trabalho, atualmente isso vem sendo relativizado a partir das convicções que são emanadas dos discursos proferidos por pregadores pentecostais, de acordo com o que foi demonstrado no segundo capítulo também deste trabalho. A busca pela recompensa material tornou-se algo bastante perseguido entre esses fiéis. Uma ética de valorização do mundo já permeia as denominações pentecostais e, conseqüentemente, reedita aquelas primeiras convicções.

Ainda que tais recompensas fossem valorizadas pelo protestantismo calvinista puritano, elas eram produto de um esforço intramundano e serviam como um sinal da eleição que garantiria outras recompensas “insondáveis”, mas somente na vida futura. À revelia dessas históricas convicções, o neopentecostalismo promove outras, afirmando que os salvos (os eleitos) serão recompensados, já nesta vida, com saúde e prosperidade financeira. E para alcançar essas bênçãos, lançam mão de estratégias notoriamente desconexas quando comparadas com as que eram então promovidas pela escatologia pentecostal.

Embasados agora em uma perspectiva puramente secular, onde se procura viver o hoje intensamente, já não faria sentido se preocupar com o futuro, ou com aquilo que foi prometido para ele. O neopentecostalismo trata de tornar (ou pelo menos tenta tornar) reais os desejos mais contidos dos seus seguidores. Para isso, sempre utiliza a máxima “Deus vai te abençoar aqui e agora” como forma de torná-los convictos acerca da providência divina. E assim, promove um “deslocamento da esperança por um futuro promissor comum do imaginário protestante clássico para o presente pleno” (SCHULTZ, 2008, p. 531).

Esta esperança, que se acreditava seria vivida em termos espirituais, tende a ser materializada através dos valores emanados pela modernidade secular. Já não se almejam tanto as recompensas divinas (galardões) prometidas àqueles que foram fiéis, mas sim a materialização dessas bênçãos em bens, representados principalmente pelo sucesso financeiro. Da mesma forma, a busca pela saúde perfeita, algo já preconizado pela teologia pentecostal como resultado da redenção divina no fim dos tempos, também vem sendo constantemente buscada, denotando um cuidado significativo com aspectos hodiernos, que visam a satisfação plena de quaisquer dificuldades humanas.

Acerca disso, Ricardo Mariano constata que os neopentecostais

contrariam frontalmente a velha proposição pentecostal (...) de que a existência terrena do verdadeiro cristão seria dominada pela pobreza material e pelo sofrimento da carne. Invertem a postura pentecostal tradicional de rejeição à busca da riqueza, ao livre gozo do dinheiro, de *status* social e dos prazeres deste “mundo”. Em seu lugar pregam a Teologia da Prosperidade, doutrina que, grosso modo, defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. E, com isso, em vez de rejeitar o mundo, os neopentecostais passaram a afirmá-lo. (MARIANO, 2010, p. 44)

Ainda em outra contribuição procedente de uma pesquisa realizada por Richard Shaull em denominações pentecostais, foi percebido que nas pregações emanadas de algumas dessas denominações ainda haviam características peculiares ao pentecostalismo clássico, como a ênfase no combate ao pecado e na busca de salvação, tendo como agente motivador o Espírito Santo. Contudo, o que chamou a atenção do referido pesquisador foi outra ênfase que focalizava a ação deste Espírito Santo, mas diretamente para este mundo, proporcionando “a imediata presença e poder de Deus na vida diária, trazendo saúde, bem-estar material e uma nova qualidade de vida aqui e agora” (SHAULL, 1999, p. 177).

O referido autor entendeu que essa mudança indicava uma resposta do pentecostalismo às necessidades mais urgentes e aos desejos mais profundos do povo, notadamente os pobres e marginalizados. Seria uma forma de conduzir essa classe desprivilegiada a um patamar superior, a uma reinserção na sociedade, buscando de alguma maneira o reconhecimento desta.

Do ponto de vista social, esses fiéis estariam, de fato, ascendendo a partir da palavra ministrada, sob o poder do Espírito Santo. Porém, do ponto de vista teológico, a aceitação dessas mensagens implicaria na renúncia às convicções pertinentes ao pentecostalismo clássico que não buscava o reconhecimento do mundo, pelo contrário, deveriam sim negar todo e qualquer tipo de reconhecimento ou identificação com o mundo.

Mas, por tratar-se de um discurso bem mais pragmático, essas pregações acabaram por ganhar os púlpitos das denominações pentecostais, contribuindo para a reedição e reinterpretção das suas convicções escatológicas. Assim, já não se esperava mais pela plena redenção proveniente dos céus e que mantinha os fiéis distantes do mundo secular. Esses fiéis agora haviam descoberto o mundo, haja vista o discurso da teologia da prosperidade proporcionar esta descoberta. É como se, estando debaixo do guarda-chuva da escatologia pentecostal, mantinham-se imunes aos apelos profanos e mundanos, haja vista serem em algo transcendente e considerado superior a todas as riquezas humanas. Porém, abrindo-se os olhos, ou saindo de baixo desse “dossel”, agora estavam à mercê dos mesmos desejos e

paixões do resto do mundo. Eles descobrem que sua existência pode (e deve) ser pautada a partir de valores considerados plausíveis pela sociedade secularizada (BERGER, 1985).

Os discursos de fé, outrora interpretados como a capacidade de suportar o sofrimento, passam agora a ser válidos a partir do poder de participação no mercado de consumo (SOUZA, 2004). Ter fé significaria ir em busca daquilo que se deseja, mas não no transcendente, no porvir. É tomar posse da vitória, da bênção, do milagre hoje, imediatamente, algo muito similar à racionalização que é feita pelo homem hodierno em busca da felicidade.

E assim, de acordo com Alexandre Souza,

a religião, que durante muito tempo se mantivera afastada da pulsão da vida social, assimila aquilo que é de mais pertinente e enfático na cultura contemporânea; assim, a fé se alia aos negócios, tornando-se recurso da gestão em busca do sucesso material, ensinando técnicas de gerenciamento da fé na área econômica, tendo como objetivo atribuir fama e acumulação de bens aos seus adeptos. (SOUZA, 2004, p. 47)

Portanto, a partir do abandono das convicções escatológicas, os fiéis pentecostais estariam descobrindo o mundo, com suas facilidades, encantos e prazeres que outrora eram rejeitados pela teologia pentecostal, por serem considerados profanos e causadores do afastamento entre o homem e Deus. Mas essa descoberta não só trouxe o fiel pentecostal de volta para o mundo como também fê-lo aparentemente esquecer-se da sua condição de peregrino neste mundo. Com as novas convicções emanadas dessa situação de acomodação secular, a parusia já nem teria tanta importância, podendo mesmo ser interpretada como algo negativo, capaz de frustrar o desenvolvimento do fiel neste mundo.

Assim, as denominações pentecostais se assemelhariam às neopentecostais que, de acordo com Ricardo Mariano,

realizam as mais profundas acomodações à sociedade, abandonando vários traços sectários, hábitos ascéticos e o velho estereótipo pelo qual os crentes eram reconhecidos e, implacavelmente, estigmatizados. Na verdade, elas não só aboliram certas marcas distintivas e tradicionais de sua religião, como propuseram novos ritos, crenças e práticas, relaxaram costumes e comportamentos e estabeleceram inusitadas formas de se relacionar com a sociedade. E, como se não bastasse, *passaram a priorizar a vida aqui e agora, em vez de enfatizar, como insistiam seus irmãos de fé, o abrupto fim apocalíptico deste mundo, ao qual prontamente se seguiria a bem-aventurança dos eleitos no Paraíso celestial.* (MARIANO, 2010, p. 8 – o *itálico* é nosso)

3.2.2 Parusia tardia ou (mesmo) inexistente

Considerada um dos elementos mais importantes da escatologia pentecostal, a parusia, que é a volta de Jesus Cristo para buscar seu povo e levá-lo para o céu a partir do

arrebatamento, vem sendo preterida, pelo menos indiretamente, graças aos discursos cada vez mais frequentes nas denominações pentecostais que enfatizam a teologia da prosperidade, conforme se apresentou no capítulo anterior, sublinhando o caso dos GMUH. Se na parusia ocorreria o traslado do corpo dos fiéis para o céu, passando antes por uma glorificação, “com a nova mentalidade de consumo proposta pela teologia da prosperidade, a glória do corpo já não é para o futuro. Esse corpo glorioso é pretendido agora.” (SOUZA, 2004, p. 48).

A parusia incentivava os fiéis pentecostais a manterem uma atitude de contemplação e indiferença à vida no mundo social. Este era o cerne do ascetismo e sectarismo pregado pela escatologia pentecostal. Contudo, com o implemento do neopentecostalismo, atuando diretamente a partir da teologia da prosperidade, esta contemplação e indiferença tende a ser eliminada, levando juntamente consigo o anseio pela iminente parusia.

Isto pode ser constatado a partir do interesse desses fiéis em alcançar um *status* representado pela ocupação de espaços estratégicos e privilegiados na vida social (tem-se a política como representante máximo, mas também a aquisição de melhores empregos é incentivada), por vezes fomentando um sentimento de grandeza e um espírito belicoso, acarretando uma agenda de trabalho que objetiva principalmente a conquista do sucesso (SOUZA, 2004).

Outro fator significativo para ilustrar esse adiamento ou negação da parusia entre os pentecostais seria a preocupação com as enfermidades, denotando uma evidente valorização do corpo que, por si só, representaria o receptáculo da vida finita que se contrapõe à eternidade, prometida a partir da parusia (ARAÚJO, 2010). Faz parte, cada vez mais, da programação das denominações pentecostais os apelos àqueles que desejam ter suas enfermidades curadas, sejam elas quais forem, e os testemunhos de fiéis que obtiveram, em algum momento, a cura de uma enfermidade.

Esses dois exemplos são bem ilustrativos a fim de se constatar, no atual pentecostalismo, os conflitos existentes em sua escatologia. A busca pelo reconhecimento e pela saúde perfeita surgiria em contraposição àquela teologia embasada na necessidade do sofrimento do fiel enquanto não se desse a parusia. Uma vez que se busca, ainda neste mundo, a resolução para esses conflitos humanos, entende-se que o advento de Jesus Cristo estaria sendo, indiretamente, deixado para segundo plano, ou mesmo sendo totalmente dispensado, haja vista esta dinâmica de reconhecimento social e cura das enfermidades estar se tornando uma constante nas denominações pentecostais.

O exemplo da área política, citado anteriormente, pode ser muito representativo desse fenômeno. A partir das incursões dos evangélicos na política partidária e tratando de conhecer

as motivações que os levaram a tal, vê-se o quanto os ideais ascéticos do pentecostalismo clássico podem ser reinterpretados. Por mais que os discursos internos justifiquem a participação dos evangélicos na política como uma forma de garantir a liberdade religiosa, ressaltando-se aí a pregação proselitista, há também interesses voltados para a geração de uma forma de governo embasada em conceitos religiosos que visam moralizar a sociedade de um modo geral. Isto constituiria uma forma de antecipação do governo milenial, escatologicamente previsto para acontecer após o arrebatamento da igreja e os sete anos da grande tribulação.

A questão que se levanta a partir dessa afirmação é que, se tal projeto de moralização da sociedade já vem sendo posto em prática, a concepção que se tinha da parusia enquanto desencadeadora dessas mudanças tornar-se-ia desnecessária. Para que o governo milenial, ou aquilo que ele representa, fosse estabelecido, bastaria apenas a disposição dos fiéis em “ganhar o Brasil para Cristo”, determinando a vitória sobre todos os poderes do mal e instaurando o “governo dos justos”, conforme faz parte da estratégia de governo de um eminente parlamentar evangélico, atualmente exercendo mandato na Câmara Federal⁵¹.

Reiterando o que foi afirmado no primeiro capítulo deste trabalho, não fazia parte da estratégia de evangelização do pentecostalismo a aquisição de cargos eletivos pois, com isso, estar-se-ia correndo o risco de se amoldar ao mundo, e assim se esquecer da bem-aventurada esperança dos pentecostais, a parusia.

Outrossim, a importância que se dá atualmente à saúde do corpo pode ser refletida na quantidade de reuniões dedicadas à cura divina em denominações pentecostais, existindo até mesmo denominações especializadas neste assunto. Ainda que não se observe uma reunião específica para isso em algumas Assembleias de Deus, ela não deixa de ser mencionada, seja através de testemunhos ou de momentos onde os enfermos são convocados a dirigirem-se à frente a fim de receberem a cura por imposição de mãos e, em algumas denominações, a unção através do óleo consagrado.

Deve-se ressaltar que existe, na teologia pentecostal, a possibilidade de cura de enfermidades, sobretudo a partir do exemplo de Jesus Cristo, tendo “levado sobre si as nossas enfermidades”, conforme a narrativa bíblica de Isaías e repetida no evangelho de Mateus.

⁵¹ O Deputado Federal e Pastor Marco Feliciano, que também é um dos principais pregadores do congresso dos GMUH, divulga em seu site pessoal um projeto que pretende contribuir para o estabelecimento, a partir do seu mandato eletivo, de um “governo dos justos”. Em suas palavras, “trata-se de um projeto político de redenção da nação brasileira”, visando o implemento de ações voltadas à moralização das relações sociais/afetivas, tendo como base um “modelo bíblico” que incentivaria esta proposta. Seu projeto começou a ser efetivado quando, no início do ano de 2013, foi eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, tendo pautado suas ações no combate a projetos que beneficiariam diretamente a causa LGBT. (FELICIANO, 2012b)

Porém, esta mesma teologia não tinha a intenção de encorajar a promoção dessa busca pela saúde perfeita, já que reconhece que ela só acontecerá plenamente com o implemento da parusia.

Portanto, considerando o aumento da competitividade no campo religioso brasileiro, notadamente entre as denominações pentecostais, estratégias como essas tendem a ser incentivadas, quando já existentes, ou mesmo criadas, quando ainda se mantinha uma fidelidade à tradição teológica pentecostal. O fato é que, ainda que se alcance sucesso nesse empreendimento, estar-se-ia contribuindo para o afastamento das convicções escatológicas representativas do pentecostalismo clássico.

Ainda outro aspecto a ser observado nessa situação de negação da parusia é aquele onde, outrora, os pentecostais se sentiam rejeitados pelo restante do mundo. A princípio, por representarem uma religião mais voltada para uma experiência com o Espírito Santo, que causava êxtases e outras expressões sonoras e rítmicas em seus adeptos, os pentecostais eram vistos como pessoas incultas e desprezíveis, seja do ponto de vista educacional ou financeiro. Normalmente, esses dois estereótipos acompanhavam os pobres da época do auge do pentecostalismo e, apesar da notória discriminação, corroboravam com sua escatologia. Eis uma descrição de um saudosista pentecostal que traduz o sentimento que esses fiéis expressavam nessa época:

As mazelas vividas aqui e o sofrimento de agora eram apenas uma necessidade transitória dentro da perspectiva da peregrinação do crente pentecostal. Mais um pouco e este mundo de ruas de terra batida e esgoto correndo a céu aberto será deixado para trás por ruas de ouro. O pequeno casebre por mansão celestial. A cidadania muitas vezes negada aqui, não se compara com a cidadania plena dos cidadãos dos céus. Assim, o mundo presente não é visto como uma criação boa, mas totalmente dominado pela estrutura do pecado que precisa ser vencido e não transformado. Ao mesmo tempo em que se descuida do mandato cultural existe um ímpeto muito grande em salvar vida, afinal Cristo está voltando. E a igreja vive a última hora, são os mensageiros do minuto final. (BENÍCIO, 2010)

Este excerto demonstra não um pesar ante a situação discriminatória e infame em que viviam aqueles pentecostais, mas sim uma satisfação por terem a convicção de que um dia teriam a oportunidade de substituir esse viver decadente por outro glorioso e majestoso.

Porém, a situação vivida atualmente por grande parte dos pentecostais demonstra ser outra. A princípio, graças aos incentivos governamentais, tanto na educação, quanto na saúde e bem-estar da população, os índices de miséria e pobreza têm sido reduzidos a tal ponto que já se fala em inexistência da miséria e eliminação da pobreza. Ademais, com a qualificação da

mão de obra e os programas de assistência voltados para famílias de baixa-renda, poucos ainda devem se encontrar abaixo da linha de pobreza⁵² estabelecida pelo governo.

Essa situação veio corroborar com o discurso das igrejas pentecostais, já eivadas por convicções neopentecostais, que atribuíram exclusivamente o sucesso alcançado através dessas conquistas à ação divina, levando-os a crer que Deus estaria “honrando seu povo”. A partir daí surgem outros relatos de “vitória”, onde os fiéis testemunham da sua difícil vida anterior e da que agora vivem, ressaltando os ganhos que obtiveram ao longo de sua trajetória de sucesso e encorajando os demais a adotarem a mesma estratégia de fé, a fim de conseguirem chegar até onde ele chegou, ou mesmo ir além.

A partir dessa experiência, tornou-se possível estabelecer uma nova racionalização acerca do sofrimento causado pela ignorância intelectual e escassez de recursos financeiros. Já não se concebe um fiel pentecostal que não busca progredir nessas condições. Afinal, conforme o texto bíblico de Deuteronômio 28.13, bastante utilizado em algumas reuniões evangélicas de motivação e reescrito intencionalmente, “Deus te escolheu para ser cabeça e não cauda”.

Apesar dessa associação aparentemente pejorativa, a teologia pentecostal tradicional não incentivava a aquisição de bens, sejam materiais ou intelectuais, bem como a busca pela melhoria das condições de vida. E isso era facilmente explicável quando se buscava entender o sentido da parusia. Se Jesus estaria às portas, qual o sentido de se buscar melhoria de vida? A simples aceitação a esse estilo de vida, que poderia inclusive acomodá-lo neste mundo, constituía-se em uma negação aos propósitos exclusivamente divinos de redenção do seu povo.

Desta feita, o retorno de Jesus Cristo estaria sendo adiado, ou talvez, não fazendo mais parte do ideal de vida dos pentecostais, haja vista estarem mais afeitos às concepções concernentes ao mundo secular, representadas em suas denominações pelas convicções do neopentecostalismo (MARIANO, 2010).

Deve-se ressaltar que, apesar desse aparente desinteresse pela parusia, ela ainda continua válida, pelo menos nos escritos que doutrinam as denominações pentecostais, notadamente as Assembleias de Deus e, no caso aqui analisado, no discurso oficial dos GMUH. Aqui estaria sendo expressa a proeminência que a oralidade tem em relação à escrita.

⁵² De acordo com dados coletados em 2013 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o número de pessoas que estava na linha ou abaixo da linha de pobreza apresentou uma diminuição considerável quando comparado com as pesquisas realizadas em 2011 e 2012, demonstrando que o Brasil já teria superado em 12 anos as metas estabelecidas para a redução da pobreza pela metade, até o ano de 2025. (BRASIL, 2013)

Mesmo que o discurso oficial, que está escrito, permaneça plausível, sua aplicação de maneira indiscriminada ao modo neopentecostal é que se torna mais aceita.

O que ocorre nas pregações proferidas no congresso dos GMUH não seria uma anulação deliberada das doutrinas já preestabelecidas do pentecostalismo clássico. Não se percebe um discurso intencional de rechaçamento das convicções por tanto tempo defendidas pelas Assembleias de Deus. Contudo, ao serem retransmitidos, os mitos tendem a sofrer modificações devido à imaginação criativa dos próprios pregadores (GOODY, 2012), fazendo valer o que se supõe neste trabalho que, a neopentecostalização do pentecostalismo se dá a partir da mudança de ênfase promovida pela oralidade na escrita. A primeira é sempre íntima, abundante e atual, sendo que a segunda, contrariamente, tende a ser externa, parcial e atrasada (GALVÃO e BATISTA, 2006).

Assim, a parusia continuará a ser defendida nos escritos das Assembleias de Deus, denotando sua cristalização. Contudo, sua reinterpretação ou mesmo seu aparente esquecimento tenderá a ser uma constante, haja vista o pentecostalismo viver momentos de intensa penetração de convicções notoriamente seculares que, de acordo com o que tem sido apresentado neste trabalho, implicam em sua neopentecostalização.

3.3 Novas concepções de escatologia e de identificação com o mundo

A prevalência de concepções nitidamente neopentecostais acabou por influenciar o pentecostalismo clássico, aqui representado pelas Assembleias de Deus em seu congresso dos GMUH, alterando suas concepções iniciais de escatologia e de identificação com o mundo. Essas alterações podem ser vistas na forma como os pentecostais atualmente encaram o presente e o futuro, relacionam-se com o mundo secularizado e reinterpretem conceitos já cristalizados de sua teologia.

O resultado dessas alterações proporcionou ao pentecostalismo clássico o estabelecimento de novas concepções que, em comparação com as anteriores, emanadas de sua teologia, representam um processo de neopentecostalização, característico de um movimento cada vez mais secularizado, baseado na oralidade e isento de uma sistematização teológica, fruto de sua heterogeneidade. É o que se propõe demonstrar neste item, onde se observará: que a escatologia pentecostal, outrora bem mais afeita ao pré-milenarismo, assume características semelhantes ao pós-milenarismo, contudo transcendendo-o; que a promoção do evangelho, atributo mantido durante anos pelo tradicional proselitismo das Assembleias de Deus, vem sendo substituída pela promoção dos evangélicos; e que a manutenção da doutrina

da salvação teve que ser ressignificada para se manter plausível, ainda que sua plausibilidade tenha como argumento temas outrora desprezados pela teologia do pentecostalismo clássico por serem considerados de caráter profano e secular.

3.3.1 Escatologia pré e pós-milenarista

A teologia do pentecostalismo clássico, conforme já se discutiu no primeiro capítulo deste trabalho, estaria de acordo com uma escatologia pré-milenarista, ou seja, aquela que crê em uma “irrupção do sobrenatural na história para a consumação dos negócios humanos” (MENDONÇA, 1995, p. 69). Nela, não haveria espaço para que os pentecostais vivessem de forma despreocupada, haja vista a parusia ser aguardada de maneira iminente. Isso, obviamente, implicou em uma valorização do tempo futuro, em um ascetismo e sectarismo e no prazer do sofrimento, crendo que todas as intempéries e adversidades passariam com o retorno de Jesus Cristo, restando ao mundo os sete anos da grande tribulação e a paz do milênio.

Já a escatologia pós-milenarista estaria mais de acordo com a teologia do protestantismo histórico (ROCHA, 2009). Para este, “a vinda do Reino se daria após a implantação da civilização cristã; por isso, a cristianização da sociedade seria uma preparação para a vinda do Reino de Deus” (MENDONÇA, 1995, p. 60). Aqui já é possível observar uma preocupação com a “cristianização da sociedade” onde, a partir do implemento de convicções cristãs consideradas necessárias ao estabelecimento de uma moral social, seria possível transformar uma sociedade já eivada de convicções consideradas prejudiciais em um tipo ideal onde reinaria a harmonia em todos os aspectos possíveis da vida humana.

Quando o pentecostalismo começa a dar sinais de uma possível mudança de ênfase escatológica, passando a valorizar aspectos outrora ignorados, como a preocupação com o estabelecimento de uma sociedade mais cristã e a criação de laços fraternos com ideias e propostas secularmente progressistas, pode-se inferir que ele está vivendo um outro período, desta feita marcado por convicções características do pós-milenarismo. Contudo, dadas as características identificadoras deste, o pentecostalismo continua divergindo da ideia central emanada do pós-milenarismo.

O atual pentecostalismo tende a abreviar a expectativa escatológica de um reino de Deus futuro (pré-milenarismo) para uma escatologia realizada, onde as promessas do além são concretizadas no aquém, aqui e agora (SIEPIERSKI, 1997; SCHULTZ, 2008). A diferença que se constata das convicções pentecostais e pós-milenaristas é que, enquanto neste busca-se

o estabelecimento do reino de Deus na terra, caracterizando um aspecto mais amplo e global das bênçãos divinas, de fato preparando o mundo para o advento de Jesus Cristo, o pentecostalismo ainda mantém acesa sua esperança pela parusia (é o que seus escritos e algumas pregações ainda expressam), mesmo que indiretamente, mas busca usufruir de maneira imediata as bênçãos provenientes desse reino de Deus, desta feita em um aspecto pessoal e restrito somente àqueles que participam de suas denominações. O desprezo pelo mundo continua. Porém, tende a ser relativizado se proporcionar prazer, realização e reconhecimento para os pentecostais.

O “esfriamento” da expectativa pela parusia também tem contribuído para essa mudança de ênfase escatológica no pentecostalismo. Por tardar o cumprimento da promessa de que Jesus Cristo “brevemente” viria, os pentecostais tiveram que se adequar ao *modus vivendi* do mundo secularizado, aderindo a um “espírito capitalista” e consumista, marcado, sobretudo pela ostentação e consequente valorização do que antes era desprezado. Novamente, apesar da identificação com o mundo e consequente contribuição para o seu desenvolvimento, não era interesse dos pentecostais simplesmente melhorar a vida na terra, no aspecto coletivo, mas sim, individualmente, “se dar bem” nela enquanto pudessem. É com esse mote que os pentecostais pautam sua vivência atualmente. E isto foi observado em praticamente todas as pregações proferidas no congresso dos GMUH de 2012, que constituiu o recorte deste trabalho.

Ricardo Mariano, corroborando com esta análise, assim registra:

Antes, a conversão implicava que os fiéis se fechassem em casa e na igreja, se resguardassem castos, puros e santos para a volta de Cristo e o Juízo Final, se comportassem de modo ascético, sectário e estereotipado. Conduzia-os invariavelmente ao quietismo, à greve social e cultural. Isso mudou. Hoje, diferente de outrora, eles, em especial os neopentecostais, querem ter vez e voz ativas. Anseiam por respeitabilidade social, poder político e econômico. Ambicionam, sem culpa moral, consumir, ganhar mais dinheiro, conquistar um lugar ao sol, se dar bem na vida. Estão em busca de satisfação pessoal. (...) Querem ser como todo mundo e ao mesmo tempo diferentes. Mas desejam ardentemente que sua distinção religiosa seja reconhecida, valorizada e vangloriada pelos outros como integralmente positiva. Tal mudança não é em si mesma nem desabonadora nem salutar. Primeiro, demonstra que essa religião passou a se interessar por e orientar sua mensagem para este mundo, não para transformá-lo subitamente por meio de qualquer tipo de revolução de cunho milenarista, nem para desqualificá-lo, mas simplesmente para se ajustar às demandas sociais das massas interessadas tão somente na resolução ou mitigação de seus problemas cotidianos e na satisfação de seus desejos materiais. (MARIANO, 2010, p. 232-233).

Sendo assim, a constatação de que os pentecostais estão mudando pode ser vista não só pelo abandono do pré-milenarismo que constituía a essência do pentecostalismo clássico (SIEPIERSKI, 2004). Por deixarem de lado essas convicções que eram mui caras à

manutenção de um ideal ascético e sectário, outras também tiveram que ser relativizadas ou mesmo totalmente suprimidas. A programação dos cultos, facilitada pelas instruções recebidas nas pregações, passou a enfatizar a guerra espiritual entre o homem e o diabo, valorizou a aquisição e o usufruto de bens tendo em vista a busca de um *status* mais secularizado e contrário ao ideal de satisfação no sofrimento e padecimento diante das adversidades, suavizando, por fim, os notórios estereótipos de santidade outrora identificadores do público pentecostal, tornando-os mais “parecidos” com o mundo.

Portanto, sendo o pós-milenarismo uma forma de se fazer uma leitura da dinâmica em que vive o pentecostalismo atual (originariamente pré-milenarista), ele por si só não abarca todas as transformações observadas no pentecostalismo. A justificativa para isso está, como já referido anteriormente, em sua definição. Enquanto o pós-milenarismo defende um ajustamento do mundo, procurando melhorá-lo cada vez mais, os pentecostais buscam melhorias para si próprios. Deste modo, haveria sim uma identificação do pentecostalismo com o pós-milenarismo, mas aquele ultrapassaria este, exatamente por compreender, além das particularidades do pós-milenarismo, convicções notoriamente neopentecostais.

Desta feita, pode-se afirmar que o pentecostalismo atual, representado pelas Assembleias de Deus e, neste trabalho, pontuado pelo congresso dos GMUH, seria teologicamente pós-milenarista e sociologicamente neopentecostal. Suas convicções pré-milenaristas estariam sendo gradativamente deixadas de lado, abrindo caminho para uma nova e promissora incursão no campo religioso brasileiro, como a que atualmente pode ser vista com o incremento cada vez maior de denominações consideradas neopentecostais.

3.3.2 Promoção do evangelho *versus* promoção dos evangélicos

Esta ideia, tomada por empréstimo do sociólogo Paul Freston, simplifica a caminhada que os pentecostais vêm atualmente trilhando (FREESTON, 1994 *apud* ROMEIRO, 1999). Na busca de reconhecimento pelo mundo, os pentecostais já não se conformam em ser apenas “cidadãos dos céus”, algo que contribuiu para sua omissão em questões políticas e sociais durante muitos anos. Agora eles também requerem uma cidadania terrena, mas que se coadune com a celestial, ao menos indiretamente (ARAÚJO, 2010). “São fiéis que desejam ser empresários, donos do próprio negócio, se tornar patrões. Eles querem ser cabeça e não cauda, estar por cima e não por baixo” (PROENÇA, 2010, p. 377).

Ainda que o zelo proselitista das denominações pentecostais, notadamente das Assembleias de Deus, permaneça, é possível constatar que, a partir das convicções emanadas

em suas pregações, esse proselitismo atualmente visa pura e simplesmente o aumento da frequência nos cultos (ou reuniões), a fim de demonstrar um possível sucesso na empreitada evangélica. No congresso dos GMUH, por exemplo, a relevância do possível número de participantes bem como da grandiosidade do evento às vezes se sobressai em muito ao propósito realmente planejado para o evento. Outrossim, a apresentação dos cantores e principalmente dos pregadores denota uma dinâmica de *marketing* muito valorizada, sendo inclusive incentivada pela organização do evento, que considera seu púlpito uma “vitrine” para exibição e promoção dos seus cantores e pregadores.

Já do lado da multidão que assiste o evento, existem os apelos feitos pelos pregadores e cantores para que aqueles que ali estão tomem uma atitude de mudança em suas vidas, buscando melhorias para si e assumindo desafios que, de acordo com os pregadores, elevarão seu *status* a um nível bem acima do esperado, haja vista terem ao seu lado todo o apoio e a vontade divina para abençoá-los.

Conforme já se observou no segundo capítulo deste trabalho, a estratégia utilizada para convencer os fiéis a assumirem esses desafios que, acredita-se, elevarão seu *status*, é baseada em discursos onde aspectos da teologia da prosperidade estão bem presentes. De fato, a utilização desses discursos torna-se necessária haja vista que

a teologia da prosperidade [busca] incentivar o *progresso* econômico dos seus fiéis, procurando valorizar a fé em Deus como meio de obter prosperidade material em detrimento de uma vida de sacrifício e martírio, como também possibilitar (...) uma identidade e um lugar nas classes médias. (SOUZA, 2010, p. 259 – o *italico* é nosso)

Uma pregação que gire em torno de uma convicção que valoriza o sacrifício, a perda ou o sofrimento de um modo geral, algo que lembra a teologia do pentecostalismo clássico, não lograria êxito entre os ouvintes. Aquelas pregações visavam a preparação do fiel para o usufruto das bênçãos celestiais nos lugares celestiais e em um fim muito próximo. A denominação preparava este fiel para morrer ou para não ser surpreendido ante o iminente retorno de Jesus Cristo. Daí justificar-se o ascetismo intramundano observado nos primeiros pentecostais. Obviamente, tais discursos não elevavam a autoestima dos fiéis, passando bem longe da valorização ou promoção desses. O que se objetivava, de fato, era “a promoção do evangelho”, em detrimento de uma situação de conforto e prazer dos fiéis.

Mas, com os novos discursos implementados nas denominações pentecostais, a ênfase gira em torno da bênção aqui e agora, do prazer sem sofrimento, da elevação não só espiritual, mas principalmente material em detrimento daquela esperança emanada do pentecostalismo clássico. Há, agora, “a promoção dos evangélicos” que pode ser descrita nas seguintes

palavras de um entrevistado de Ricardo Mariano, que era um cristão e que já foi mandatário de um cargo eletivo:

Na minha infância os pastores nos preparavam para morrer. Diziam: “E se Jesus voltar amanhã”? Agora, a igreja está nos preparando para viver. Está preparando pessoas compromissadas com Deus, independentemente se Ele virá amanhã ou não. Muitos irmãos antigos diziam que o crente não devia ser advogado, empresário, atleta, estudar muito. Não devia entrar na vida pública – porque os políticos são todos ladrões. Hoje não é mais assim. Ser crente não é ser escravo. Pelo contrário, ser crente é ser liberto dos maus costumes, da imoralidade e da falta de ética. Jesus veio para salvar os ricos também e não apenas os pobres. Deus contempla a todos. Nós podemos ser filhos de Deus e exercer qualquer profissão, em qualquer lugar (...) *Os evangélicos estão preparados para assumir qualquer cargo neste país, de vereador de uma pequena cidade a presidente da República*”. (MARIANO, 2010, p. 150 – o *itálico* é nosso)

Este excerto demonstra que a busca pelo sucesso dos evangélicos não se concentra somente dentro dos templos ou entre seus círculos de convivência. Existe também uma preocupação em se estabelecer uma participação política mais efetiva entre os evangélicos. Algo que manifeste os reais desejos dessa população que, dentre outras demandas, requer que o país expresse (ou “declare”, para utilizar um termo considerado neopentecostal) a plenos pulmões que “o Brasil é do senhor Jesus”.

Durante o congresso dos GMUH de 2012, em uma pregação proferida pelo Pastor Marco Feliciano, que também é deputado federal, uma fala deste pregador pode ser característica desse ideal de promoção dos evangélicos e corrobora com a fala citada anteriormente:

Vai acontecer um reboiço nessa nação brasileira, vai acontecer um reboiço nessa terra! Vamos viver para ver o dia em que os crentes vão vir para o culto e quem sabe, nos Gideões em alguns anos, os crentes com radinho de pilha ligado, só pra ouvir A Voz do Brasil, que hoje ninguém escuta porque tem raiva da política. Mas vai chegar o dia em que o povo vai ter orgulho. Vamos ouvir um jornalista falar: “Com a palavra Sua Excelência o Presidente da República Federativa do Brasil”. E o Presidente do Brasil vai começar o discurso dele dizendo: “Eu cumprimento os compatriotas brasileiros com a paz do Senhor”! Só quem crê nisso recebe, recebe, recebe... (FELICIANO, 2012a)

Agindo dessa forma, os pentecostais se enveredam por caminhos outrora considerados profanos (a política partidária era assim considerada) com a justificativa de que estão tentando sacralizá-los. Outra argumentação é que poderia ser considerado um desperdício a oportunidade que se tem, enquanto eleitor, eleger candidatos que não expressassem os reais desejos dos evangélicos.

Em um artigo que analisou a valorização do tempo presente pelo pentecostalismo assembleiano brasileiro, Arão Araújo transcreveu um trecho de um texto publicado em um

periódico das Assembleias de Deus onde o articulista respondia à questão “Pode o crente ser político?”, conforme se vê a seguir:

No artigo publicado por Geremias do Couto (...) [ele] destacou a importância da eleição de candidatos comprometidos com os interesses da igreja, incentivando os fiéis a votarem em candidatos “crentes”. (...) “Ao invés de darmos nossos votos a candidatos comprometidos com outras causas, *é muito mais justo e correto* cerrarmos fileiras, em cada Estado, com aqueles que terão condições de representar os evangélicos no Parlamento”. (ARAÚJO, 2010, p. 188, 189 – o *italico* é nosso)

Observe que, a partir do trecho destacado nesta citação, o autor do texto busca legitimar a participação dos evangélicos na política justificando a necessidade de haverem candidatos comprometidos com as demandas dos próprios evangélicos, haja vista isso ser “muito mais justo e correto”, denotando um possível prejuízo ao se elegerem candidatos que não se constituíssem legítimos representantes desses eleitores, especificamente.

À semelhança dos neopentecostais, agora os pentecostais também “querem ter vez e voz ativas, [ansiando] por respeitabilidade social, poder político e econômico” (MARIANO, 2010, p. 232). Tais discursos eram comumente vistos em denominações reconhecidamente neopentecostais, como a IURD. Agora, podem ser vistos, e em maior frequência durante as campanhas eleitorais, em diversas denominações das Assembleias de Deus, onde a questão política era tratada de forma muito velada pelos pastores que preferiam orientar seus fiéis a manterem-se favoráveis aos governantes já instituídos no poder.

Mais recentemente, o pastor e deputado federal Marco Feliciano, já mencionado neste trabalho, assumiu a presidência de uma comissão na Câmara dos Deputados e foi responsável, pelo que os pentecostais consideraram, por uma das maiores vitórias dos evangélicos no âmbito da política. Sua escolha gerou uma série de manifestações promovidas por entidades representativas de movimentos homossexuais e evangélicos, respectivamente contra e a favor do deputado. Contudo, apesar de todas as manifestações contrárias, o referido pastor e deputado concluiu seu exercício no final de 2013 celebrando, juntamente com sua representatividade, todos os seus feitos que, dentre outros, privilegiaram assuntos que compunham a pauta da bancada evangélica da Câmara dos Deputados, principalmente a moralização da sociedade através do veto a projetos que privilegiassem os homossexuais (ESTADÃO, 2013).

Em linhas gerais, os pentecostais têm procurado novas frentes de ação no mundo. Por vezes, eles reeditam algumas convicções já consagradas do pentecostalismo clássico a fim de responderem mais efetivamente às demandas que a sociedade secularizada lhes propõe. Assim, diante da necessidade de combater o mundo, com suas mazelas e investidas

“diabólicas”, os pentecostais agora não mais fogem ou se afastam, característica do ascetismo de outrora. Eles pautam sua atuação, à semelhança dos neopentecostais, “pelo enfrentamento, pelo desbravamento e conquista de áreas por eles ainda não alcançadas, pela participação direta nas esferas que pretendem cristianizar, pela ousadia missionária e pela intrepidez evangelística” (MARIANO, 2010, p. 228).

Por fim, com esse ideal de promoção própria, os pentecostais tendem a abandonar a velha ética de desvalorização do mundo, característica de uma escatologia pré-milenarista e apocalíptica, tornando-a uma escatologia mais voltada para o presente, para o agora. Com isso, o usufruto de riquezas e o gozo de saúde e de prosperidade passaram a ser o objeto de desejo dos pentecostais que, antecipando as virtudes do paraíso, desejam viver regaladamente o presente, relegando o futuro.

3.3.3 Resignificação da doutrina da salvação

Passando por todas essas transformações, era de esperar que o pentecostalismo das Assembleias de Deus, expresso no caso analisado neste trabalho, resignificasse uma série de convicções já amplamente difundidas e cristalizadas em sua teologia. Com essa nova roupagem do pentecostalismo, não haveria mais sentido em sustentar algumas dessas convicções, haja vista mostrarem-se contrárias ao que agora estava posto. Deve-se ressaltar que, apesar dessas resignificações, as verdadeiras mudanças acontecem somente no discurso oral, promovedor da atualização dos mitos. Sendo assim, os mitos originais permanecem, entretantes, inalterados, haja vista já estarem registrados e documentados.

Dentre as convicções já discutidas nesta pesquisa, destaca-se neste último item a salvação, importante fator do pentecostalismo clássico, bem como de todo o protestantismo e cristianismo. No primeiro capítulo deste trabalho procurou-se dar alguns indicativos acerca de como a salvação era encarada pelos fiéis do pentecostalismo clássico. Em geral, a salvação era vista como uma dádiva graciosa e divinamente entregue ao ser humano, devendo ser mantida através de rígidos preceitos que eram representados por uma vida de desvalorização do mundo secular, pela vivência de uma ética de santificação e pela exaltação do sofrimento.

Não é que nesta nova fase do pentecostalismo esses aspectos da salvação tenham sido deixados completamente de lado e os pentecostais agora vivam de maneira desregrada. Tais preceitos ainda continuam plausíveis e são até mesmo objeto de análise em algumas pregações. Contudo, reafirmando o que foi dito no início deste item, dadas as transformações

ocorridas no pentecostalismo clássico, foi necessário ressignificar esses aspectos da salvação, tornando-os menos exigentes e mais abertos a interpretações e práticas diversas.

Tendo agora uma expressão pentecostal que valoriza o presente, que dá valor ao mundo hodierno, que materializa virtudes e bênçãos transcendentais e que promove socialmente o fiel (evangélico), não faria sentido manter um discurso que negava diretamente todas essas características.

Conhecido como incentivador de uma vida de privações e provações, ostentando um discurso “retrógrado” e “ultrapassado”, o pentecostalismo, a partir do momento em que vive uma neopentecostalização, relega para o passado a velha mensagem da cruz, discurso que marcava a vivência de todos aqueles que se decidiam por um estilo de vida simples, baseado exclusivamente na satisfação da vontade divina e que esperavam pela breve redenção proveniente dos céus (MARIANO, 2010).

Identificados que eram por seus trajes modestos e recatados, frutos de uma ascese intramundana e de desvalorização de aspectos puramente seculares (ou profanos), na medida em que os pentecostais foram redescobrimo o mundo através das prédicas que passaram a valorizar o que antes era proibido, deixaram paulatinamente o modo simples e modesto pelos quais eram reconhecidos, agora almejando as melhores vestimentas, os melhores acessórios e as últimas tendências.

Esta modificação não representa somente a perda da identidade visual dos pentecostais, haja vista poderem ser identificados de longe devido aos trajes que utilizavam. Ela representa também o cuidado que eles passaram a ter agora com o corpo em muitos aspectos (SOUZA, 2004).

Sendo o corpo “a morada do Espírito Santo”, de acordo com os preceitos tradicionais, era preciso mantê-lo preservado de qualquer aparência do mundo, sob o risco de caírem em pecado, maculando assim a santificação e conseqüentemente prejudicando a salvação. Da mesma forma, sendo o corpo apenas o receptáculo da vida humana, que é efêmera e incompleta, estaria sujeito aos mais diversos males e enfermidades. Diante de uma dessas circunstâncias, deveria o fiel apenas confiar em Deus e esperar por sua soberana e graciosa vontade, não lançando mão da ansiedade de buscar, sozinho, a solução para os problemas que lhe advieram. Afinal, ainda mais um pouco de tempo e todas as efemeridades e incompletudes que cercavam o corpo haveriam de ser vencidas, tendo em vista que a parusia estaria mais próxima do que nunca.

Objetivava-se com estas convicções uma preparação para viver eternamente nos céus, lugar de pureza e de virtudes incomensuráveis. Para tanto, seria necessário primeiro viver esta

expressão de santidade “neste” mundo, a fim de demonstrar ser possível ter uma vida minimamente incorruptível nele.

Com a implementação do neopentecostalismo, e este influenciando diretamente o pentecostalismo clássico, assim neopentecostalizando-o, houve algumas mudanças consideráveis neste ideal. As concepções que norteavam o viver “neste” mundo foram substituídas por um “para este” mundo. A partir de então, já não fazia mais sentido manter um discurso de indiferença e de desvalorização do mundo. Deveria, sim, haver uma aproximação a ele a fim de usufruí-lo intensamente.

A partir da análise das pregações proferidas no congresso dos GMUH de 2012, foi possível constatar essas mudanças de ênfase na fala de cada um dos pregadores. Tem-se como exemplo ilustrativo o fato de que, dentre os 47 pregadores convidados, apenas um procedeu com aquilo que nas igrejas pentecostais chamam de “apelo”⁵³ ao final da pregação (GMUH, 2012). Outrossim, nas pregações analisadas, somente duas ressaltaram aspectos concernentes à doutrina da salvação, nos termos da teologia utilizada pelas Assembleias de Deus. As demais, conforme a hipótese levantada por este trabalho, abordaram temas mais afeitos às concepções neopentecostais, ainda que ressaltassem aspectos do pentecostalismo clássico, como a glossolalia.

Com essas novas concepções, que implicam diretamente em mudanças funcionais na escatologia que é teologicamente defendida pelas Assembleias de Deus, os GMUH surgem como uma das expressões mais significativas de colaboração na ressignificação de conceitos e práticas já há muito defendidas pelo pentecostalismo clássico, notadamente a salvação. Seus discursos de afirmação do tempo presente, de valorização do materialismo e rejeição ao sofrimento fazem com que, de fato, a compreensão da doutrina da salvação seja praticamente revisitada e assim adaptada, ou mesmo ressignificada, haja vista ela ainda estar totalmente de acordo com a salvação do homem “do” mundo e não “para” o mundo.

Portanto, tendo em vista que o neopentecostalismo prepara o homem para viver intensamente neste mundo, usufruindo de tudo o que acredita ser seu, por direito, fica implícito seu desinteresse por concepções que valorizavam uma vida no além, conquistada, conforme a sistematização teológica das Assembleias de Deus, a partir da experiência da salvação, proporcionada exclusivamente pela fé em Jesus Cristo. Com essa ressignificação, a garantia da salvação passa a ser aferida de acordo com o relacionamento que o fiel mantém

⁵³ Trata-se de um momento em que o pregador, ao término da sua prédica, convida pessoas que ainda não fazem parte da denominação ou “não aceitaram a Jesus” para virem à frente e fazerem sua “decisão”. É um momento considerado de suma importância no culto, haja vista ser ele o responsável pelo acréscimo de novos membros na denominação.

com o mundo, ou seja, ser “salvo” implicaria na busca pelo prazer, não mais no sofrimento, conforme o pentecostalismo clássico, mas exatamente o contrário, no máximo usufruto de todas as riquezas e prazeres possíveis ao homem.

Finalmente, a ressignificação da salvação no neopentecostalismo tornou possível encontrar a felicidade aqui e agora. E se não encontrá-la, pode-se “profetizar” sua chegada ou mesmo “determinar” a posse dela imediatamente. São termos muito utilizados nas pregações ministradas no congresso dos GMUH e que podem ilustrar o modo como a salvação atualmente pode ser vista pelos atuais pentecostais.

CONCLUSÃO

Mudança parece não ser a característica dos pentecostais, pelo menos levando-se em consideração o fundamentalismo que rege seu código doutrinário. O sentido da admoestação bíblica “Não removam os marcos antigos” (Provérbios 22.28) ainda se mantém em alguns celeiros pentecostais. A resistência aos “novos costumes” também continua firme em outras paragens evangélicas.

Amparada por um complexo sistema de doutrinas, muitas delas tidas como surreais, as Assembleias de Deus, ao menos estruturalmente, têm permanecido firmes e atuantes na difícil tarefa de não se deixar levar pela influência do “mundanismo”, mantendo um discurso ascético e sectário, acreditando que brevemente passará por um processo de ascensão e glorificação, promovido pela parusia.

A Escola Bíblica Dominical (EBD) certamente teve um papel crucial na manutenção do discurso doutrinário oficial das Assembleias de Deus. Afinal, é a partir dela que os mitos que tornam plausíveis as doutrinas desta denominação são atualizados constantemente a cada domingo, seguindo um modelo herdado, sobretudo dos missionários escandinavos, que preferiam algo menos formal e mais prático. A teologia que utilizam para justificar suas doutrinas segue um padrão também estabelecido por missionários, mas desta vez estadunidenses, frutos que eram do movimento conservador ocorrido nos Estados Unidos no século XIX.

Assim, com as indicações feitas no primeiro capítulo deste trabalho, foi possível apresentar um pentecostalismo, comparando com os termos de Roger Bastide (BASTIDE, 2006), ainda “selvagem”, mesmo que teologicamente “domesticado” e que se mantinha fiel àquilo que o definia e identificava. Foi a expressão de um pentecostalismo clássico que, conforme se afirmou já no início desta Conclusão, parecia ser difícil mudá-lo, haja vista estar cristalizado por meio dos seus escritos.

Contudo, a notícia de que os “pentecostais estão mudando” (MARIANO, 2010) vem causando motivos de discussão ou mesmo de discórdia, respectivamente entre os pesquisadores do pentecostalismo e entre os próprios fiéis pentecostais. Os primeiros constatarem a penetração cada vez maior dos pentecostais na sociedade, enquanto os outros fazem a leitura inversa, acreditando que a sociedade (o mundo) é que tem entrado cada vez mais nas igrejas. Por um lado (o dos pesquisadores), isto tem ajudado no implemento de

novos estudos acerca do pentecostalismo. Por outro lado (o dos fiéis), isto os tem desafiado a revisitarem suas doutrinas a fim de combaterem essa incursão do “mundo” na igreja.

O fato é que, a partir da observação e análise feita nos discursos proferidos durante o congresso dos GMUH, tem havido uma mudança de ênfase na forma como os pentecostais encaram o mundo. Se outrora se constituíam “inimigos” dele, agora encontram afinidades que proporcionam uma “amizade” antes impossível de acontecer. Isto caracterizaria a mudança, notadamente na ênfase escatológica que norteava os fiéis durante o pentecostalismo clássico.

Com seus discursos de afirmação do tempo presente, relativização da “última hora” e de rejeição à valorização do sofrimento, esses pentecostais parecem estar mais afeitos a concepções seculares do que propriamente escatológicas. Se antes eles olhavam apenas “para cima” local de onde esperavam sua redenção, hoje contemplam o horizonte em busca de uma melhor condição de vida “neste mundo”. Ressalte-se que suas primeiras convicções ainda são mantidas, mas sem tanta ênfase como antes, permitindo constatar que elas estejam até mesmo sendo preteridas por um discurso mais pragmático, imediatista e antropocêntrico.

A dinâmica dessas mudanças assemelha-se a outro movimento que surgiu a partir do pentecostalismo, mas que atualmente vem ganhando proporções consideráveis, mantendo alguns traços pentecostais, fazendo assim jus à sua genealogia, mas prescindindo da teologia que caracterizava o pentecostalismo clássico. Esse movimento ficou conhecido como “neopentecostalismo” e é hoje o responsável pelas principais mudanças funcionais que vem ocorrendo dentro dos celeiros pentecostais.

Embasado, sobretudo pela teologia da prosperidade, o neopentecostalismo trouxe interpelações ao pentecostalismo clássico, gerando conflitos que ocasionaram a perda da plausibilidade de tradições outrora constituintes da identidade pentecostal. A descoberta do mundo pelos pentecostais acarretou em um possível adiamento da parusia, que era esperada para o próximo segundo, por exemplo, podendo até mesmo considerá-la inexistente.

Esta mudança poderia caracterizar uma transição da escatologia pré-milenarista para a pós-milenarista. No entanto, a forma como ela se dá transcende as concepções defendidas por esta última escatologia. Isto porque não se crê no melhoramento do mundo a partir da promoção do evangelho, mas sim, crê-se no melhoramento do mundo para os evangélicos. Daí surgirem as incursões dos pentecostais na política, por exemplo, na tentativa de sacralizar a sociedade, ferindo concepções já bastante consolidadas da teologia pentecostal que não admitia a mistura do sagrado com o profano.

Isto obviamente também trouxe implicações à forma como os pentecostais entendiam a doutrina da salvação. Se antes se pregava a salvação “deste” mundo, agora se prega a

salvação “para este” mundo, ressignificando assim o que se entendia por salvação. Naturalmente, agora este seria o caminho a ser seguido pelos pentecostais tendo em vista a mudança de ênfase da escatologia futura para a escatologia realizada.

E assim, com todas essas transformações que vêm ocorrendo dentro do pentecostalismo clássico, aqui representado pelas Assembleias de Deus e analisadas a partir do congresso dos GMUH, o pentecostalismo atual vem perdendo seu caráter primário de doutrinador e normatizador, haja vista competir com o neopentecostalismo que prescinde de uma teologia homogênea, o que permite sua melhor acomodação e aculturação por aqueles que optam em segui-lo. Com isto, o anseio veemente pela parusia, que é a volta de Jesus Cristo, responsável pelo caráter ascético e sectário dos pentecostais, cede espaço a concepções pragmáticas, imediatistas e antropocêntricas, características do mundo secularizado.

Apesar das continuadas investidas na formação teológica dos seus fiéis, as Assembleias de Deus, conforme o caso analisado e discutido nesta pesquisa, parecem viver em uma oscilação de convicções onde ora se anseia pela parusia e por tudo o que ela proporcionaria (vida eterna, alegria infinda), ora se anseia pela vida hodierna, pautada por seus prazeres e oportunidades materiais e de usufruto imediato. Nesta dissertação, esta dinâmica foi chamada de “neopentecostalização” que, conforme o que foi estudado, implica em mudanças na concepção escatológica das Assembleias de Deus.

Mais estudos podem (e devem) ser feitos a fim de se constatarem outras implicações do neopentecostalismo no pentecostalismo clássico. Ademais, a partir desta dissertação, crê-se ter aberto caminho para outras pesquisas que, porventura, desejem analisar os efeitos desta neopentecostalização, como o comportamento competitivo dos pentecostais neste disputado campo religioso brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALVES, Rubem Azevedo. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 163-209.
- ARAUJO, Israel de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. 3. ed. Uberlândia: Edufu, 2007.
- BRASIL. Ipea revela que 3,5 milhões saíram da pobreza em 2012. **Portal Brasil**. Brasília, 2013. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2013/10/mais-de-3-5-milhoes-sairam-da-pobreza-em-2012-diz-ipea>>. Acesso em: 15 jan. 2014.
- CAMPOS, Bernardo. **Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximações e conflitos. In: GUTIÉRREZ, Benjamin F. & CAMPOS, Leonildo Silveira (editores). **Na força do espírito: os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: Associação Literária Pendão Real, 1996.
- _____. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- _____. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**. São Paulo, n. 67, p. 100-115, set./nov. 2005.
- CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CORREA, Marina Aparecida. **A operação do carisma e o exercício do poder**: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CORTEN, André. **Os pobres e o Espírito Santo**: o pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

COX, Harvey. **A cidade do homem**: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Êxtase pentecostal**: o efeito do discurso nos Gideões Missionários da Última Hora. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Instituto Superior de Teologia Aplicada, Sobral, CE, 2011.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao Impeachment. 1993. 304 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

_____. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-159.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 403-432, maio/ago. 2006.

GOODY, Jack. **O mito, o ritual e o oral**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião**. São Paulo: Loyola, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

LEACH, Edmund Ronald. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Marketing de Guerra Santa”: da oferta e atendimento de demandas religiosas à conquista de fiéis-consumidores. **Horizonte**. Belo Horizonte, n. 25, v. 10, p. 201-232, jan./mar., 2012.

MARIANO, Ricardo. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. **Civitas**. Porto Alegre, n. 1, v. 3, p. 111-125, junho 2003.

_____. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MARSDEN, George M. **Understanding fundamentalismo and evangelicalism**. Michigan: Grand Rapids, 1991.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990a, p. 11-59.

_____. Protestantismo no Brasil: marginalização social e misticismo pentecostal. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990b, p. 233-247.

_____. Sindicato de mágicos: pentecostalismo e cura divina (desafio histórico para as igrejas). **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, n. 8, p. 49-59, out. 1992.

_____. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste, 1995.

_____. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**: o campo religioso e seus personagens. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo – um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Rever**. São Paulo, p. 1-19, junho 2010.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil: pressupostos e desenvolvimentos. **Caminhando**. n. 2[10], v. 7, p. 31-49, 2002.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. Um século de Pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 31-66.

PROENÇA, Wander de Lara. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro. In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 357-401.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o Vosso Reino**: rupturas e permanências nas relações entre escatologia e política no pentecostalismo brasileiro. 2009. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes** – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 211-247.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise**. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

_____. **Supercrentes**: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SCHULTZ, Adílson. Sustentados pelo alto: a melhoria na qualidade de vida dos fiéis que participam de igrejas evangélicas. In: **XXI Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 522-534.

SCHWARTZMAN, Simon; DURHAM, Eunice R.; GOLDEMBERG, José. **A Educação no Brasil em uma perspectiva de formação**. São Paulo: USP/NUPES, 1993. Disponível em: <nupps.usp.br/downloads/docs/dt9305.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2013.

SHAULL, Richard. Reconstrução da vida no poder do Espírito. In: CESAR, Waldo & SHAULL, Richard. **Pentecostalismo e futuro das igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 149-291.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, n. 1, v. 37, p. 47-61, 1997.

_____. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (Org.). **O Estudo das Religiões: Desafios contemporâneos**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 71-88.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. **Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?**: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004.

SOUZA, Elton Fernandes de. Conflitos entre pentecostais: representações da Igreja Universal do Reino de Deus no âmbito da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1990-2009). In: OLIVA, Alfredo dos Santos e BENATTE, Antonio Paulo. **Cem anos de Pentecostes – Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 249-284.

TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**. n. 1, v. 2, p. 118-135, 2011.

VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990a, p. 111-131.

_____. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990b, p. 205-232.

_____. Protestantismo no Brasil: da teologia à liturgia. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990c, p. 145-170.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Fontes primárias

A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Revista e corrigida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

ANDRADE, Claudionor de. O arrebatamento da igreja. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 24-30, out., 2004a.

_____. O milênio – o reino do messias. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 67-73, dez., 2004a.

_____. Estarás tu vigiando quando Jesus vier?. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 90-96, dez., 2004c.

_____. Éfeso, a igreja do amor esquecido. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 18-25, abr., 2012a.

_____. Pérgamo, a igreja casada com o mundo. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 34-40, mai., 2012b.

_____. A formosa Jerusalém. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 91-96, jun., 2012c.

BENÍCIO, Hilquias. Tensão: Ênfase escatológica do pentecostalismo clássico versus ênfase na prosperidade do neopentecostalismo. **Vida 13**, Fortaleza, maio. 2010. Disponível em: <<http://www.vida13.com/vida-biblia-teologia/eclesiastica/tensao-enfase-escatologica-do-pentecostalismo-classico-versus-enfase-na-prosperidade-do-neopentecostalismo/>>. Acesso em: 22 jul. 2012.

BERGSTÉN, Eurico. O crente e o mundo. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 51-57, ago., 1984.

BERNARDINO, Alisson. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qhMKKe9GhMq4>>. Acesso em: 6 jul. 2012.

CABRAL, Elienai. O tribunal de Cristo. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 52-58, ago., 1998a.

_____. As bodas do cordeiro. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 59-65, ago., 1998b.

_____. O reino milenial de Cristo. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 89-95, set., 1998c.

CARVALHO JUNIOR. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4zIAoQip8ac>>. Acesso em: 6 set. 2012.

CGADB. **Manual de Doutrinas das Assembleias de Deus no Brasil**. Elaborado pelo Conselho de Doutrina da CGADB. 7. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

COSTA, Adeildo. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sq5dckqlEjM>> e <<http://www.youtube.com/watch?v=qUCUvIW1DXY>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

COUTO, Geremias do. A igreja peregrina. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 24-30, out., 1998.

_____. O uso dos bens materiais. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 41-45, mai., 2001.

CPAD, Casa Publicadora das Assembleias de Deus. **Harpa Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ESTADÃO. **Marco Feliciano na Comissão de Direitos Humanos**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/especiais/marco-feliciano-na-comissao-de-direitos-humanos,221033.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

FELICIANO, Marco. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012a. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YXWTL0mN8CI>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

_____. Deputado Federal Marco Feliciano. **Rumo ao governo dos justos**. São Paulo, 2012b. Disponível em: <<http://www.marcofeliciano2010.com.br>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

FERREIRA, Túlio Barros. A igreja em relação ao Estado. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 28-30, ago., 1990a.

_____. A igreja e as suas riquezas. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 42-45, set., 1990b.

GILBERTO, Antonio. **O calendário da profecia**. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

_____. O cristo e sua santificação. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 42-49, ago., 2006.

_____. ZIBORDI, Ciro Sanches. **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

GMUH. Gideões Missionários da Última Hora. **História**. Camboriú, set. 2012. Disponível em: <<http://www.gideoes.com.br/gmuh/historia.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

GONÇALVES, José. A prosperidade em o Novo Testamento. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 26-32, jan., 2012a.

_____. As bênçãos de Israel e o que cabe à igreja. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 33-40, jan., 2012b.

GONÇALVES, Samuel. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=R5RAPDxzHbs>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

IEAD. Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Camboriú. **Histórico**. Camboriú, jul. 2013. Disponível em: <http://www.ieadcamboriu.com.br/?page_id=7>. Acesso em: 17 jul. 2013.

JESUS, Robinho de. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=UvcFEpi5NFw>>. Acesso em: 6 maio 2012.

OLSON, N. Lawrence. O privilégio do crente. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 60-66, fev., 1984.

RENOVATO, Elinaldo. Jesus e a renúncia. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 11-17, abr., 2000a.

_____. Jesus e a solicitude pela vida. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 25-32, abr., 2000b.

_____. O cristão e a política. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 60-64, set., 2002.

_____. Exortação à santidade. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 41-47, ago., 2005a.

_____. A vinda de Jesus e a conduta cristã. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 76-82, set., 2005b.

RODRIGUES, Gilvan. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yYxmBVXjbM4>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

SANTANA, Abílio. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sG3byBOsT5E>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

SILVA, Eduardo. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wrw7XxwkEYE>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

SILVA, Eliezer de Lira e. No mundo tereis aflições. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 3-9, jul., 2012a.

_____. A perda dos bens terrenos. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 64-70, set., 2012b.

_____. A verdadeira motivação do crente. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 3, p. 84-89, set., 2012c.

_____. A alegria no sofrimento. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 36-40, nov., 2001a.

_____. A certeza da vinda de Cristo. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 55-59, dez., 2001b.

_____. Aguardando a vinda do Senhor. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 60-64, dez., 2001c.

_____. Vivendo como salvos. **Lições Bíblicas**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 75-81, mar., 2006.

SOUZA, Junior. Pregação sem título. Gideões Missionários da Última Hora. Camboriú, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=J9xiI0s8VqI>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia – a Doutrina das Últimas Coisas, p. 485-559. In: GILBERTO, Antonio; ZIBORDI, Ciro Sanches (orgs.). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A**TEMAS DOS CONGRESSOS REALIZADOS PELOS
GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA
1983-2013****1º Encontro Nacional de Missões**

Tema: É já a última hora

Data: 3 a 6 de fevereiro de 1983

2º Encontro Nacional de Missões

Tema: A hora final da Igreja

Data: 26 a 29 de abril de 1984

3º Encontro Nacional de Missões

Tema: Não haja silêncio em vós

Data: 25 a 28 de abril de 1985

4º Encontro Nacional de Missões

Tema: A expansão mundial do evangelho

Data: 17 a 20 de abril de 1986

5º Encontro Nacional de Missões

Tema: Como ouvirão

Data: 16 a 19 de abril de 1987

6º Encontro Nacional de Missões

Tema: O clamor de milhões não te preocupa?

Data: 14 a 17 de abril de 1988

7º Encontro Nacional de Missões

Tema: Clamor da hora final

Data: 27 a 30 de abril de 1989

8º Encontro Nacional de Missões

Tema: A que horas estamos da noite?

Data: 26 a 29 de abril de 1990

9º Encontro Nacional de Missões

Tema: Missões e o desafio final

Data: 18 a 21 de abril de 1991

10º Encontro Nacional de Missões

Tema: Unindo o Brasil para evangelizar o mundo

Data: 23 a 26 de abril de 1992

11º Encontro Nacional de Missões

Tema: O Espírito Santo e missões

Data: 22 a 25 de abril de 1993

12º Encontro Nacional de Missões

Tema: Missões no mundo em chamas

Data: 21 a 24 de abril de 1994

13º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: Lançando a rede em águas turbulentas

Data: 20 a 23 de abril de 1995

14º Encontro Nacional de Missões

Tema: Fazendo missões em um mundo em agonia

Data: 25 a 28 de abril de 1996

15º Encontro Nacional de Missões

Tema: Missão já... antes que o século XX vá

Data: 17 a 20 de abril de 1997

16º Encontro Nacional de Missões

Tema: Guerreiros missionários da última hora em ação

Data: 16 a 20 de abril de 1998

17º Encontro Nacional de Missões

Tema: Final do século... o mundo está em desespero. Que faremos nós?

Data: 21 a 25 de abril de 1999

18º Encontro Nacional de Missões

Tema: Na virada do milênio Deus lembrou-se das ilhas

Data: 24 de abril a 1º de maio de 2000

19º Encontro Nacional de Missões

Tema: Nasce um novo milênio, surge uma nova esperança para aqueles que não foram alcançados

Data: 26 a 30 de abril de 2001

20º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: o que está acontecendo no mundo, atualmente, não vos preocupa?

Data: 25 a 30 de abril de 2002

21º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: já se ouve o soar da última trombeta

Data: 24 a 28 de abril de 2003

22º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: salvação como prioridade

Data: 22 a 26 de abril de 2004

23º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: ainda há muitas terras para conquistarmos! Quem irá? Quem irá?

Data: 21 a 25 de abril de 2005

24º Encontro Nacional de Missões

Tema: Gideões: a que horas estamos do fim?

Data: 23 de abril a 1º de maio de 2006

25º Encontro Internacional de Missões

Tema: Gideões: 25 anos colhendo os rabiscos da terra

Data: 22 de abril a 1º de maio de 2007

26º Encontro Internacional de Missões

Tema: Gideões: amar sim, abandonar jamais

Data: 19 a 27 de abril de 2008

27º Encontro Internacional de Missões

Tema: Missões até o arrebatamento

Data: 25 de abril a 4 de maio de 2009

28º Congresso Internacional de Missões

Tema: Gideões: Ainda há povos, tribos e nações para conquistarmos

Data: 24 de abril a 4 de maio de 2010

29º Congresso Internacional de Missões

Tema: Ei, Gideões, cuidado! Ao tardar do noivo, não durmam, trabalhem, avancem!

Data: 23 de abril a 3 de maio de 2011

30º Congresso Internacional de Missões

Tema: Unidos há três décadas na evangelização do mundo

Data: 21 de abril a 1º de maio de 2012

31º Congresso Internacional de Missões

Tema: Gideões: a colheita ainda não acabou, avante!

Data: 20 de abril a 1º de maio de 2013

Fonte: www.gideoes.com.br

APÊNDICE B**PREGADORES DO CONGRESSO DOS GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA DE 2012 CLASSIFICADOS POR CONVENÇÃO A QUE ESTÃO FILIADOS****Assembleia de Deus (CGADB)**

1. Abílio Santana
2. Adeildo Costa
3. Alexandre Brito
4. Alisson Bernardino
5. Anderson Silva
6. Ângelo Galvão
7. Benhour Lopes
8. Carlos de Jesus
9. Carvalho Junior
10. Daniel Poderoso
11. Divoncir de Jesus
12. Eduardo Silva
13. Elias Torralbo
14. Fernando Peters
15. Felipe Cechinel
16. Helena Raquel
17. Gilvan Rodrigues
18. Jaime Rosa
19. Jefferson Ortega
20. João Aguiar
21. Júlio Ribeiro
22. Lorinaldo Miranda
23. Luis Salustiano
24. Marco Feliciano
25. Matias Soares
26. Napoleão Falcão
27. Nilton Jorge
28. Oséias Gomes
29. Oswaldo Junior
30. Otoni de Paula Junior
31. Paulo Marcelo
32. Portela
33. Renato César de Souza
34. Ricardo Ítalo
35. Robinho de Jesus
36. Robson Alencar de Souza
37. Silvio Cardoso
38. Vagner Costa
39. Vagner Lisboa
40. Wanderley Carceliano
41. Wellington Junior

Assembleia de Deus (CONAMAD)

1. Abner Ferreira
2. Junior Souza
3. Samuel Gonçalves

Assembleia de Deus (outros)

1. Geziel Gomes
2. Yossef Akiva

Outras denominações

1. Ouriel de Jesus (foi desligado das Assembleias de Deus em 2011)

Fonte: GMUH (2012)

APÊNDICE C

PREGAÇÃO PROFERIDA PELO PASTOR EDUARDO SILVA NO CONGRESSO DOS GIDEÕES MISSIONÁRIOS DA ÚLTIMA HORA DE 2012

Meus irmãos, eu quero saudá-los com a paz do Senhor! Quantos vieram em busca do milagre de Deus diga “glória a Deus”. Quem está se sentindo pronto para receber diga “aleluia”. Olha para a pessoa que está ao seu lado e diga: - Eu creio que esta é uma tarde de vitória pra sua história. Diga isso pra ele. Diga para pelo menos duas ou três pessoas. Se ele acreditou, ele deu glória a Deus. Se ele ficou quieto, é porque ele não acreditou. Se ele acreditou ele glorificou. Deixa eu ver quem está crendo aqui que esta é uma tarde de milagres. Levante as suas mãos e glorifique ao Senhor.

Eu estou feliz porque o trigésimo congresso dos Gideões tem sido algo extraordinário. Muitas vias, principalmente da Internet, estavam anunciando que o congresso dos Gideões já não era mais o mesmo. Mas mais um ano, Satanás tomou na cara. Porque nós provamos que estamos de pé para adorar a Deus, para glorificar a Deus, para servir a Deus com alegria. E é por isso que esta pessoa bonita que está ao seu lado está com este sorriso, porque ele já foi abençoado, depois Deus já abençoou outra vez e hoje Deus ainda tem mais para nos entregar aqui esta tarde.

Eu quero agradecer ao meu “pai”, pastor Cesino, pela oportunidade. É o meu quarto ano que estou pregando aqui. Deus continue lhe abençoando, lhe conservando. A sensibilidade espiritual que o Senhor Deus lhe deu, pastor, ela é responsável pelo ministério de muitas pessoas, inclusive o meu. Então eu só tenho que lhe agradecer por tudo o que o senhor tem feito, pelas mãos estendidas, por acreditar neste jovem pregador. Deus lhe abençoe. Missionária Elba tem sido uma mãe, uma companheira, uma conselheira... Deus continue lhe abençoando muitíssimo. A todos, a toda família “Gideão”, pastor Reuel, pastor Marco Aurélio, Deus abençoe a todos.

Eu estou aqui rodeado de amigos e na medida em que eu for pregando eu vou citando cada um deles. Mas eu quero destacar também as pessoas que estão pregando, pregadores, pastores, neste congresso. Pastor Ângelo Galvão, pastor Osvaldo Junior, pastor Lorinaldo Miranda, pastor Elias Torralbo, pastor Alexandre Brito, meus amigos, Deus abençoe a todos em nome de Jesus. A minha família que está ligada, pastor Alisson Bernardino que ministrou também, Deus abençoe. A minha família que está ligada lá, orando e intercedendo, Deus abençoe a todos. O pastor Charles, meu amigo, Bauer, Deus abençoe Rafael, ao Marinho que veio me ajudar nesta manhã, Deus abençoe também. Ao Denis que trabalha comigo, enfim, a todos que vieram aqui adorar a Deus. Amém.

Quem trouxe a Bíblia Sagrada, dá pra levantar ela, irmão? Deixa eu ver quem trouxe a bíblia. Abra a sua bíblia comigo no evangelho de Jesus Cristo segundo escreveu São Marcos, capítulo de número nove, versículo de número trinta e oito a seguir. Nada pode impedir de você continuar adorando ao Senhor. Eu tenho uma palavra profética pra sua vida aqui esta manhã. Deus vai fazer você entender que todo o processo que você está vivendo, faz parte do plano de Deus. E você vai entender que você nunca esteve sozinho. Deus sempre esteve com você. Marcos, capítulo nove, versículo trinta e oito a seguir. Quem encontrou, diga “amém”. Está escrito assim: “E João lhe respondeu dizendo: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demônios o qual não nos segue. E nós lhe proibimos porque não nos segue. Jesus porém disse: Não o proibais, porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim. Porque quem não é contra nós, é por nós. Porquanto, qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois discípulos de Cristo, em verdade vos digo, que não perderá o seu galardão.” Ô glória! Olhe para a pessoa que está ao seu lado e com

muita convicção e certeza diga a ela: Deus vai falar com você mais uma vez. Diga isto a ela. Agora diga a outra pessoa: E quando Deus falar, vê se abre a boca e glorifica o nome dele, porque ele é digno de toda honra, glória, louvor, riqueza, majestade, adoração. E se você concorda, pra ficar mais bonito, levante a mão para o céu, Gideão, e dê um brado de glória aí. Amém. Tome o seu assento adorando a Deus. Glória a Deus. Louvado seja o nome do Senhor.

Meus irmãos, eu não tenho dúvidas que a trombeta do Espírito de Deus ela foi tocada mais uma vez. E o Senhor trouxe para esta reunião apenas crentes que ainda insistem em acreditar em milagres. Eu não tenho dúvidas que o somido da trombeta do Senhor alcançou cidades, municípios, Estados e nações. E os apaixonados pela obra missionária, ao ouvirem o toque do ajuntamento do Senhor, entenderam que já era a hora de nos reunirmos mais uma vez, no quartel general das missões, aqui em Camboriú, para dizermos a Deus e ao pastor Cesino: Conta conosco mais uma vez. É por isso que eu estou certo que estou pregando para convidados especiais do Deus das missões. Homens e mulheres que foram trazidos pelo próprio Espírito de Deus. Foram escolhidos a dedo pelo próprio Deus, para compor este trigésimo aniversário do congresso dos Gideões. Vieram para receber algo mais de Deus. Vieram para serem impactados pela glória de Deus. Vieram porque acreditam que dentro do peito há uma chama missionária acesa, e que nada e ninguém poderá apagar. Vieram porque entenderam que o ano de 2012 será o ano da vitória, será o ano em que o Senhor revelará o seu mistério, o seu poder, de uma forma extraordinária. Se o diabo está pensando que o ano de 2012 na sua vida será como o ano de 2011, ele está enganado. Porque eu profetizo nesta tarde que o melhor de Deus na sua vida vai chegar este ano. Eu profetizo que quem esperou ver a sua derrota, a sua miséria, a sua humilhação, quem esperou ver o teu ministério envergonhado, a sua família desprezada, vai ter a maior decepção da sua vida. Porque em vez de ver vergonha e humilhação, terá que ver a fumaça do churrasco da sua casa subindo e ver você de mão dada com a sua família olhando para o céu e dizendo: Só o Senhor é Deus, só o Senhor é Deus! Se você acredita, dê mais um brado de glória a Deus aí.

Olhe pra cá e escute o que Deus me entregou pra esta manhã, ou para o início desta tarde. Todos nós sabemos que os dias em que estamos vivendo são dias de cumprimento de promessas que o próprio Deus fez a muitos homens e mulheres que construíram com Deus a extraordinária história da igreja no passado. Respostas de orações, de súplicas, que foram lançadas diante de Deus em um tempo em que a igreja ainda era incompreendida, perseguida, em um tempo em que a igreja não desfrutava do reconhecimento de todas as camadas da sociedade, em um tempo em que muitas das vezes os pastores não andavam de avião, os pregadores não estavam em luxuosos hotéis, mas serviam a Deus com muita alegria e dedicação. Este tempo, mesmo sendo um tempo de dificuldade, estes heróis que construíram a história da igreja no passado, encontraram forças para clamarem a Deus, não pedindo prata ou ouro, mas pedindo que Deus levantasse mais obreiros para sua seara, levantasse mais pregadores, missionários, ceifeiros para a grande obra do Senhor. Clamaram a Deus, oraram a Deus até sentirem dores de parto, para gerarem uma nova geração. Sem medo de perder o púlpito, sem medo de perder a cadeira, sem medo de ter que dividir o espaço. O único medo que assolava o coração desses heróis era o medo de chegar atrasado, depois que o destino eterno das almas, já estava destinado. Somos frutos desta geração passada, somos frutos de homens simples que alcançaram a experiência com Deus muitas das vezes em cima de um cavalo, de um jumento, rompendo estradas, enfrentando frio, calor, passando fome, discriminação. Mas, são estes homens que clamaram a Deus, rogaram a Deus, para que Deus levantasse uma nova geração. É por isso que a nossa geração jamais poderá pensar em cometer o pecado que Israel cometeu contra o Senhor, o pecado da ingratidão. De pensarmos que somos o que somos porque somos melhores do que a geração passada. De pensarmos que alcançamos tudo que alcançamos porque somos mais preparados que a geração passada. De pensarmos que tudo o que Deus está fazendo no nosso meio é porque somos melhores.

Porque, na verdade, somos frutos de lágrimas, somos frutos de orações, de homens simples, sem muito anel no dedo, sem muito sapato colorido no pé, sem muito terno colorido, mas que conheciam a Deus face a face, que clamaram a Deus para que eu e você, hoje, estivéssemos reunidos aqui esta manhã. Este lugar, Gideão, em que você está sentado, ele custou caro, foi pago um alto preço. Tem pessoas que não entendem. É por isso que não dão valor a um momento como este de poder adorar a Deus, de receber a glória de Deus, de levantar a mão para o céu e agradecer a Deus pelos heróis que tombaram. São estes heróis que fizeram a diferença. Somos fruto desta geração, de uma geração simples. Então entenda, pelo óbvio, pelo natural, deveríamos ser uma geração agradecida a Deus por tantos ministérios que o Senhor tem levantado. Hoje em dia, em alguns lugares, quase está sendo necessário pegar uma senha para poder profetizar. Em alguns lugares, hoje, não dá pra dar oportunidade para tantos cantores adorarem a Deus. Hoje, em alguns lugares, pra você poder ministrar ou estar pregando a palavra de Deus, você tem que tomar muito cuidado. Por que, pastor? Porque enquanto eu estou pregando existem pelo menos dez mil pregadores me ouvindo e dizendo: Eu não falaria isso, eu não iria por aqui, eu tomaria outro rumo. É a bênção recalcada, sacudida e transbordante do Senhor sobre a nossa geração. É a riqueza. Nunca existiu uma geração que tivesse tanta riqueza espiritual como a nossa geração. Nunca existiu uma geração que tivesse tantos profetas para servi-la como a nossa. Tantos pregadores, tantos pastores...

Eu me lembro quando eu assistia os DVDs dos Gideões, o pastor Cesino aqui, com este microfone na mão orando, derramando lágrimas e dizendo: Deus, levanta mais pregadores, levanta mais profetas. E hoje, são quase cinquenta pregadores no congresso dos Gideões. É a bênção do Senhor recalcada, sacudida e transbordante. Então, pelo óbvio, pelo natural, deveríamos ser uma geração agradecida a Deus por tantos ministérios, por tantos profetas, por tantos pregadores que Deus tem levantado. Deveríamos levantar um exército que Satanás, só de ouvir os seus passos, deveria bater em retirada, deixando os seus despojos e saber que maior é o que está conosco do que o que está com ele. Deveríamos formar um exército em que todos gritassem o mesmo grito de guerra, levantassem a mesma bandeira. Um exército em que seu histórico não houvessem desertores, não houvessem lutas internas. Um exército unido para a batalha. Um exército munido de armas e reunido para enfrentar o grande combate.

Mas escute, infelizmente não é isso que estamos vivendo. Não é esta a realidade da nossa geração. Escute, Satanás não é um tolo. Satanás não é um besta ao quadrado como muitos pensam. Satanás não é isso de você colocá-lo na palma da mão e jogar no chão e pisar em cima. Não se iluda com isto porque isto não é verdade. Satanás não é um tolo, não é um despreparado. Satanás sabe que este exército unido, ele jamais poderá ser vencido. E o que ele fez, pastor? Ele desistiu? É claro que não. Ele mudou a tática. Ele sabe que não adianta mais ele vir com as suas bandeiras balançando, com tilintar de espadas, porque será um combate suicida, porque aqui dentro tem profeta, aqui dentro tem gente que conhece Deus de verdade. Deixa eu ver se tem uma aqui. Deixa eu ver se tem aqui no púlpito. Aqui dentro tem pessoas que conhecem Deus de verdade. Então, pastor, o que ele fez? Ele sabe que quando não se pode vencer um exército de fora para dentro você tem que vencê-lo de dentro para fora. Ele sabe que tem que fazer com que o exército lute contra si mesmo. E o que ele está fazendo, pastor? É exatamente isto que Satanás está fazendo nos nossos dias. Como assim, pastor? Satanás conseguiu atingir a mente de alguns com a mesma síndrome que atingiu os doze, o mesmo pensamento, a mesma ideologia. Diz a bíblia que os doze se enfiaram num mundinho. Pensaram que poderiam bloquear uma chamada, restringir, limitar o alcance de uma chamada. Pensaram que o Deus que chama, que o Deus que levanta, que o Deus que exalta, que o Deus que envia, estaria preso àquele mundinho pequeno. Pensaram que poderiam limitar o alcance de uma chamada.

Satanás, nestes últimos dias, ele está rindo de muitos pregadores, de muitos pastores que se enfiaram em um mundinho de doze e estão pensando que Deus só pode usar a eles, só pode usar as suas mãos. Existem pessoas que pensam que o manto da escolha de Deus, ele não cai mais. Mas eu vim aqui nesta tarde para lhe dizer que o Deus do céu te trouxe aqui neste lugar pra te mostrar que quem te chamou não foi teu pastor, quem te escolheu foi Deus, foi Deus, foi Deus. Quem acredita levante a mão e glorifica o nome do Senhor.

Pessoas enganadas, entendam, que está pra nascer alguém que pode bloquear uma chamada. Está para nascer alguém que pode impedir uma chamada de acontecer. Pegue na mão do seu irmão da esquerda, pegue na mão do irmão da direita, olhe bem nos olhos dele e diga: Deus te trouxe aqui, não, assim ele não vai acreditar. Diga: Deus te trouxe aqui pra fazer você entender que nada e ninguém vai impedir o reino neste trigésimo congresso dos Gideões de levantar mais um, de exaltar mais um, de ungir mais um, de enviar mais um. Levante a mão para adorar!

Adore a ele, adore a ele. [línguas estranhas] Está esquentando, está esquentando. Aqui tem um separado. Ali tem um escolhido. Aqui também tem. Deixa eu ver. Toma, Satanás! Quem escolheu foi Deus, quem separou foi Deus, quem ungiu foi Deus, quem enviou foi Deus. Adore a ele! Adore a ele! Adore a ele! [línguas estranhas] Sinta o manto da escolha de Deus te envolver. Sinta o manto da escolha de Deus te envolver. Levante a mão direita e segure ela. Segure ela. Levante a mão direita e segure ela. [línguas estranhas] Ó Deus, [línguas estranhas], Deus! Deus dos Gideões, eu estou pregando a tua palavra. E eu vim pra profetizar que uma nova geração está sendo levantada. Chegou a hora deste pequenino, Senhor. E se eu tenho alguém aqui que fará parte desta geração, meu amigo Espírito de Deus, vai até onde esse crente está sentado e abraça ele agora com a tua unção, com a tua glória. Agora! Agora! Agora! Agora! Onde estiver um escolhido, recebe agora!

Seja renovado, soldado. Deus te chamou, Deus te escolheu. Você está dentro do projeto. Recebe! Recebe! Começa a arrebatar, arrebata, renova! [línguas estranhas] Cadê os pentecostais? Aonde estão os crentes que fizeram o congresso acontecer? Abre a boca e glorifica. Abre a boca e adora. Abre a boca e exalta. Eu vou esperar você adorar, Gideão. [línguas estranhas]

O Espírito de Deus está falando comigo agora. [línguas estranhas] O Espírito de Deus está falando comigo agora e ele está dizendo que dezenas de pessoas que aqui estão receberão o manto da separação de Deus. E vão receber tanto poder que não vão aguentar ficar de pé. E esta será a marca do teu ministério nesta tarde. [línguas estranhas] Deixa eu ver quem está crendo, deixa eu ver quem está crendo. Meu Deus, isso aqui é Camboriú, aqui Deus levanta, aqui Deus exalta. Ei, rapaz, não fica me olhando que essa cara não, irmão. Fica de pé, dá um pulo, dança, sapateia, Deus está te separando. Adore! Adore! Adore a ele! Adore a ele! Adore a ele! Seja impactado pela glória de Deus. Seja renovado, Gideão. Acende a tua tocha outra vez. Recebe aí agora! [línguas estranhas]

Estamos no capítulo nove. Não dá pra pregar, é muita glória de Deus. Jesus me disse que esta manhã seria um pouco diferente. Estamos no capítulo nove. Jesus está conduzindo três dos seus doze, para o cume de um monte. O monte se chamava Tabor. E ali eles viveriam uma das maiores experiências das suas vidas. Ali, João, Pedro e Tiago, teriam uma antecipação da glorificação de Cristo, teriam o privilégio de ver o Cristo transfigurado em um corpo de glória. Diz a bíblia que suas vestes se tornariam resplandecentes como a neve, seu rosto brilharia como o sol. E mais do que isso, receberia a visita de duas pessoas ilustres. Ninguém mais e ninguém menos do que Moisés e Elias. Pedro, Tiago e João estão diante da revelação. Eles nunca tiveram aquela experiência. Agora, transporte a sua mente do alto do monte para o pé daquele monte e você verá nove homens, nove homens separados, nove homens escolhidos, nove homens que o próprio Cristo chamou. Eles estão aguardando Jesus descer do monte, pastor Cesino. E de repente, diz a bíblia, que um pai vem arrastando um

filho e ele está olhando nas direções, e ele está procurando Jesus. Mas Jesus não estava ali. E quando ele encontra os nove, ele vem arrastando o filho e diz: Vocês são seguidores do Nazareno me ajudem. Quando os nove olham para a criança, um rosto sofrido, pastor Lorinaldo, pastor Jefferson, uma criança com marcas de queimaduras no corpo, uma criança com semblante de sofrimento. Um olha para o outro como que perguntando, pastor Moisés, “quem vai expulsar?”, “quem vai decretar?”. Pastor Jefferson, quem vai estender a mão, fazer aquela voz rouca e dizer: Sai demônio! Um olha para o outro e diz: Vamos os nove. E lá vão os nove. Vão em cima da criança, dão ordem para o demônio sair, mas o demônio não sai. A criança não é liberta, não acontece nada. A multidão começa a murmurar em volta. E diz a bíblia que os escribas mais do que depressa aproveitam o ensejo para contestar a autoridade ministerial dos nove. Um vexame ministerial. Uma vergonha espiritual.

Agora transporte a sua mente de novo para o cume do monte. Diz a bíblia que depois, para coroar esta experiência transcendental, uma nuvem desce do céu e do meio da nuvem sai uma voz. E a voz dizia: Este é o meu filho amado, a ele ouvi. De repente, o rosto não está mais brilhando, as vestes não estão mais resplandecentes, Jesus volta ao normal. Pedro, Tiago e João estão de boca aberta diante da revelação. Diante da revelação, Jesus chega perto deles e diz: Calma, porque esta é a glória que eu quero repartir com vocês. Ele vai pegando os três e diz: Vamos descer. E ele vai descendo o monte. E quando ele vai descendo o monte, ele nota que lá embaixo estava um murmúrio, um alvoroço, que alguma coisa estava acontecendo lá embaixo. E diz a bíblia que ele apressa. E quando ele chega ao pé daquele monte a multidão o reconhece e vem em direção dele. Só que ele não para naquele dia pra atender a um cego. Ele não para pra atender a um paralítico. Ele não para pra atender um leproso. Ele sai do meio da multidão dizendo: Dá licença, dá licença, dá licença... E diz a bíblia que ele vai direto aos escribas e pergunta: O que é que vocês estão discutindo com os meus chamados? Sabe por quê? Porque Jesus sempre vai defender quem ele chama. Não, não, você não entendeu. Vou repetir: Jesus sempre vai defender aqueles que ele separa! Sempre!

Nisso o pai do menino pula na frente e diz: Ufa! Graças a Deus o senhor chegou. O que foi? Trouxe-te o meu filho possesso pra ser liberto, mas os seus nove não deram conta. Jesus dá aquela olhadinha pra eles e diz: A gente conversa mais tarde. Ó geração incrédula, até quando estarei convosco. Trazei-me o garoto. O pai vai lá no canto, pega a criança e vem trazendo. E diz a bíblia que quando os olhares se cruzam o demônio toma conta do corpo do menino. E toma conta do corpo do menino ele cai no chão. Repita: cai no chão. Não, tá fraco, Gideão. Cai no chão. O termo usado no original, no grego, é um termo técnico, usado em lutas esportivas. É a mesma coisa que um nocaute. O diabo estava tentando dar o último nocaute na vida do menino antes que ele se aproximasse daquele que liberta, daquele que salva, daquele que cura, daquele que pode, daquele que tem. Era a última tentativa. E o diabo lança no chão. Se o diabo veio para derrubar, o nosso Cristo veio para levantar.

A criança está rolando, espumando. Jesus disse: Desde quando está acontecendo isso? Desde a infância. Mas não é só isso. Cai na água e no fogo também. E nada acontece. Jesus se aproxima, o pai olha pra ele em lágrimas e diz: Se tu podes, ajuda-me. Jesus diz: Não, não é assim. Eu posso todas as coisas, eu tenho todo o poder. Só que o meu poder só é acionado, o meu poder só entra em operação, em atividade, se houver um instrumento chamado fé. Ele olha para o pai e joga a responsabilidade pra ele e diz: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê, ao que crê, ao que crê!

Aperte a mão do irmão do teu lado. Chacoalha ele agora, acorda ele. Eu sei que ele está com fome, não almoçou ainda, mas chacoalha, chacoalha. Olha pra ele e diz: Esta tarde, tudo é possível ao que crê, ao que crê, ao que crê!

O pai olha pra ele e diz: Ajuda a minha incredulidade. Jesus diz: Agora eu entro em cena. Jesus olha para o menino e diz: Sai, espírito imundo, sai. E o menino fica no chão como que morto. Lembra quando Jesus te libertou? Lembra que os teus amigos iam na porta e

diziam: Vamos beber? Você dizia: Não, estou morto para a bebida. Vamos sair com as menininhas? Eu morri para a prostituição. Lembra quando Jesus te salvou? Chegou o teu amigo e disse assim: Vamos fumar um baseado? Eu morri para as drogas. O menino está parado, como que morto. Pastor Ângelo Galvão, estava no chão estendido. A multidão que passa do lado não entende a obra de Jesus e diz: Morreu, morreu, morreu. Não quer mais, não tem mais mundo nele, está morto. Só que Jesus nunca liberta alguém para deixar caído. Jesus se aproxima da criança, passa a mão no rosto dela. E quando ele passa a mão no rosto a criança abre os olhos, olha pra Jesus e diz: O que foi? Jesus diz: Nada não. Levanta pra uma vida nova. Toma a criança pela mão e o levanta. Eu vou profetizar. Levante a mão direita. Jesus levanta a criança, segura a mão direita, eu estou sentindo a autoridade de Deus aqui. [línguas estranhas] Quando a criança está de pé, liberta, de pé, Jesus pega o menino e leva para o pai: Toma o teu filho, de pé e liberto. Levante a mão que eu vou profetizar: Tudo aquilo que o diabo nocauteou da tua vida, o meu Deus vai libertar e vai levantar e vai colocar de novo nas tuas mãos, nas tuas mãos. Quem acredita dá um pulo e pega, pega, pega, pega! Adore a ele! Adore a ele! Adore a ele! Receba de novo em pé, ministério em pé, casamento em pé, ministério em pé, em pé, em pé!

Quando você voltar para a sua cidade [línguas estranhas], ô meu Deus, quando você voltar para a sua cidade e descer do ônibus, aquele que te humilhou, que te zombou, vai ter que ver o teu ministério de pé, de pé, de pé, de pé! De pé! [línguas estranhas] Pega na mão que está na esquerda, pega na mão do irmão que está na direita e diga pra ele: Parece que você não entendeu, é de pé como nunca, é de pé como nunca, é de pé, é de pé, é de pé!

Jesus vai seguir... Tudo o que Deus vai usar tem que está de pé. É por isso que ele olhou Ezequiel e disse: Filho do homem, põe-te em pé porque o mistério vai começar, o mistério vai começar. É de pé, é de pé, é de pé, é de pé! Jesus! Jesus vai seguindo o caminho pela Galileia, fica comigo aqui, [línguas estranhas] Eu estou querendo pregar, mas ele está dizendo: Espera, espera que eu estou levantando, espera que eu estou levantando. E eu perguntei: É hoje? Mas hoje é segunda, já teve tanto dia de festa. E Deus está dizendo: Cada um tem o seu dia. Chegou o teu, chegou o teu, pega, pega, pega, pega, pega, pega!

Quando Jesus... Pastor você não está entendendo. Na minha cidade já abriram a sepultura, está só esperando o meu caixão. Pega o seu celular e manda uma mensagem pra eles dizendo: Eu estou vivo e de pé, vivo e de pé, vivo e de pé, vivo e de pé, vivo e de pé. Jesus vai seguindo o seu caminho para a Galileia e no meio do caminho Jesus percebe que houve uma discussão entre os doze e ele fica de longe, porque Marcos diz que naquele dia ele não quis andar lado a lado com os discípulos. Foi mais à frente. Mas ele percebe uma discussão, mas no momento ele não pergunta nada. Diz a bíblia que quando eles chegam em Cafarnaum, Jesus olha para eles e pergunta: O que é que vocês estavam discutindo no caminho? Um a um vai abaixando a cabeça, sem coragem de falar, quem sabe chutando alguma coisa, até que um toma coragem e diz: Estávamos discutindo para ver quem era o maior entre nós. Era para estar gastando tempo para descobrir porque não expulsaram o demônio. Era para estar gastando tempo para tentar descobrir porque passaram vergonha ministerial. Mas estavam discutindo para ver quem gritava mais, quem pulava mais, quem pregava mais, quem vendia mais. Eu vou ter que falar hoje tudinho, Osvaldo. Eu vim pra falar. Eu já sou pequenininho mesmo, pra correr é mais fácil. Em vez de procurarem o motivo da vergonha e do vexame, um olhava para o outro e dizia: Eu prego mais do que você. Meu site tem mais visita que o teu. Jesus olha para eles e diz: Vocês querem descobrir quem é o maior? Eu vou dizer a vocês, o maior vai ser sempre o último de todos. Não, eu vou ter que repetir porque alguém não conseguiu engolir isso. E como profeta eu vou repetir: Quer ser o primeiro? Vai lá pra trás e serve todo mundo!

Jesus está no meio da casa, ele pega uma criança e senta-a no colo, olha para a criança e diz para os discípulos: Qualquer que recebe uma dessas crianças em meu nome, a mim me

recebe. E qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas àquele que me enviou. Imagine a casa, imagine um clima de decepção, de reprovação. A moral dos discípulos estava lá em baixo. Ninguém tinha coragem de falar nada, até que o João teve uma ideia. E ele diz: Eu vou tentar levantar a moral dos doze. Vou contar a Jesus algo que fizemos e com toda certeza vai agradá-lo. Então, João olha pra Jesus e diz: Mestre, nós, os doze, a síndrome, o mundinho, vimos um, doze, um, é mais um aí que apareceu, não sei de onde, expulsando, pregando, operando milagre, não era uma nova equipe, era apenas um homem, era apenas um pregador, era apenas um missionário. Desprezaram tanto o homem, que nem o nome do homem se preocuparam em dizer a Jesus. Agora, eles vão colocar Jesus na história. Olham para Jesus e dizem: Senhor, tem mais, o Senhor está no meio. Por que? Porque ele expulsa demônio, ele opera milagre em teu nome. Agora eles vão apresentar a Jesus o ponto negativo no ministério deste homem. E não era falta de poder, não era falta de autoridade, porque poder ele tinha, autoridade ele tinha, convicção da chamada ele tinha. Mas os doze vêm para dizer a Jesus que o problema, o negativo daquele ministério, era que não nos segue, não nos segue, não é um dos nossos, não é da turma, não é do círculo. E isto é tão importante que repetiram a Jesus: Não nos segue. Deus me trouxe aqui esta tarde pra dizer a você que, aceitem ou não, te incluam ou não, você está dentro do projeto de Deus. E nós o proibimos, Senhor. Mandamos ele parar com essa história. Então vamos lá. Repita comigo: O homem, não, tá fraco, Gideão. O homem expulsava, operava milagres, libertava vidas, era um missionário. Quando a bíblia diz que ele vai expulsar demônios, está no plural, demônios. Agora preste atenção. Há pouco tempo atrás, os doze, só tinham nove, e os três que desceram com Jesus? Não deram conta de expulsar o demônio do garoto. E agora encontraram um homem que sozinho fazia o que doze não faziam. Não, não, você não entendeu, você não entendeu. Pega na mão do irmão da esquerda e da direita, pega, pega, pega. Libera uma palavra profética. Diga: Tem muita gente brigando, tem muita gente tentando te parar, tentando calar tua boca, não te deixar profetizar, mas não rende o que você rende, não produz o que você produz. Então não para, não para, não para, não para, não para! [línguas estranhas]

O homem para eles era um ninguém, era mais um, não tinha nome, humilharam o homem. Mas esse ninguém, esse sem nome, fazia o que os doze juntos não faziam. Ô meu irmão, ô meu irmão, tem muita gente aí que não tem cartão de pregador, mas expulsa demônio. Tem muita gente que não tem sapato colorido no pé, mas ele cura enfermo. Tem muita gente que não tem um DVD pra vender, mas ele conhece Deus, ele tem poder, ele tem autoridade! [línguas estranhas]

Você pode, você pode, você pode... eu estou dizendo, Gideão, você pode! Volta para a tua cidade, expulsa, opera, opera, opera, opera, opera...! O segredo... Pastor, será que você tem autoridade para contar isso? Eu vou te contar como eu cheguei aqui já já, tá bom? O segredo. Segura eu, Jesus, segura. Pastor Charles, o segredo do sucesso de uma chamada, não é você fazer parte de um grupo tal, andar com fulano, andar com cicrano, sair na foto com beltrano, o segredo do sucesso de uma chamada não está na horizontal, está na vertical. O Deus que chama, guarda. O Deus que chama, cuida. O Deus que chama, abre. O Deus que chama, é ele que vai te usar. O segredo... É muita emoção. O segredo do sucesso de uma chamada não é a tua foto estar em um cartaz. Eu gosto da expressão do pastor Elcio e eu vou usar aqui, tá. Dá licença que eu já falo logo de quem é pra não falarem que eu imito. "Ministério é mais do que uma maleta. Ministério é mais do que um DVD. Ministério é mais do que um terno colorido. Ministério está aqui dentro." O segredo do sucesso de uma chamada é você conhecer o poder do nome de Jesus. Se você conhecer o poder do nome de Jesus, suas mensagens serão diferentes. Se você conhecer o poder do nome de Jesus, seu ministério será diferente. Se você conhecer o poder do nome de Jesus, a sua pescaria será diferente. Levante a mão quem pode adorar a ele! Adore a ele! Adore a ele!

O nome, o nome que cura, o nome que liberta, [línguas estranhas] o nome que salva, o nome que abre, o nome que fecha, o nome que levanta, o nome que está acima, o nome que os demônios temem e tremem, o nome que o inferno recua, o nome adorado no céu pelos anjos, adorado na terra pela igreja, o poderoso nome de Jesus, de Jesus, de Jesus. Vá pelo nome, pregue o nome. Olhe para a pessoa que está ao seu lado e pergunte: Conhece o poder do nome? Pergunte isso a ela: Conhece o poder do nome? O poder do nome? Conhece o poder deste nome? [línguas estranhas] Levante a mão e adore, levante a mão e adore. Eu quero ouvir este ginásio adorando a Deus. Por trinta segundos, adore, exalte o nome, glorifique o nome, o nome de Jesus. Cada vez que você adorar o nome, o milagre vai descer. Recebe, recebe, recebe, recebe, receba! [línguas estranhas] Recebe o manto da chamada de Deus aí. Recebe agora, recebe agora, recebe a separação de Deus agora, recebe a autoridade, o poder deste nome. Não pare de adorar, não pare de exaltar, o seu ministério está sendo mudado. Quando você pregar na sua cidade, coloque o nome na pregação porque milagre vai acontecer, milagre vai acontecer. O nome, o nome...

O ponto negativo do ministério do homem aos olhos dos discípulos era que não os seguia. Pastor, o que é seguir alguém? Seguir alguém é comungar pensamentos, ideias, objetivos, é apoiar, é tomar como modelo. Os discípulos queriam que o pregador, que o missionário, tomasse os doze como modelo, apoiasse suas ideias. Pastor Eduardo Silva, qual é o modelo dos doze? Ser envergonhado por demônio, brigar para ver quem é maior, ser humilhado por escribas e envergonhar o ministério de Jesus. Por que, pastor? Porque quando discípulo passa vergonha, o mestre também passa. Eles queriam que o homem tomasse eles como modelo, procedesse segundo suas ideias. Escute, você não precisa lutar, se esforçar, para seguir um sistema. Você não precisa lutar e se esforçar, para seguir um grupo, uma ideia, uma ideologia. Você não precisa gastar a sua vida seguindo o rastro de ninguém. E o que eu faço, pastor? Segue o rastro de Deus, segue o rastro da promessa. Deixa eu ver quem tá entendendo aqui, deixa eu ver, deixa eu ver. Segue o rastro de Deus, segue o rastro de Deus. Pastor, Deus liberou a palavra, Deus liberou o chamado e foi para a esquerda. Vai atrás de Deus, vai no rastro de Deus, vai no rastro de Deus, vai no rastro de Deus. Por que, pastor? Porque quem vai no rastro de Deus, quem vai no rastro de Deus, não precisa ficar mendigando oportunidade para ninguém. Não precisa ser “Maria vai com as outras”. Quem vai no rastro do Deus que chamou, ele vai na frente abrindo as portas, ele vai exaltando, ele vai soprando. Vai no rastro de Deus, vai no rastro de Deus, vai no rastro de Deus! Rastro da promessa. Pastor, mas se eu não me filiar... [línguas estranhas] Abre a boca e glorifica que está descendo uma onda de poder aí agora. Recebe, recebe, recebe, recebe, recebe... Andar com doze não é credencial para expulsar demônio. Fazer parte de um sistema não é credencial para expulsar demônio. Vai atrás da presença, vai atrás de Deus, de Deus, de Deus, vai atrás de Deus.

Eu prefiro andar sozinho, expulsando demônio, do que andar com doze e sendo envergonhado. Meu amigo, Junior, eu prefiro andar sozinho e ter autoridade do que andar com doze e ficar brigando pra ver quem é maior. Eu prefiro andar sozinho e ser conhecido no inferno do que andar com doze e só ter a cara na revista. Anda sozinho mas expulsa, anda sozinho mas opera, anda sozinho mas deixa Deus te usar, anda sozinho mas seja uma tocha acesa! Bata no peito assim comigo, bata, bata, bata, pentecostal que está vivo, bate, bate no peito e diga: Eu estou sozinho, mas eu estou rendendo, diga. Diga: Eu estou sozinho, mas eu estou expulsando. Diga: Eu estou sozinho, mas eu estou trabalhando. Vai, vai, vai... Pastor, eu não tenho apoio. Pastor eu não tenho dinheiro. Eu estou sozinho, mas expulsa, expulsa, opera, opera, opera! Eu estou falando com você: Opera, opera, opera, opera, expulsa, expulsa, deixa Deus te tomar. Não tem problema, se ninguém te vê, o Deus que te chamou ele está te usando, está te usando. Eu vou esperar você adorar.

Sabe o que deixou Satanás mais maluco outra vez, aqui nos Gideões? É que aqui ninguém tem a síndrome dos doze. Estávamos falando, os pregadores na mesa, paz. Pastor Junior veio me ouvir, pastor Ângelo, pastor Osvaldo, pastor Elias, Alexandre, Demétrius, pastor Jefferson. Porque aqui ninguém cria mundinho e quer prender Jesus dentro, não. O diabo está mordendo a testa lá fora porque ele queria que os profetas da nação estivessem brigando, um olhando para o outro e discutindo para ver quem é maior. Mas aqui nos Gideões, não. É um com a mão na cabeça do outro, jogando a capa em cima do outro. É um orando e dizendo: Vai, prega que eu estou atrás, prega que eu estou atrás, prega que eu estou dando glória, prega que eu estou exaltando. Quem pode adorar, quem pode adorar, quem pode adorar a este Deus! Segue o rastro da promessa.

Existe uma geração que está aí fora esperando para ser liberta. [línguas estranhas] Abre a boca, Gideão, e recebe, e recebe. Queima, queima, queima, queima! Vai missionário solitário, Deus está contigo, prega, prega, prega, liberta, liberta, liberta, opera milagre, opera milagre, opera! [línguas estranhas] Começou a arrebatar. Arrebata, arrebata, arrebata [línguas estranhas]. Ah, meu Deus do céu.

Eu vou usar as palavras do meu pai: Se você se mantiver na posição [línguas estranhas], se você ficar no centro da vontade de Deus, mesmo que sozinho, na hora certa, ele te projeta. Eu estava na minha igreja, tudo começou com o pastor Luiz Antonio, a minha história. Lembro-me de quando ele foi pregar no congresso de missões na minha cidade, pastor Elias, e eu trabalhava na sede. E na segunda-feira o meu pastor olha pra mim e diz: Será que o senhor pode levar o pastor Luiz Antonio na cidade do lado? Era o meu sonho, pastor Ângelo, ficar perto dele. Coloquei ele na Kombi e fui indo pelo caminho mais longe, para demorar mais. E ele falando comigo, pastor Cesino. Quando eu cheguei na frente do pastor da cidade, pensei que ele ia me cumprimentar e descer. Ele abaixou a cabeça e começou a falar em mistério com Deus. Ele me abraçou e disse: Um dia Deus colocará alguém muito grande para te ajudar, um dia Deus vai abrir uma porta para você e você pregará para as nações. Eu era um garoto. E ele desceu da Kombi e eu guardei a palavra aqui, escondi. Os anos se passaram. E um dia eu estava no congresso dos Gideões em Campo Limpo e o pastor Cesino estava lá fazendo os Gideões. E eu era mais um solitário, um pregador do deserto, mas um garoto, Elias. E eu fui para o congresso, sentei no meio da multidão e fiquei lá. Meu amigo pastor Junior Cardoso ia pregar e o pastor Cesino passou o microfone para ele e ele disse: Antes que eu pregue, o pastor Eduardo Silva vai fazer uma oração. E eu subi. E eu orei não para me aparecer. Fiz uma oração Moisés, pastor Moisés. E enquanto eu orava, o pastor Cesino começou a chorar muito. Mas eu me assentei trinta segundos. Repita: Deus precisa apenas de trinta segundos para mudar a sua vida. O culto acabou e eu fui embora. Não conseguia chegar perto do pastor para cumprimentar. Eu dizia: Eu vou embora, ninguém me conhece aqui. Peguei meu carrinho velho e fui embora. Não voltei no culto da noite, não voltei no domingo de manhã, não voltei no da tarde e nem no da noite do domingo. Fui para a minha igreja. Fui levar um amigo para pregar na minha igreja em Campinas. Quando assentei-me no púlpito, Deus levantou uma irmãzinha simples e disse: Eu estou mudando a sua vida agora. E eu guardei a palavra. E quando eu estava voltando pela Anhanguera meu telefone disparou a tocar e não parava. E eu atendi e as pessoas diziam: Parabéns, o senhor vai pregar nos Gideões. Eu disse: É trote, quem sou eu pra pregar nos Gideões. Desligava uma ligação eu atendia outra: Vai pregar. Ah, pastor o senhor não me conhece, como é que o senhor tem meu celular. Ah, agora você vai pregar nos Gideões, a gente descobre tudo. E eu peguei e liguei para um amigo que estava no ginásio e perguntei: O que está acontecendo aí? E ele em lágrimas disse: Deus mudou a sua vida. Eu disse: Como assim? Pastor Cesino pegou o microfone no ginásio superlotado esperando o pastor Gilmar Santos e disse: Pensa que Deus não fala mais comigo? Aonde está o rapazinho que fez a

oração? Deus me disse que vai fazer dele um dos grandes pregadores e que é pra eu colocar ele nos Gideões para pregar.

Pega na mão do seu irmão e chacoalha ele, chacoalha, chacoalha ele e diz: Você acredita que Deus pode fazer na tua vida. Se ele falou que acredita, diga pra ele: Por que é que tá de boca fechada? Abre a boca e adora, abre a boca e adora a ele porque ele faz.

Eu peguei o meu carrinho velho e corri para o ginásio porque me disseram: O pastor Cesino está te esperando. Meu Deus, estava parecendo Davi quando Saul mandou chamá-lo na tenda para lutar com o gigante. Eu parei e bati o carro ainda. Quando eu cheguei no ginásio já pulei do carro e fui de encontro com o pastor. Não foi assim, meu pai? Ele me abraçou chorando e disse: Deus me disse que você será um dos pregadores dos Gideões Missionários da Última Hora. Sabe o que Deus está falando comigo aqui agora? Que ele quer fazer isto na vida de muitos que estão aqui. Eu vou tentar de novo: Deus está preparado, o céu está mobilizado, para levantar mais um, para exaltar mais um, para trazer mais um daí pra cá. Quem é o primeiro, quem é, quem é, quem é? Dá um pulo da cadeira e adora, adora, adora!

Fui pregar nos Estados Unidos no congresso dos Gideões. Quando eu voltei o pastor Cesino foi me levar no aeroporto. Quando eu desci no aeroporto de Viracopos, coloquei o carrinho na calçada, o espírito de Deus me visitou e disse: Eu estou falando com o meu ungido agora, que daquilo que eu dei ao meu servo, pastor Marco, eu estou repartindo com você. Eu disse: Eu estou ficando louco, eu estou ficando maluco. Quando eu cheguei em casa o meu telefone tocou e alguém dizia: Você está sentado? Eu disse: Por que? Porque o pastor Cesino voltou do aeroporto pra casa em lágrimas. E eu disse: Por que? Porque ele disse que Deus falou para ele que vai usar o pastor Marco para te dar um ministério de poder e de impacto.

Fica de pé comigo, fica. Foi assim, pastor Cesino? Por isso que eu contei, pastor. Nunca havia revelado isso para ninguém. Deus quer fazer isso com você. Está sentindo o ambiente? Ah, não acredito. Está sentindo a unção? Que unção é essa, pastor? É unção para levantar profetas. Eu vou repetir: Unção para levantar profetas. Eu vou encerrar.

Os doze pegaram o missionário, o ganhador de almas, o libertador de vidas e jogaram lá em baixo. Nem o nome deram. Mas Jesus vai buscar o pregador dele lá em baixo. Jesus olha para os discípulos e diz: Não o proibais. Sabe o que Jesus está dizendo? Não existem sistemas, não existem grupos, não existem regras humanas da terra capazes de parar uma chamada do céu. Ô meu irmão, acabou a bateria? Se você acredita, dá um pulo e glorifica, vai, vai, vai Gideões! Deus vai te honrar. Não proibais. Já pegou lá embaixo, porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim. Quem não é contra nós, não, não, não, Jesus não disse quem não é contra mim. Ele disse quem não é contra nós, é por nós. Ele está dizendo: Vocês querendo ou não, o missionário faz parte do projeto. Vocês gostando do tamanho dele ou não, do tipo do cabelo, do timbre da voz, da roupa dele ou não, eu também chamei, eu também enviei, eu também conheço. Levanta a mão pra adorar, levanta a mão pra adorar, levanta a mão pra adorar este Deus. Já pegou lá de baixo e agora colocou no mesmo nível dos discípulos: Quem não é contra nós é por nós. Já colocou no mesmo nível. Meu irmão, não queira excluir quem Jesus já incluiu. Não queira colocar para fora quem Jesus já colocou aqui dentro. A bíblia diz que chegou a hora do sacerdote Zacarias entrar no templo, na hora de Deus. E ele foi diferente de todos. Por que? Porque os outros entravam e saíam rapidinho, pastor Charles. Mas quando Zacarias entrou na hora de Deus, diz a bíblia, o povo estava todo maravilhado de que tanto Zacarias se demorava lá dentro do templo. Quando você entrar no projeto de Deus, quem estiver lá fora esperando você sair, eu vou mandar um recado: É melhor deitar, é melhor dormir, porque nós vamos demorar aqui, porque quem trouxe foi Deus, foi Deus, foi Deus. Quem pode adorar!

Já pegou lá em baixo, já colocou no mesmo nível. E agora Jesus vai colocar ele acima dos discípulos. Jesus olha para eles e diz: Vocês perderam a oportunidade. De quê? De dar um

copo de água para ele. O homem deveria ser servido por vocês. Como assim, senhor? Não, ô Pedro, ô Tiago, ô João, joga a pedra e pega um copo d'água, rapaz. Vocês não deveriam ter ido lá pra tentar parar o missionário. Vocês deveriam ter dado um copo de água. Sabe o que é copo d'água na bíblia? Sabe o que é copo d'água? Uma palavra de renovo, uma palavra de encorajamento, uma palavra de refrigério. Aqui não tem homens de aço e mulheres de aço, não. A gente precisa de vez em quando de você chegar, bater no ombro e dizer: Pastor Junior Bola, continua pregando porque Deus te usa pra falar comigo; eu estou orando por você; você não está sozinho. É copo d'água. Deus quer levantar uma geração que vai trocar a pedra, a língua grande, a fofoca na Internet, por um copo d'água, por um copo d'água, por um copo d'água! Olha para o irmão do lado e diz: É melhor jogar pedra. Fala para ele: Joga pedra. Deus vai levantar uma geração que vai dar água pra beber para os missionários. [línguas estranhas] Deus vai levantar uma geração que vai dar água até pela Internet. Em vez de falar do pecado dos outros, manda uma palavra e diz: Pastor Ângelo, Deus é contigo, pastor. Pastor Osvaldo prega, porque Deus é contigo. Pastor Lorinaldo, pastor Alisson, manda copo d'água, troca pedra pela água, troca pedra pela água! Por quê, pastor? Porque enquanto você for dando água, ele vai dando galardão, galardão, galardão... Quem pode adorar! Água, água.

Se eu estiver errado algum mestre me corrija aqui. Mas Elias possuía milhares de profetas, de discípulos. Elias tinha milhares de discípulos. Não era só Eliseu. E por que só Eliseu se destacou? Porque era o único que deitava água. Tem gente que não quer dar água ao outro porque não quer ver o ministério dele limpo. Na hora da crise... eu vou profetizar, se você crer levante a mão para receber. Na hora da crise, na hora da dificuldade, o povo vai lembrar de quem levava água. O rei olhou e disse: Tem profeta aqui? Tem, claro que tem. Quem é? É um que levava água para Elias. Deixa eu ver quem trouxe um copo d'água, deixa eu ver, deixa eu ver. Fica de frente com um irmão. Escolha um irmão e fica frente a frente com ele. Fique frente a frente com ele agora. Fique frente a frente com ele agora. Ó meu Deus do céu. Por que, pastor? Porque Deus vai te usar agora. Fica frente a frente com ele. Não deixa de olhar pra ele agora. Ó meu Deus do céu, olha bem nos olhos dele e com autoridade diga: Hoje você leva água para o profeta, mas amanhã a capa do profeta está no teu ombro, está no teu ombro, está no teu ombro. Recebe a capa, recebe a caba, recebe! Quem der água hoje, amanhã tem capa, amanhã tem capa, amanhã tem capa. [línguas estranhas]

Coloque a mão no coração, coloque, rápido, rápido, mão no coração, mão no coração, todos. Por que, pastor? Porque Deus vai mostrar agora quem ele está separando. Mão no coração. E ore bem forte comigo dizendo: Deus, se nesta tarde o senhor está me separando para uma nova fase do meu ministério, para que eu saiba, para que todos saibam que a minha vida está sendo cheia, eu te peço, dai-me um sinal, abra os céus e derrama sobre a minha vida a maior experiência com a tua glória. Mas eu quero agora, agora, agora, agora!